



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Ângela Aguiar Dias

**A DIVERSIDADE CULTURAL, COMO UM ELO
ENTRE A GEOGRAFIA E A MÚSICA**

UMA PROPOSTA DE ESTRATÉGIA DIDÁTICA

Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino da Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário orientado pela Professora Doutora Adélia de Jesus Nobre Nunes e pelo Professor Doutor João Luís Jesus Fernandes apresentado ao Conselho de Formação de Professores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Outubro de 2022

FACULDADE DE LETRAS

A DIVERSIDADE CULTURAL, COMO UM ELO ENTRE A GEOGRAFIA E A MÚSICA UMA PROPOSTA DE ESTRATÉGIA DIDÁTICA

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	A Diversidade Cultural, como um elo entre a Geografia e a Música
Subtítulo	Uma Proposta de Estratégia Didática
Autora	Ângela Aguiar Dias
Orientadores	Adélia de Jesus Nobre Nunes João Luís Jesus Fernandes
Júri	Presidente: Doutor Paulo Nuno Maia de Sousa Nossa Vogais: 1. Doutora Maria de Fátima Grilo Velez de Castro 2. Doutora Adélia de Jesus Nobre Nunes
Identificação do Curso	2º Ciclo em Ensino de Geografia no 3º ciclo do ensino Básico e Ensino Secundário
Área científica	Formação de Professores
Especialidade/Ramo	Ensino da Geografia
Data da defesa	24-outubro-2022
Classificação do Relatório	17 valores
Classificação do Estágio e Relatório	17 valores



Ângela Dias

A Diversidade Cultural, como um elo entre a Geografia e Música. Uma proposta de Estratégia Didática

Ao Ti Manuel e à Ti Isolina,

Com saudade.

Agradecimentos

À Professora Cooperante Maria da Luz, obrigada pelas aprendizagens, confiança, ensinamentos e orientação ao longo deste ano letivo.

Agradeço à Professora Orientadora Adélia Nunes, pela disponibilidade, paciência, partilha de ideias, desabafos, acompanhamento deste relatório nas demais etapas de construção do mesmo e pelo acompanhamento do estágio ao longo do presente ano letivo.

Ao Professor Coorientador, João Luís Fernandes obrigada pelas ideias, críticas e ensinamentos sobre a diversidade cultural e toda a panóplia científica do tema.

Aos meus pais e irmã por estarem sempre presentes nos momentos mais importantes da minha vida, pela confiança que depositaram em mim ao longo da jornada em Coimbra, sem eles não seria possível esta conquista. De certa forma, é também uma conquista deles. Muito obrigada.

Aos meus amigos, à Sara Faria, afilhada de praxe e grande amiga, pelas conversas, aprendizagens e partilha de ideias, à Patrícia Matias, a Boss, pelas grandes e longas conversas e pelo ambiente criado no trabalho. À Vittoria, pelas vivências e pelo companheirismo ao longo do tempo de estudante.

Ao Nuno, que apesar de não estar na minha vida desde o início desta etapa tem-me acompanhado ao longo destes últimos anos, dando-me força para ultrapassar os diversos obstáculos que a vida me tem colocado.

Resumo

O presente Relatório de Estágio tem como objetivo primordial a reflexão sobre as atividades realizadas ao longo do ano letivo 2019/2020, que terminou com a realização de Estágio Pedagógico Supervisionado. Este foi realizado no Colégio São Teotónio, em Coimbra, junto de uma turma de 8ºano, onde tive a primeira oportunidade de lecionar e conviver com a turma à qual estive afeta durante um ano letivo.

O culminar do relatório, apresenta uma proposta de estratégia para o tema da Diversidade Cultural, utilizando a música como um recurso didático. A música, desempenha um papel fundamental nas sociedades contemporâneas, uma vez que a maioria da população é consumidora deste recurso. Além disso, é igualmente abordada a existência da transversalidade entre disciplinas, nesse sentido e uma vez que a turma afeta ao estágio se enquadra no regime de Ensino Integrado, considera-se uma mais-valia a complementaridade entre as demais áreas do saber e do currículo. Assim e mediante o apresentado, o trabalho de grupo é também um tema contemplado no relatório, considerando-se uma mais-valia para o desenvolvimento pessoal. No relatório, é também apresentada uma reflexão sobre o Ensino a Distância, que não ocorreria em “condições normais”, onde relato a minha experiência bem como aquilo que foi feito ao longo do 3ºperíodo.

Para finalizar, este relatório vem então criar uma nova relação e abordagem ao ensino convencional, priorizando a transversalidade disciplinar como uma mais-valia para o aluno no decorrer de todo o processo ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Diversidade Cultural, Música, Estratégia Didática, Trabalho de Grupo e Ensino a Distância.

Abstract

The present Internship Report aims to reflect upon the activities conducted throughout the school year 2019/2020, which ended with the completion of the Supervised Pedagogical Internship. This internship was carried out in Colégio São Teotónio in Coimbra, with an 8th year class, where I had the first opportunity to teach and to spend time with the class, I worked with for the duration of the school year.

The culmination of the report proposes a strategy for the theme of Cultural Diversity, using music as a teaching resource. Music plays a fundamental role in contemporary societies, as most of the population consumes it. The transversality between subjects is also approached; as the class involved in the internship is in the Integrated Teaching regime, the complementarity between the areas of knowledge and the curriculum is considered to be beneficial. Bearing in mind what is presented, group work is another theme discussed in the report, being considered a useful tool for personal development. In the report, a reflection on Remote Teaching (which would not have occurred under “normal” conditions) is also presented, where I report my experience, as well as what was achieved during the 3rd period.

In conclusion, this report comes then to create a new relation and approach to the conventional teaching, prioritizing the disciplinary transversality as an added value for the student during the whole teaching-learning process.

Keywords: Cultural Diversity, Music, Didactic Strategy, Group Work, Remote Teaching

Índice

Resumo

Abstract

Capítulo I – INTRODUÇÃO.....	9
1.1 Enquadramento do Tema.....	9
1.2 Objetivos e Estrutura	10
1.3 Metodologia.....	11
Capítulo II – CARATERIZAÇÃO E ANÁLISE DAS ATIVIDADES REALIZADAS DURANTE O ESTÁGIO PEDAGÓGICO.....	13
2.1 Caraterização da Escola.....	13
2.2 Caraterização do Núcleo de Estágio.....	15
2.3 Caraterização da Turma.....	16
2.4 Atividades desenvolvidas durante o Estágio Pedagógico	17
2.4.1 Atividades Letivas	18
2.4.2 Atividades não Letivas	19
2.5 Reflexão sobre a prática docente.....	22
Capítulo III – A DIVERSIDADE CULTURAL.....	25
3.1 O conceito de Diversidade Cultural	25
3.2 Os fatores de Identidade Cultural.....	28
3.3 A música como um fator de Identidade Cultural	31
3.4 O contributo das Migrações na Diversidade Cultural	33
3.5 A Globalização como um processo Multicultural e Intercultural	35
3.6 A Aculturação como consequência da Diversidade Cultural	38
Capítulo IV – PROPOSTA DA ESTRATÉGIA DIDÁTICA	43

4.1 Enquadramento da Diversidade Cultural nas Metas Curriculares do 3ºCiclo do Ensino Básico de Geografia (7º,8º e 9º ano)	43
4.1.1 Abordagem Legislativa.....	43
4.1.2 A presença da Diversidade Cultural nas Metas	44
4.2 Enquadramento da Diversidade Cultural nas Aprendizagens Essenciais.....	45
4.2.1 Abordagem Legislativa	45
4.2.2 A presença (ou ausência) da Diversidade Cultural nas Aprendizagens Essenciais	47
4.3 Reflexão sobre a organização do tema no manual	49
4.4 A Música como estratégia inerente à prática letiva	51
4.4.1 O papel da música no desenvolvimento do Homem	51
4.4.2 A Música como fator de socialização	53
4.4.3 A Música como recurso didático nas diversas áreas do saber	55
4.4.4 A Música como um instrumento didático na Geografia.....	56
4.5 O Trabalho de Grupo no processo Ensino-Aprendizagem.....	59
4.6. Proposta de uma estratégia didática	61
4.7. Resultados.....	65
4.8. Alternativa à proposta inicial em contexto Ensino a Distância (E@D)	65
Capítulo V – O ENSINO A DISTÂNCIA – O CONHECIMENTO EMPÍRICO DE QUEM CONVIVEU COM ESSA REALIDADE	79
5.1. Contextualização do Ensino a distância (E@A).....	79
5.2. O Ensino a distância (E@A) na Escola	81
Capítulo VI – CONSIDERAÇÕES FINAIS	83

Bibliografia 85

Anexos 92

Capítulo I – Introdução

1.1 Enquadramento do Tema

O Relatório de Estágio é considerado o culminar de um ano de trabalho, partilha e dedicação da primeira experiência de docência que os alunos de Mestrado em Ensino da Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, se propuseram a realizar ao longo do 2º ano de curso. Nesse sentido, o relatório tem o objetivo de enunciar e enumerar todas as atividades letivas e extralectivas desenvolvidas por mim ao longo do ano letivo 2019/2020 realizadas no Colégio São Teotónio em Coimbra e na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Além disso, serve também para a apresentação de uma reflexão científica sobre o tema da Diversidade Cultural, bem como as demais estratégias didáticas utilizadas ao longo do presente ano.

A escolha do tema não foi uma tarefa fácil, pois a nível pessoal a área da Geografia à qual estou mais afeta é a Geografia Física. No entanto, segundo a planificação anual da disciplina, o domínio das atividades económicas é somente lecionado no 9º ano do ensino básico, deixando então a Geografia Física de parte no decorrer do ano letivo. A Diversidade Cultural, como tema principal da estratégia, surge então de uma forma inesperada, mas bastante interessante do ponto de vista didático. Como mencionado anteriormente, a turma 8ºX são alunos de Música, concedendo-se então como fator crucial no desenrolar do tema, aliando, como o próprio título indica, o ensino da Geografia com o ensino da Música. Assim, o ensino da música no Colégio de São Teotónio, corresponde a um ensino articulado que, segundo a legislação em vigor, surge como a “frequência de um curso artístico especializado quando assegurado por duas escolas distintas”, e ensino integrado, ou seja, “a frequência de um curso artístico especializado quando assegurado por um único estabelecimento de ensino” (Portaria n.º 223-A/2018).

No entanto, devido à pandemia que o país e o mundo enfrentam, a estratégia didática não foi aplicada, as planificações definidas inicialmente foram revistas e readaptadas, os alunos e professores enfrentaram novos desafios do Ensino, instalando-se, de forma rápida e inesperada o ensino a distância. Nesse sentido, os professores e toda a comunidade escolar enfrentam ruturas nos modelos anteriores, medos, ansiedades e alguma incerteza nos tempos que se avizinhavam. Assim sendo, ao longo do relatório é

também privilegiado o ensino à distância, bem como algumas estratégias que fui desenvolvendo, umas em individual outras em conjunto com a Professora cooperante e outra Professora Estagiária, ao longo do 3º período.

1.2 Objetivos e Estrutura

Uma vez escolhido o tema, iniciei esta jornada com a definição de objetivos basilares, essenciais e fulcrais para o seu sucesso do presente relatório. Nesse sentido, foram definidos alguns objetivos iniciais, que ao longo dos tempos se foram adaptando à realidade, assim sendo e como ponto de partida foram estabelecidos os seguintes: i) escolha e definição do tema; ii) ponderação e escolha da respetiva estratégia; iii) como implementar a estratégia e como desenvolver a mesma. Estes três objetivos inaugurais foram também, de certa forma, as premissas essenciais e iniciais para este ano de estágio e a partir deles toda a estratégia, base científica e contextualização, foi fluindo a bom porto.

Após um primeiro contacto com o tema e tendo como base os objetivos anteriormente descritos, surgiram os objetivos específicos do trabalho, sendo eles: a) caracterização do ambiente escolar – caracterização da turma, escola... – e reflexão da prática pedagógica supervisionada; b) apresentação da diversidade cultural e dos conceitos associados à temática, para uma possível fundamentação teórica do tema; c) desenhar e explicitar a complexidade da estratégia didática, nomeadamente através das ferramentas utilizadas; d) salientar a importância do trabalho de grupo, através da criação de grupos heterogêneos e homogêneos.

Assim, o culminar dos objetivos definidos anteriormente resultou na existência de seis capítulos. O *Capítulo I*, aborda a introdução ao tema, clarificando o porquê do tema escolhido bem como a pertinência do recurso didático escolhido. É também referido os objetivos de base bem como toda a estrutura que irá guiar o decorrer da análise e leitura do relatório. Neste mesmo capítulo são abordadas também as metodologias utilizadas para a realização da proposta de estratégia didática utilizada.

Num segundo momento, que corresponde ao *Capítulo II*, é feita a caracterização e análise das atividades realizadas ao longo do estágio. Inicia-se com a caracterização da

escola, da turma, das atividades letivas e não-letivas realizadas ao longo dos anos, bem como a reflexão crítica da minha experiência pedagógica.

No *Capítulo III* será apresentada uma revisão científica, bem como os diversos conteúdos afetos ao tema. Serão também explorados e contextualizados cientificamente os conceitos abordados nas aulas, bem como aqueles que não foram, mas que de certa forma se tornam pertinentes ao estudo.

O *Capítulo IV*, apresenta a proposta didática. Inicia-se com uma breve reflexão sobre os materiais de orientação disponíveis para os docentes de Geografia, como as Metas Curriculares, as Aprendizagens Essenciais e o Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória. É também referida uma crítica sobre o manual e a organização que o mesmo apresenta relativamente ao tema da Diversidade Cultural. Explora-se igualmente o papel da Música nas sociedades e como recurso didático. É feita também uma reflexão sobre o trabalho de grupo, abordando as demais referências bibliográficas existentes. Por fim, apresento então a proposta didática, bem como a adaptação da proposta no contexto ensino à distância.

No penúltimo capítulo, *Capítulo V*, o Ensino à distância, como uma nova realidade. Neste sentido, o capítulo encontra-se fundamentado com uma base científica sobre o tema e com a minha experiência enquanto professora, na adaptação a esta nova realidade.

Por fim, o *Capítulo VI*, resume-se às considerações finais do relatório de estágio.

1.3 Metodologias

Para a preparação da proposta de estratégia didática bem como toda a componente do capítulo II, foram tidas em conta as indicações fornecidas pela professora cooperante, bem como o plano anual de atividades da disciplina/planificação a longo prazo.

Inicialmente com o intuito de aplicar a estratégia, foram estabelecidas algumas balizas para o delinear a estratégia, desde a introdução do tema, à própria estratégia em si. Também foi tido em consideração a possível transversalidade disciplinar, com as disciplinas integrantes do ensino integrado.

A recolha de dados sobre o tema foi feita essencialmente, através das demais fontes bibliográficas exploradas, nas quais inicialmente estabeleci o que seria pertinente ou não de ser abordado ao longo do estudo da unidade temática. O início do estudo da *Diversidade Cultural*, diz respeito aos fatores de identidade cultural, onde foi utilizado um esquema que compilasse todos os elementos de forma a facilitar o estudo e a compreensão do tema pelos alunos. Nesse sentido, destaquei a Arte como fator principal, onde se enquadra o recurso utilizado, a música.

Perante a situação pandémica que levou à introdução do ensino à distância, houve a impossibilidade de colocar em prática a estratégia elaborada. No entanto, para suprimir a ausência da estratégia planeada, recorri a outra estratégia, menos elaborada e ambiciosa, face à proposta inicial, promovendo sempre a criação de um certo dinamismo em sala de aula.

Capítulo II – Caracterização e análise das atividades realizadas durante o Estágio Pedagógico

A unidade curricular de Estágio e Relatório está contemplada no plano curricular do Mestrado em Ensino da Geografia no 3º ciclo Ensino Básico e Ensino Secundário. Os objetivos da mesma, passam pela integração do aluno – professor estagiário – nas atividades relacionadas com a docência numa escola exercendo a profissão de professor, sempre de uma forma supervisionada. Nesse sentido, é possível aplicar diversas técnicas e ferramentas que foram adquiridas no âmbito das unidades curriculares realizadas no 1º ano de mestrado, bem como a aplicação de práticas e competências adquiridas ao longo dos três anos de Licenciatura em Geografia.

O estágio pedagógico permitiu-me um contacto direto com a futura profissão, sendo então um importante marco na transição entre a vida académica e a vida profissional. Assim, o mesmo apresenta elevada importância, o qual lhe é concedido o devido destaque ao longo do presente capítulo. Nele serão abordados os seguintes tópicos: a caracterização do núcleo de estágio, a caracterização da turma onde realizei a prática docente e as atividades desenvolvidas, sendo elas as atividades letivas e as não letivas. Para finalizar, será igualmente importante balizar o compasso temporal da realização do estágio, iniciando-se a 01 de outubro de 2019 e terminado a 26 de julho de 2020 no Colégio de São Teotónio, em Coimbra.

2.1 Caracterização da Escola

O estágio pedagógico supervisionado ocorreu numa escola do concelho e do distrito de Coimbra, realizando-se então no Colégio de São Teotónio. Este localiza-se na Rua do Brasil, nº49 pertencendo à Freguesia de Santo António dos Olivais, sendo ela a maior freguesia do concelho, com aproximadamente 60 mil habitantes (figura 1). Com características urbanas, bem definidas e marcadas, a freguesia é dotada de inúmeros serviços, como o Hospital da Universidade de Coimbra, o Hospital Pediátrico, Escolas,

Correios, Piscinas Municipais, Centros Comerciais, entre outros, que lhe conferem o grau de freguesia urbana.



Figura 1 - Enquadramento Geográfico do Colégio São Teotónio (Fonte: Google Earth)

O Colégio, por se localizar numa das ruas mais movimentadas da cidade, Rua do Brasil, acaba por condicionar a saída dos alunos. Assim sendo, a maior parte do tempo letivo é passado nas imediações do mesmo, conferindo-lhe uma grande proximidade entre toda a comunidade escolar envolvente. Essa proximidade, entre toda a comunidade define-se como um aspeto bastante positivo, tanto para o próprio desenvolvimento do aluno em termos pessoais e académicos, como para o desenvolvimento do estágio, pois apesar de ter sido uma professora estagiária senti-me realmente acolhida por toda a comunidade.

Fundado em 1963 sob a alçada da Diocese de Coimbra, o Colégio assume-se como uma Escola de carácter Humanista e Cristão, caracterizado por ser um espaço ímpar no qual a formação, quer seja científica, humana e cristã tem a capacidade de educar cumprindo os programas oficiais em vigor. Assim sendo, a sua missão é definida pelo seguinte lema **Colégio São Teotónio, o humanismo cristão, um projeto educativo, uma escola plural.**

Atualmente, frequentam o colégio cerca de 614 alunos, divididos pelos demais anos e ciclos de escolaridade. Dotado de diversos equipamentos e infraestruturas, o colégio tem ao dispor da comunidade escolar um pavilhão gimnodesportivo, uma

biblioteca, equipada com computadores disponíveis para a utilização dos alunos com acesso à Internet, um refeitório comum, uma sala de professores, igualmente equipada por um computador, gabinetes de apoio para a utilização dos docentes, espaços amplos, edificadas e abertos, um bar, uma reprografia, um cineteatro entre outros. A oferta educativa, é bastante variada assim a escola dispõe todos os níveis de ensino – desde a creche/jardim-de-infância até ao Ensino Secundário, regular e profissional – aglomerados no mesmo edifício, bem como Serviços de Psicologia e Orientação Escolar, Gabinete de Apoio a Alunos com Necessidade Educativas Especiais, posto médico e alguns clubes, como o da Fotografia, da Ciência, da Saúde, entre outros. À parte desta organização, o colégio dispõe ainda de uma residência, masculina e feminina, para a utilização acompanhada e supervisionada dos alunos.

Em relação aos diversos níveis de ensino, a escola tem ao dispor dos alunos um curso de formação musical, na qual funciona a Escola de Música. Apesar de se enquadrar no mesmo Colégio, apresenta uma oferta educativa bastante vasta, contendo dezanove tipos instrumentos musicais à disposição dos alunos, reconhecidos nos programas oficiais do Ministério da Educação.

Nas imediações do Colégio, funciona também a Escola de Teatro, que enquadra o Curso Profissional de Artes do Espetáculo, na vertente de Interpretação, como alternativa ao Ensino Secundário Regular. Além das características mencionadas, o Colégio dispõe de uma Escola de Judo para todos os alunos que queiram participar.

Para finalizar, o Colégio dispõe de uma plataforma *E-learning* (<https://elearning.steotonio.pt/login/index.php>), para utilização dos professores, alunos e dos encarregados de educação e de um *site* (<https://www.steotonio.pt/site/>) na qual estão disponíveis diversas informações sobre funcionamento do Colégio, da Escola de Música, da Escola de Teatro e da Residência de Estudantes.

2.2 Caracterização do Núcleo de Estágio

O núcleo de Estágio foi constituído por duas professoras estagiárias: Ângela Dias e Jéssica Morais. Para a devida orientação e auxílio do ano de estágio na Escola, houve a orientação da Professora Maria da Luz Campos e na Faculdade a orientação da Doutora Adélia Nunes.

Das turmas de 8ºano afetas à Professora orientadora no ano letivo 2019-2020, eu e a minha colega viríamos a ficar com o 8ºX e o 8ºY, sendo que não se realizou qualquer tipo de sorteio para a escolha das turmas a que iríamos lecionar, pois pela via do diálogo decidimos que a Professora Estagiária Jéssica, ficaria com o 8º Y e eu com o 8ºX.

2.3 Caraterização da Turma

A turma do 8ºX é constituída por vinte e seis alunos, sendo que, catorze deles são do sexo masculino e os restantes doze do sexo feminino. A idade dos alunos encontra-se compreendida entre os doze e treze anos (gráfico 1). A turma em questão não tinha nenhum aluno com Necessidades Educativas Especiais, nem com algum tipo de medidas de apoio curricular ao processo de avaliação.

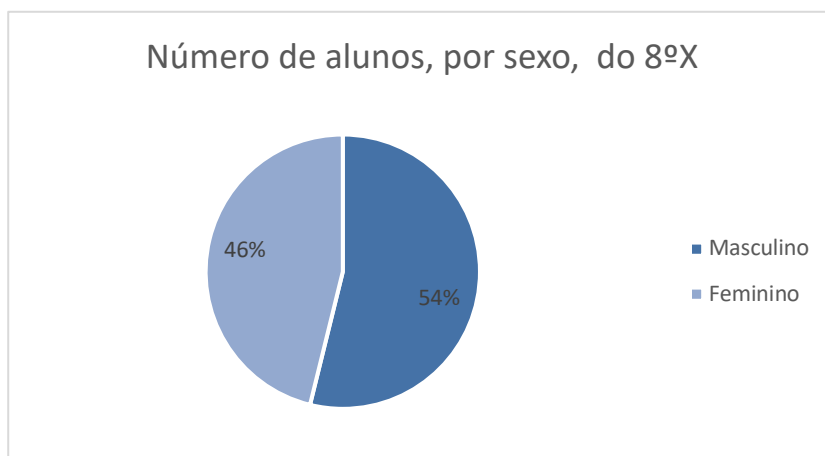


Gráfico 1: Número de alunos por sexo no 8ºX

É uma turma caraterizada por bons resultados académicos, não existindo alunos com retenções em anos letivos anteriores. Nesse sentido, no ano letivo anterior, 2018-2019, quinze dos alunos da turma era alunos de quadro de honra, com notas de excelência, tornando-se uma turma com um aproveitamento muito positivo. Em relação ao comportamento geral da turma, foi considerado bom tendo vindo a melhorar ao longo do presente ano letivo. É de salientar que não existem alunos internos/residentes e que todos eles frequentam a Escola de Música do São Teotónio (EMST).

Ao frequentarem a EMST, os alunos continham no seu currículo escolar a frequência a disciplinas associadas ao ensino musical, nomeadamente à prática e aprendizagem de um instrumento musical. Assim, o gráfico seguinte demonstra a distribuição dos alunos mediante o tipo de instrumento musical estudado (gráfico 2). De salientar que 34,6% dos discentes, ou seja, nove alunos, aprendem Piano, seguindo-se a

Guitarra Clássica com 26,9% (7 alunos) dos estudantes. Os instrumentos de sopro – clarinete, trompete e flauta de bisel – comportam somente três alunos, um por cada instrumento. Nesse sentido, é possível afirmar que os instrumentos de cordas – guitarra clássica, violino e viola – são aqueles que comportam grande parte dos alunos, contabilizando um total de doze estudantes, cinco raparigas e sete rapazes.

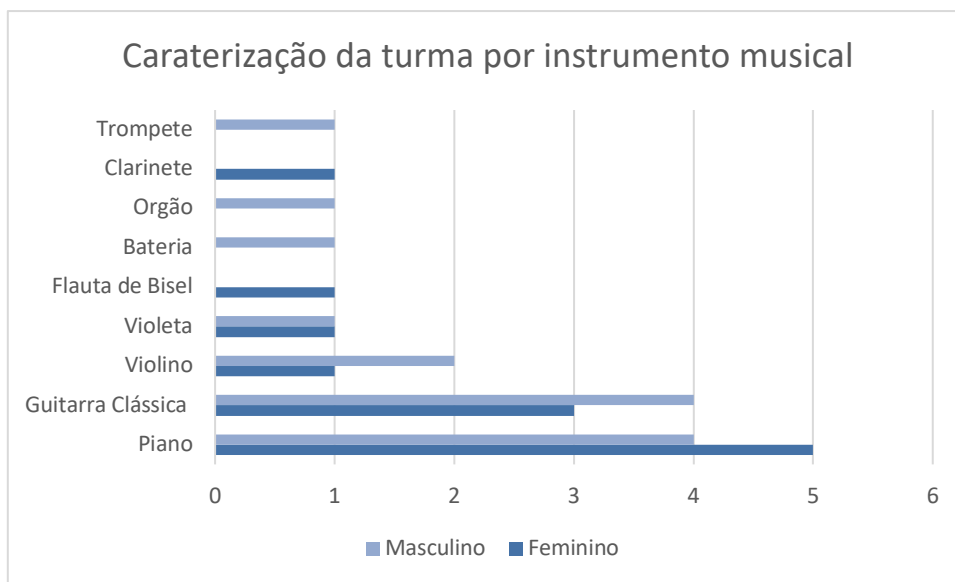


Gráfico 2: Caracterização da turma por instrumento musical

Em relação ao aproveitamento à disciplina de Geografia, os alunos apresentaram um progresso bastante positivo ao longo do ano letivo e nesse sentido, é importante salientar que ao longo dos três períodos não existiu nenhuma classificação inferior a 3 na pauta. A média da turma no 1º período foi de 3,58 tendo aumentado para 4,15 no segundo período. Em relação ao terceiro período, as notas não sofreram alterações uma vez que foi lecionado em contexto ensino a distância e por decisão da escola, os resultados obtidos no 2º período foram os decisivos para transição ou retenção do aluno.

2.4 Atividades Desenvolvidas durante o Estágio Pedagógico

As atividades desenvolvidas ao longo de todo o estágio pedagógico constituem uma mais-valia para o sucesso deste ano crucial e experimental da experiência docente. Assim, ao longo do presente ano letivo, enquanto estagiária desenvolvi algumas atividades, que se culminam em duas vertentes, as letivas – desenvolvidas na turma 8ºX – e as não letivas, ou seja, as que não se desenvolvem durante o tempo letivo em sala de aula.

2.4.1 Atividades letivas

As atividades letivas foram desenvolvidas numa turma de 8ºano, como já referi anteriormente. Estas atividades iniciaram-se em outubro, onde primeiramente realizamos somente a observação das aulas lecionadas pela professora cooperante. A presença assídua às aulas, de ambas turmas afetas ao estágio, permitiu inicialmente observar como se organiza e estrutura uma aula de 50 minutos e quais as estratégias que deveríamos adotar para cada turma, pois eram turmas com características bastante diferentes, havendo uma com mais dificuldades que outra. Permitiu também o primeiro contacto com os alunos, mas também o primeiro contacto dos alunos com as futuras professoras estagiárias. Foi também possível verificar qual a dinâmica de grupo existente em cada turma, o que facilitou o processo de escolha das estratégias a adotar ao longo do ano letivo em questão.

Como referido no Plano Anual Geral de Formação da FLUC, para o ano letivo 2019/2020, os professores estagiários, deverão lecionar entre 28 e 32 aulas de 45 minutos, aplicando-se diretamente ao meu estágio em concreto, dois tempos por semana com a duração de 50 minutos cada. Nesse sentido, a primeira aula realizou-se a 15 de novembro de 2019, lecionada e conduzida por mim na íntegra, sempre sob a orientação e supervisão atenta da Professora cooperante. No decorrer das aulas, ao longo do ano letivo, esteve sempre presente a Professora Maria da Luz e a Professora Estagiária Jéssica Morais. Em determinadas circunstâncias, nomeadamente antes dos testes, a Professora Maria da Luz assegurava as aulas.

Além do mencionado anteriormente, foi também realizada uma aula assistida com a Professora Orientadora da Faculdade, Adélia Nunes a 24 de janeiro 2020 em contexto sala de aula e uma aula, em contexto virtual, dado o cenário de Covid-19.

Para a preparação das aulas que lecionei, houve um trabalho prévio, nomeadamente a revisão dos conteúdos programáticos da aula, bem como a consulta de diversas fontes bibliográficas de forma a aprofundar, enriquecer e relembrar o conhecimento que outrora adquiri, nomeadamente durante os três anos de licenciatura. Nesse sentido, era elaborada a planificação a curto prazo das aulas que incorporava os conceitos fundamentais que os alunos deveriam de reter, o esquema concetual e a estratégia didática que seria aplicada. Para a elaboração das planificações, segui o modelo que desenvolvi ao longo das aulas de Didática da Geografia – 1º semestre – e de Práticas

em Investigação no Ensino da Geografia – 2º semestre – que tive no decorrer do primeiro ano de mestrado. Assim, em anexo ao relatório existe um modelo de planificação utilizado na aula, assim como o PowerPoint. (anexo 1 e 2) Todas as estratégias e materiais usados, foram bastante ponderados e adaptados às características da turma. No decorrer do estágio, realizei também fichas de trabalho, uma questão aula, critérios e grelhas de correção das fichas de avaliação sumativa. (anexo 3)

Porém, com a existência da escola à distância, iniciadas na penúltima semana do 2º período, as aulas foram novamente readaptadas. Nesse sentido, tanto eu como a minha colega de estágio, voltamos ao ativo somente no 3º período, com a observação de três aulas, de cada turma. Assim sendo, iniciei novamente as aulas dia 29 de abril de 2020 e terminei a 26 de julho de 2020.

As aulas *online*, foram lecionadas na plataforma *Teams* e na plataforma *E-learning* do Colégio, com um ritmo diferente de trabalho, quando comparado com o modelo que estava habituada, apresentando-se mais curtas do que os habituais 50 minutos. Assim, foram dadas aos alunos orientações claras, específicas e bem delineadas sobre a matéria que iria ser abordada em cada reunião. Além disso, foram criados e redefinidos os critérios de avaliação da disciplina, de acordo com o estipulado na Escola, ponderando com mais cotação no 3º período as atitudes e os valores dos alunos. Para isso, no decorrer de cada aula, houve um conjunto de tarefas que os alunos teriam de realizar, como por exemplo: perguntas do manual, realização de *Kahoots*, plataforma online de perguntas, (<https://kahoot.com>), visionamento de vídeos, realização de uma ficha de aprendizagens, aplicação da matéria em contexto real, realização de fichas de acompanhamento à visualização de filmes, entre outras.

2.4.2 Atividades não letivas

As atividades realizadas ao longo do estágio não se desenvolveram somente dentro das quatro paredes em sala de aula, tendo havido espaço e predisposição para a participação, quer individual quer em conjunto com a colega, em outras atividades de igual relevância e importância. Estas atividades, revelaram-se cruciais no processo ensino-aprendizagem do núcleo de estágio, sendo também uma fonte de motivação para o desenvolvimento enquanto futura docente de Geografia.

Enquanto núcleo, tivemos a oportunidade de participar e observar as diversas reuniões das duas turmas, desde as intercalares, que ocorrem geralmente a meio de cada período, às reuniões de final de período. Nelas, abordavam-se temas como o comportamento, aproveitamento e algumas situações que se revelavam pertinentes para o sucesso académico dos nossos alunos. Além disso, apresentavam-se também algumas estratégias de enriquecimento, bem como planos que integrassem o projeto educativo que a escola oferece. No final das mesmas, o diretor de turma, tinha como função a elaboração da ata, bem como a verificação dos alunos que necessitam ou não de apoio às demais disciplinas. Nesse sentido, colaboramos também na orientação, sempre supervisionada dos apoios à disciplina de Geografia junto dos 8ºanos e 9ºanos, afetos à professora cooperante, que primeiramente foram em contexto letivo normal e depois *online*.

Além do mencionado anteriormente, enumero também algumas atividades em que participei no ano letivo 2019/2020, até ao encerramento da escola devido à pandemia Covid-19, que afetou o país. Nesse sentido, destaco a participação nas seguintes atividades do Colégio São Teotónio:

- Eucaristia dos 7º e 8º anos, 23 de outubro de 2019
- Café-Concerto, dia 17 janeiro de 2020;
- Eucaristia do Dia de São Teotónio, 20 fevereiro de 2020;
- Participação na sessão de esclarecimento sobre *Comportamentos a adotar durante uma saída noturna*, ministrada por um agente da Polícia de Segurança Pública de Coimbra, um Inspetor da Polícia Judiciária e dois professores de artes marciais e de autodefesa, 20 fevereiro 2020;
- Participação na visita de estudo, com os alunos de 12ºano, ao *Mosteiro de Santa Cruz*, Coimbra, 20 fevereiro 2020;
- IV Festival da Canção do Colégio de São Teotónio, 6 de março 2020;

Das poucas atividades que realizei ao abrigo da Formação de Professores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, no presente ano letivo, destaco as seguintes:

- Sessão de abertura dos Estágios Pedagógicos da Faculdade, que culminou com a eleição do representante dos alunos e com a eleição do representante dos orientadores, no Concelho de Formação de Professores, 23 setembro de 2019;

- Sessão de abertura do Mestrado em Ensino de Geografia no 3ºCiclo e Ensino Secundário, 23 de setembro 2019.

Para finalizar, torna-se relevante salientar que ao longo de todo o mestrado em Ensino, participei em numerosas atividades que merecem algum destaque no presente relatório, pois acabaram por ser o primeiro contacto direto com a profissão docente, nomeadamente:

- I Laboratório em Ensino, realizado na Escola da Luz, em Arronches de 29 de janeiro a 2 de fevereiro de 2018, onde foram desenvolvidas as seguintes atividades:
 - Observação e comentário crítico das aulas;
 - Participação em atividades letivas, como testes e participação em trabalhos de grupo;
 - Lecionação de aula;
 - Observação e discussão de aulas em contexto PIEF-LIJE;
 - Participação em atividades extralectivas, como a comemoração do dia da Escola;
 - Visita de estudo ao património – ambiental e histórico – do local/região.
- Participação nas diversas sessões, organizadas pela Formação de Professores da FLUC e pelo Núcleo de Estudos em Ensino, referentes aos “I Encontros com a Profissão de Professor”, no ano letivo 2017/2018;
- III Jornadas de Pós-Graduação em Didática e Ensino, dia 26 de fevereiro de 2018;
- II Colóquio em Didática e Ensino da FLUC – Desafios do Currículo Escolar no século XXI, exercendo funções no secretariado, dia 9 de junho de 2018;
- Participação nas sessões organizadas pela Formação de Professores da FLUC e pelo Núcleo de Estudos em Ensino, referentes ao “II Encontros com a Profissão Docente”, no ano letivo 2018/2019;
- Participação no Seminário “Desgaste da Profissão Docente” organizado pelo Sindicato dos Professores da Região Centro, a 2 de março de 2019, Coimbra.

Além das atividades mencionadas ao longo dos anos, frequentei as aulas de seminário I – coordenadas pela Professora Adélia Nunes e pelo Professor Albano

Figueiredo – e as aulas de seminário II – coordenadas pela Professora Fátima Velez de Castro. Nesses seminários, eram fornecidas ferramentas e orientações claras para o sucesso do estágio e relatório, funcionando também como aulas de debate e partilha de experiência de todos os estagiários dos diversos núcleos existentes.

2.5 Reflexão sobre a prática pedagógica supervisionada

A reflexão sobre a prática pedagógica supervisionada é o encerramento de mais uma etapa académica, pessoal e o início da vida profissional. O presente ano de estágio foi marcado por diversos sentimentos, desde a ansiedade ao medo e da insegurança ao nervosismo. Foi um ano intenso e de grandes aprendizagens, não só pelo estágio, mas também pela atividade profissional que desempenhei.

O ano de estágio fica marcado por uma experiência agri-doce, pois por um lado foi o início de uma carreira docente, por outro foi a implementação do ensino à distância, que no fundo é ingrato para os docentes e para mim foi o encerrar desta etapa. Se retomar ao início da história, a primeira vez que subi ao estrado para dar a aula foi assustador, não pela turma, não pelos alunos, não pela professora nem pela colega estagiária, mas sim pelo novo desafio que acabava de se iniciar. O sentimento de nervosismo tomou conta dos 50 minutos de aula, que para mim pareceram horas, todos os passos, movimentos, vozes dos alunos foram vistos como uma ameaça, pois naquela aula era tudo novo. Nessa aula saí derrotada e pensei “acho que não sou feita para isto”, mas não desisti, continuei e persisti. A insegurança que senti quanto às minhas capacidades, conhecimentos e futura profissional, foi de facto um desafio constante, pois para cada aula tentava ao máximo explorar todo o campo científico do tema, indo ao fundo das questões, para não deixar, ou pelo menos tentar, uma única ponta solta, para no fundo esconder as minhas franquezas e fragilidades quanto ao tema. Queria no fundo, estar à altura da responsabilidade de ensinar, ser uma boa professora, sendo esta a premissa principal para mim, e claro, estar à altura da confiança que me foi depositada pela Professora Cooperante.

O tempo foi passando, a ansiedade e nervosismo foram desaparecendo e de repente, tudo mudou, tornou-se simples e claro, resumindo-se numa experiência fantástica. Os alunos, muito contribuíram para isso, revelaram-se ser compreensivos e aceitaram que eu era nova nestas andanças e tentaram ser alunos exemplares, alterando o

seu comportamento. A responsabilidade de lecionar os demais conteúdos de forma dinâmica, de querer inovar, e apresentar-lhes novas ferramentas de ensino, foi de facto umas das minhas principais preocupações e tentei, sempre ao máximo, proporcionar-lhes essa diferença. As críticas que foram feitas na primeira aula assistida, assim como o *feedback* que a professora cooperante ia dando no decorrer das aulas, foram tidos em consideração. Nesse sentido, tentei circular um pouco mais pela sala, apesar da mesma ser de pequena dimensão para o número de alunos que tinha, afastei-me do computador e do quadro e tentei transparecer confiança e rigor na tarefa que estava a desempenhar.

Em termos didáticos, no decorrer das aulas tentei reservar sempre uns 10/15 minutos para a realização de uma componente mais prática, como por exemplo a realização de exercícios individuais, a análise de diversas fontes geográficas (mapas, gráficos e tabelas) em conjunto, a apresentação de pequenas investigações em grupo, entre outras. Ao longo das aulas, também fui requerendo algum *feedback* dos alunos, pois eles constituem-se o elemento fundamental da prática docente. Esse *feedback* foi demonstrado essencialmente através das autoavaliações que foram fazendo ao longo do ano.

O terminar da etapa de aulas presenciais foi algo bastante apreçado, pois com a situação que o país e mundo enfrentavam, foi a forma mais consciente de tentar evitar o pior. Nesse sentido, seguiram-se as aulas via *online* e, mais uma vez, o nervosismo havia regressado. Eu e a minha colega de estágio, fomos novamente introduzidas a pouco e pouco onde as primeiras aulas foram somente de observação, aprendendo e entendendo como seria feita esta nova etapa. Um dos principais desafios desta modalidade de ensino é a questão do tempo, pois se 50 minutos presenciais, inicialmente pareceram horas, com o tempo ficavam a “saber a pouco”, 10/15 minutos, eram segundos. Nesse sentido, o tempo foi a principal limitação. Depois ter uma aula síncrona gravada, 100% expositiva foi novamente um novo desafio, ao qual não estava habituada e que nem faz parte daquilo que será expectável durante uma aula. Nesse sentido, dividir tentei sempre inovar e criar momentos, pós-gravação, de discussão e análise de mapas, gráficos, imagens, vídeos, entre outros de forma a criar diálogo entre mim, a professora e os alunos.

Para finalizar, este ano revelou-se um ano atípico, quando comparado com anos anteriores, mas foi o meu ano de estágio. Ano esse no qual aprendi, cresci enquanto aluna e futura professora, foi um ano de lançamento. Sei que este ano é somente o início, aprendi

muito, mas sei também que tenho muito para aprender ainda, um professor está sempre em aprendizagem, dia após dia, situação após situação. Se no início me perguntei se era isto que realmente queria, agora não tenho dúvidas que sim. Sim, por enquanto é realmente isto que quero, quero ser professora e tentar sempre ser uma boa professora.

Capítulo III– A Diversidade Cultural

Quando se discute a diversidade cultural existe um conjunto de conceitos que se encontram relacionado com o tema e, que de certa forma, o descortinam e clarificam. As correntes migratórias detiveram e detêm um papel fundamental na expansão das culturas pelo mundo. Assim, um estudo aprofundado sobre o tema “requer uma ampla discussão em torno das questões da mobilidade espacial das populações, da diversidade cultural, das relações interculturais e da coexistência de comunidades com diferentes identidades, tradições, religiões, competências e saberes” (Alcoforado, *et al.* 2018).

A diversidade cultural não é um tema decorrente dos tempos atuais, estando presente no seio das populações há bastante tempo, no entanto é sempre considerada uma realidade “contemporânea dos tempos, que contribui para desenvolvimento de novas formas de relações sociais, de integração de comunidades culturalmente diferentes, de partilha de saberes, não raras vezes acompanhadas pela emergência de conflitos e problemas de comunicação, conduzindo a novas formas de exclusão e discriminação” (Alcoforado, *et al.* 2018). Ao longo deste capítulo, irá fazer-se uma análise da diversidade cultural e das suas componentes, bem como da sua evolução ao longo dos tempos e clarificação dos aspetos mais relevantes da mesma.

3.1 O conceito de Diversidade Cultural

Para se iniciar um estudo sobre a diversidade cultural, é necessário descodificar o conceito de *Diversidade*. Nesse sentido, a palavra diversidade advém do latim *diversitate* e surge no dicionário português como algo simples e fácil de descrever “Qualidade do diverso; Variedade (em oposição a identidade); multiplicidade” *in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa 2008-2020* (<https://dicionario.priberam.org/diversidade>).

O conceito de cultura, também tem de ser interpretado e analisado de forma individual. Para Tayol 1975, citado por Pereiro *et al.* 2018,) a cultura é definida como um “complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, lei, costumes e toda uma série de capacidades e hábitos que o homem adquire enquanto membro de uma dada sociedade”. Nesta definição de cultura integram-se a cultura material, caracterizada por ser palpável e não abstrata. Já a cultura imaterial, é uma realidade abstrata uma vez que é

somente visível através das expressões culturais, como valores, crenças, entre outros. Por fim, é possível dizer que a “cultura não é inata, isto é, biologicamente herdada, porém é adquirida como parte do crescimento e do desenvolvimento de uma pessoa inserida numa determinada cultura – herança cultural” (Pereiro, *et al.* 2018).

Na ótica da Geografia o conceito de cultura é estudado a partir do final do século XIX, por diversos geógrafos do mundo ocidental. Viera *et al.* (2021, página 32) afirma que segundo Claval, 2007 “a cultura associa-se a junção de comportamentos, conhecimentos, valores e técnicas acumuladas no percurso da vida dos indivíduos e grupos sociais dos quais estes indivíduos fazem parte”. Para a Geografia a definição de cultura deixa de ter somente implícito os valores e as atitudes humanas, consagrando também toda a natureza e meio envolvente. Assim, a cultura não se encontra somente relacionada com os movimentos sociais do homem, valores e crenças que o mesmo vai seguindo ao longo da sua vida, mas também com as alterações que ocorrem na própria paisagem.

A paisagem, é dos objetos de estudo da Geografia e desde sempre que houve uma preocupação constante dos geógrafos em interpretá-la e analisá-la. Nos primórdios desse estudo a paisagem era analisada sobretudo sob o ponto de vista físico entendendo a sua fisionomia e ocupação no espaço. Assim, para Salgueiro (2001, página 41) “os estudos de paisagem, inicialmente muito focados na descrição das formas físicas da superfície terrestre, foram progressivamente incorporando os dados da transformação humana do ambiente no tempo, com a individualização das paisagens culturais face às naturais”.

Do ponto de vista geográfico a cultura envolve o espaço, a paisagem bem como a difusão espacial e a paisagem. Contudo, interpreta também a forma como determinada região se territorializa mediante diferentes marcas culturais, como a língua, arte, religião entre outras. Assim sendo, a paisagem, ou a nova conceção de paisagem, vai estar sempre sujeita aos comportamentos e escolhas do homem.

No campo da Geografia, a diversidade cultural surge no âmbito da Geografia Cultural, que se insere na Geografia Humana e tem como objetivo central a análise do espaço geográfico consoante os fatores culturais existentes e a forma como se manifestam no seio das populações. Por outras palavras e de forma simplificada, é possível afirmar que a Geografia Cultural estuda a forma como o homem se relaciona com o espaço geográfico. A cultura pode assumir diversas técnicas e instrumentos que são transmitidas

de geração em geração pelo Homem e, nesse sentido, é considerada uma herança. A Geografia, como ciência que estabelece a conexão entre a paisagem e a cultura, que é vista como uma herança que passa de geração em geração, tem um papel fundamental na análise da evolução que as sociedades sofreram ao longo dos tempos.

Podemos afirmar igualmente que Geografia Cultural estuda as continuidades, as heranças e as memórias que ligam os indivíduos a um determinado grupo. Porém, poderá estudar também as ruturas, as descontinuidades e as dissidências. Este aspeto é importante quando se estudam manifestações culturais como a música. No caso das manifestações de continuidade (ex: a música religiosa, folclórica ou étnica), mas também músicas resistência e mudança (como o rap).

No sentido lato e mediante a análise individual das duas palavras podemos afirmar que a diversidade poderá assumir-se como a demarcação e diferenciação entre um indivíduo quando comparado com outro, ou de um par com outro par, de um grupo para com outro grupo de indivíduos, logo as características poderão assumir diversos atributos. No entanto e com o passar dos tempos, assumiu-se que a diversidade não está somente nas características intrínsecas dos cidadãos, mas também em “características demográficas, características informacionais/funcionais, traços de personalidade, valores pessoais, tal como a outros tipos de diversidade como a religião, crenças, orientação sexual ou habilidades mentais e de saúde física” (Correia, 2016). Porém o conceito de diversidade acarreta alguns problemas de base que se devem sobretudo à débil sustentação teórica e por ser considerado um conceito bastante abrangente, padecendo assim de algumas carências estruturantes.

Segundo a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais (2005 página 4), a diversidade cultural “não se manifesta apenas nas variadas formas pelas quais se expressa, se enriquece e se transmite o património cultural da humanidade mediante a variedade das expressões culturais, mas também através dos diversos modos de criação, produção, difusão, distribuição e fruição das expressões culturais, quaisquer que sejam os meios e tecnologias empregados”. Além do mencionado, a UNESCO encara também a diversidade cultural como um património comum da humanidade e nesse sentido “a cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade manifesta-se na originalidade e na pluralidade das identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade.

Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é tão necessária para o género humano como a diversidade biológica o é para a natureza. Neste sentido, constitui o património comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futura”

Assim e mediante o exposto é possível afirmar que a diversidade não é um conceito universal, rigoroso e ímpar, uma vez que ao incorporar várias definições e mediante a área de estudo em que se insere, poderão existir ligeiras diferenças. Apesar da dificuldade em se estabelecer um conceito universal, a UNESCO ao longo dos últimos anos tem assumido e concretizado vários esforços nesse sentido, através das diferentes declarações que foi criando.

Em suma, não é fácil definir diversidade cultural por si só, pois este implica uma multiplicidade de conceitos e realidades que o tornam de um determinado prisma difícil de se definir, no entanto prevalece a certeza de que as migrações e a globalização são um dos principais vetores que impulsionam a expansão da cultura, onde se assiste então à existência da diversidade cultural. No entanto, a diversidade cultural dá também origem a miscigenações que resulta na mistura de raças, povos e culturas que nem sempre se traduzem em encontros pacíficos e amigáveis, pois em muitos casos despoleta conflitos entre populações.

3.2 Os fatores de Identidade Cultural

Os fatores de identidade cultural não são facilmente definidos, pois não existe uma definição concreta sobre os mesmos quando analisamos documentos de referência sobre o tema da diversidade cultural. Na Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural da UNESCO, não é feita a definição clara desses mesmos fatores, referindo, no entanto, que a “diversidade cultural amplia as possibilidades de escolha, sendo uma das origens do desenvolvimento”.

Primeiramente antes de se identificar os fatores da identidade cultural, torna-se relevante fazer uma análise do conceito de identidade, pois à semelhança dos demais, apresenta-se como sendo bastante complexo, não tendo uma definição geral. No dicionário, a palavra identidade provém do latim *identitas*, significando “qualidade de idêntico”. A identidade, é um conceito que não pode ser analisado em separado das

questões da diversidade cultural uma vez que, só assim se irá conseguir compreender de uma forma mais clara o presente tema.

Para Sacristán (2001 página 40) "a identidade é aquilo pelo qual acreditamos que somos determinados, que nos singulariza e faz com que nos sintamos diferentes, total ou parcialmente, dos demais. É algo que adquirimos como consequência de nossa passagem por grupos sociais e de nossas experiências diversas". A globalização contribui para a determinação da identidade, onde os marcos históricos dos povos conseguem criar fronteiras entre as diversas culturas.

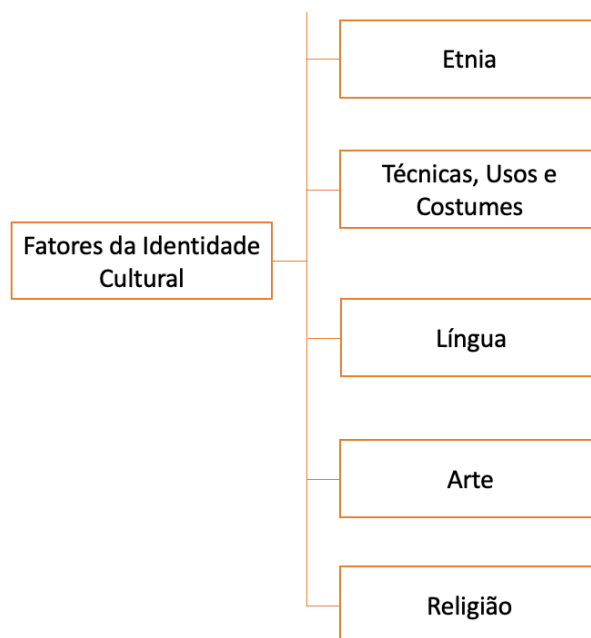
A identidade cultural pode ser definida como "um sistema de representação das relações entre os indivíduos e os grupos e entre estes e o território de reprodução e produção" (Coelho, 1997 página 200). A identidade dos povos e das diferentes culturas é um dado que passa de gerações em gerações como uma herança, podendo ser visível e palpável ou invisível e imaterial, como as crenças e os costumes. Partindo desta premissa, torna-se então possível descrever e delinear alguns fatores, sendo que alguns são encarados como fatores um pouco mais abstratos que outros.

A bibliografia consultada refere que não existem em concreto determinados fatores de identidade cultural. Segundo Esteves (2015, citando Rodrigues 2011), são os seguintes: "religião, linguagem, hábitos, ritos de passagem, atividades de lazer (música, cinema, desporto e literatura), etnia, história, crenças, valores, gastronomia e raça".

Partindo da citação anterior, é possível então estabelecer que existem traços que permitem analisar e interpretar uma determinada cultura, no entanto e como referido em diversas fontes, não é possível estabelecer uma cultura sem haver a interação com outras, pois só assim é possível a visualização e a criação de diferenças.

A cultura é o conceito mais abstrato e complexo de definir, pois ao longo dos diversos anos tem sofrido alterações constantes. No entanto para Geertz (1973/ 1989, citado por Sousa, 2021) diz que a cultura é encarada como um "sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os Homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida". O mesmo autor, refere ainda que a cultura não é "algo estático, uma vez que é composta por heranças espirituais, por crenças religiosas, por manifestações da atividade humana" (Sousa, 2021).

No esquema 1 estão representados e compilados os fatores de identidade cultural, baseados na bibliografia estudada. No então, torna-se igualmente relevante fazer uma breve análise e descrição dos mesmos.



Esquema 1 - Fatores de Identidade Cultural abordados em aula (elaboração própria)

A etnia compreende e é entendida como um traço comum entre as diversas pessoas de uma determinada sociedade, consolidado por hábitos e costumes ancestrais. Em termos geográficos, existe uma concentração desses mesmos povos, num mesmo espaço do território, cuja língua materna e a religião são as mesmas.

A língua, a existência de idiomas permite a comunicação entre os diversos indivíduos, muito desenvolvida por acontecimentos históricos e pelos fenômenos migratórios.

As técnicas, usos e costumes, enquadram vários fatores presentes na população, desde gastronomia, à forma de vestir à arquitetura e à própria paisagem. Neste aspeto, a herança cultural representa um forte poder, uma vez que só assim é possível manter tradições ancestrais na sociedade atual.

A religião, palco de muitas guerras e conflitos é e sempre será um fator um dos traços culturais mais presentes nas sociedades, sobretudo as orientais. No mundo, existem

diferentes religiões, no entanto o cristianismo e o islamismo são os aquelas que ocupam maior destaque à escala planetária.

Por fim, mas não menos importante, arte engloba os diversos tipos de fazer arte, desde a música, à pintura, à literatura, à escultura entre outros. Muitas destas representações, permitem atualmente entender o funcionamento das sociedades passadas, pois é possível identificar nas mesmas, a estrutura política, a organização do território, bem como alguns costumes e religião. A arte musical é uma das formas de identidade de um território, pois em muitas letras e melodias está implícita a cultura, os feitos históricos, os problemas sociais entre outros. A música é encarada então como uma forma de expressão e de cultura de uma população.

3.3 A Música como um fator de identidade cultural

Os sons fazem parte da evolução do homem, acompanham-no em todas as fases da vida, desde a concepção até à morte. A música está presente no quotidiano da grande maioria da população, sendo que o ato de ouvir música é uma rotina tão simples e enraizada que, por vezes nem nos apercebemos que estamos a escutá-la. Ouvir os sons, interpretar uma melodia e perceber a letra, pode constituir-se uma tarefa mais complexa do que se imagina.

A música é vista como um sinal de cultura, uma história de perdedores ou de vencedores, uma forma de expressão de desagrado, uma forma de expansão dos horizontes, uma forma de luta contra o poder, uma forma de impor uma verdade. No fundo, a música adquire diversos objetivos, foi palco e marco de muitas revoluções, descreve injustiças, retrata minorias, problemas e questões raciais, entre outros que apesar de não estarem mencionados, não significa que não sejam importantes. A música pode ser um resultado cultural de uma civilização de um povo e nesse sentido, é vista como uma forma de expansão das suas raízes e da sua identidade.

Desde cedo que a música e sons estiveram presentes em diversos momentos e rituais, ora para celebrar o nascimento e a vida, como para celebrar a morte e a tristeza. A música é um dos principais vetores da comunicação e da verbalização, constituindo-se como uma forma de integração de pessoas numa determinada sociedade. A identidade musical é o resultado da construção comunicativa da música, que favorece em muitos

casos, a manutenção das identidades culturais de um determinado povo. Assim, para Duarte *et al.* (2014), citado por Vaz (2019) a música é “uma expressão artística que representa a vida e os sentimentos, que aborda [...] um determinado tempo, cultura, [...] uma ideologia, [...] uma paisagem, enfim, está presente, de forma ativa, no quotidiano da sociedade”. No entanto, a identidade musical poderá impulsionar a criação de subculturas, como por exemplo o grunge como uma abordagem mais alternativa ao Rock’N Roll tradicional.

A música é encarada como um património do país, sendo esse o património imaterial. Este, é invisível aos olhos no sentido em que não é palpável, como músicas, mitos e lendas. Assim o património imaterial é aquele que representa as “tradições como parte importante da sua história e da sua cultura, dando-lhes um sentido de pertença a uma comunidade, como por exemplo o local onde nasceram, onde vivem, ou onde trabalham” (Costa, 2011). Para a UNESCO 2003, o património imaterial é aquele no qual “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões – bem como os instrumentos, objetos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural”, artigo 2º.

A música é produzida num número variável de contextos sociais e culturais com traços diferentes entre si. Esta é também uma forma de exteriorizar pensamentos e conhecimento.

Portugal, à semelhança de outros tantos países apresenta uma cultura musical muito própria criada pela confluência de diversos estilos, como por exemplo o Fado. Muitos artistas ficaram e ficam ainda muito conhecidos internacionalmente, muitos são também uma marca da nossa tradição, ficando para sempre imortalizados e lembrados de geração em geração. A música popular é aquela que relata de forma direta os fatores identitários de um determinado país e nação, utilizando as diversas raízes culturais, bem como as diferentes funções sociais. O Fado apresenta igualmente grande destaque na panóplia musical portuguesa, uma vez que é património imaterial pela UNESCO, sendo um *ex-libris* da cultura musical, uma vez que se encontra difundido pelo mundo através de vozes inesquecíveis como a de Amália Rodrigues.

Os emigrantes desempenham um papel de grande relevância na divulgação e criação de diversos estilos musicais. No entanto, a música manifesta-se também noutra

tipo de demonstrações de culturas, como por exemplo em filmes. A cultura musical expande-se, também, através das diferentes ferramentas de comunicação social, estando assim acessível a um maior número de ouvintes e espectadores.

Por fim, é pertinente considerar que a música é igualmente um veículo importante na representação da identidade dos diversos povos, contribuindo para a expansão dos seus traços culturais. A globalização e todas as formas de manifestação da mesma, detêm então um papel crucial neste aspeto, uma vez que contribuem para a dinamização e para o quebrar de fronteiras pré-estabelecidas.

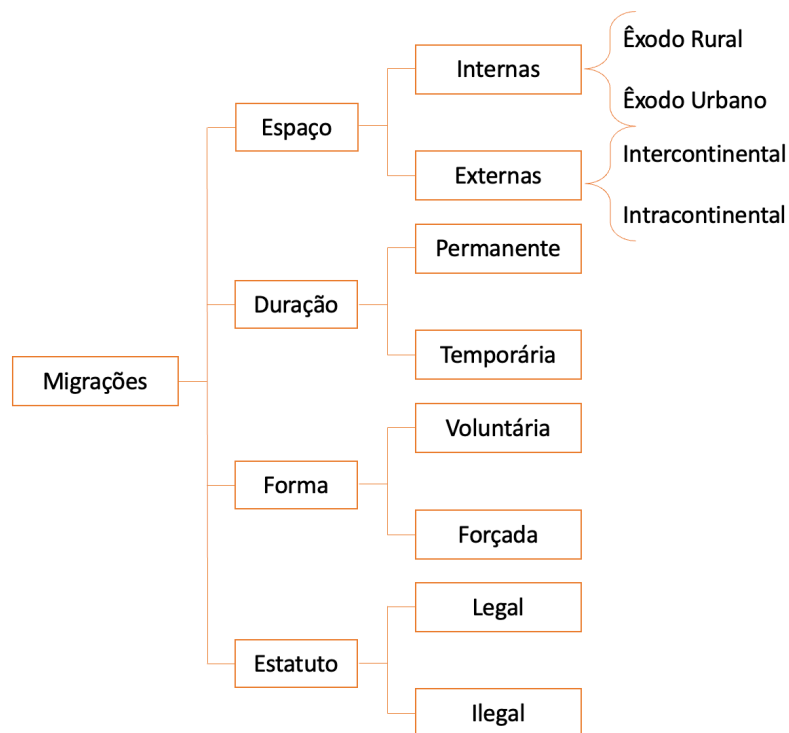
3.4 O contributo das Migrações na Diversidade Cultural

Desde os primórdios da humanidade que o homem se movimentou de um lado para o outro, impulsionado por diversas razões e ambições, quer sejam de ordens económicas, sociais, naturais e culturais. A mobilidade da população pode ser um fenómeno à escala global e não localizado, mas também um fenómeno curto e localizado, pois diariamente assiste-se a uma entrada e saída de população nos mais diversos países e regiões, cujos fins são bastante distintos uns dos outros. A movimentação da população é regida por diversos fatores de distintas ordens onde o objetivo final é sempre a procura de uma melhor qualidade de vida e satisfação pessoal do indivíduo.

Primeiramente, torna-se relevante fazer a clarificação do conceito de migração, que se “refere-se ao processo de atravessar fronteiras, internas ou internacionais, independentemente das suas causas, duração ou composição” (Pinto, 2014). O processo migratório e a mobilidade populacional é um processo familiar no seio das sociedades, assim “as migrações afetam atualmente as vidas de um maior número de pessoas e assumem-se como uma questão mais importante nas esferas política e económica de um maior número de estados do que em qualquer outra fase da era moderna. Num mundo em que o número acumulado de migrantes à escala global está atualmente estimado pelas Nações Unidas (ONU) em mais de 200 milhões de pessoas, quase nenhum país do mundo se encontra à margem das migrações internacionais ou é imune aos seus efeitos”. (Papademetriou, 2008).

Para Velez de Castro (2012), as migrações são “consideradas como atos individuais, espontâneos e voluntários, que resultam do balanço entre a situação presente

do indivíduo e dos ganhos esperados no futuro”. Logo, o processo migratório implica sempre a mudança de um determinado local para outro. Nesse sentido, é possível distinguir os diversos tipos de migrações mediante diversos parâmetros, como a duração, o estatuto, a forma e o espaço, como é possível observar no esquema seguinte – esquema 2.



Esquema 2 - Tipos de Migrações (elaboração própria)

As migrações causam tanto no país de acolhimento quanto no país de saída diversas consequências, sendo que as principais estão relacionadas sobretudo com perdas sociais, de cariz demográfico e económicas. Para o país de saída, há uma perda de população jovem e adulta, que se vai refletir numa diminuição clara da taxa de natalidade e da taxa de fecundidade, uma vez que é este conjunto populacional que consegue reverter o paradigma demográfico existente. Existem também perdas económicas, como a diminuição de população e de mão-de-obra, mais instruída, qualificada e capacitada para exercer um conjunto de tarefas. Para o país de entrada, em termos demográficos, há reconversão da sua estrutura etária, uma vez que a população que mais ativamente se movimenta é aquela que ainda tem capacidade fisiológica de se reproduzir, contribuindo para o aumento direto da natalidade, esbatendo algum envelhecimento populacional. Em termos económicos, esta população constitui-se mão-de-obra disponível para trabalhar, o que poderá causar uma certa pressão ao país recetor, uma vez que poderá despoletar um

aumento da taxa de desemprego. Em termos sociais, existe uma expansão da cultura, da identidade cultural e a criação de novas realidades, o que poderá causar diversos conflitos de ordem racial e xenófoba levando à segregação dos indivíduos nas sociedades.

Para concluir, um dos principais desafios à temática das migrações é a inclusão e integração dos nossos migrantes, uma vez que estamos perante “território de grande confluência cultural” (Alcoforado, *et al.* 2018). Assim, as migrações são então entendidas como “um processo de desterritorialização, de quebra de referências e, no local de chegada, um mais lento processo de reterritorialização” (Fernandes, 2013). A movimentação populacional impulsiona a dinamização de diversas culturas, contribuindo e impulsionando diversas mudanças e criações de novas realidades, em muitos casos poderá mesmo ocorrer perda de identidade individual e coletiva da pessoa, numa tentativa de aproximação e de introdução na sociedade de acolhimento. No entanto, não são só as migrações que ditam a expansão e/ou perda das culturas, também o fenómeno da globalização assume um papel central nesta temática, uma vez que “reflete o processo multidirecional com muitas facetas, que compreende a circulação, cada vez mais rápida e de maior volume, de praticamente tudo, desde capitais a pessoas, passando por mercadorias, informação, ideias e crenças, por meio de eixos que se modificam constantemente” (UNESCO, 2009).

3.5 A Globalização como um processo Multicultural e Intercultural

“Não vivemos num mundo homogêneo nem igualitário. Vivemos num mundo onde há diferentes culturas a conviver em simultâneo num mesmo espaço e, nem todas têm o mesmo reconhecimento e poder” (SILVA, 2010)

A procura de novas terras e novos povos, sempre aliciou o Homem. “Durante a época da expansão e dos Descobrimentos, este fenómeno foi desencadeado em larga escala e muitos países foram emigrantes e imigrantes, invasores e conquistadores, dando origem a novas sociedades e hierarquias” (Silva, 2010).

Na atualidade, a procura de melhores empregos, condições de vida ou de experiências diferentes, atrai ainda muita gente, criando grandes círculos de diásporas e

de mistura de culturas num determinado local. Como já foi referido anteriormente, as migrações são um dos fatores e uma das causas que levam ao desenvolvimento de novas sociedades onde, num mesmo espaço coabitam diversas culturas.

A globalização não é fenómeno recente estando presente em vários momentos da História. Na atualidade, e dadas as mudanças que ocorrem, o fenómeno é descrito como um “processo complexo que provoca mudanças socioculturais, pois vincula pessoas de todas as partes do mundo, através dos meios de comunicação, do turismo, do comércio, da Internet e dos fluxos” (Pereiro *et al.* 2018). Este fenómeno vem intensificar as “inter-relações e interdependências” dos distintos grupos de pessoas. Assim, Pereiro *et al.* (2018) citando Ulrich Beck (1988) diz que é possível distinguir dois aspetos no processo da globalização sendo eles:

- “o globalismo, definido como a ideologia que tenta substituir a Política pelo domínio do Mercado, que significa combater a diversidade cultural e criar uma homogeneização cultural (algo que, segundo o autor não é desejável);
- a globalidade, que significa mais intercâmbios culturais, mestiçagem cultural e trabalhar por um mundo mais justo e solidário”.

As perspetivas enumeradas apresentam pontos de vista diferentes, pois se a primeira refere que as pessoas estão mais próximas no tempo e no espaço, a segunda coloca em evidência que não existe somente um razão e nesse sentido existem diversos aspetos que devem ser tidos em consideração. A globalização é um fenómeno que cria vários problemas e barreiras, associados a existência de desigualdades e assimetrias que são interpretadas e vistas de diferentes formas segundo a realidade que se inserem. Logo, é possível afirmar que o processo da globalização cria e potencializa a heterogeneidade, evidenciando sociedades fragmentadas.

Assim sendo, torna-se pertinente avaliar e consolidar o processo da globalização na origem e criação de sociedades multiculturais e interculturais. De uma maneira geral, a globalização impulsiona a criação destas sociedades, no entanto é necessário estabelecer uma conduta de diferença, pois a multiculturalidade, pode ser definida como um fenómeno que resulta do contacto direto com novos povos e culturas, onde o termo “não implica a ideia de interação entre as culturas, mas simplesmente a constatação da sua justaposição numa mesma sociedade” (Carreira, 2008).

Numa perspetiva mais ampla não é possível analisar uma cultura de uma forma singular, pois tem de se colocar em evidência alguns traços culturais para se conseguir observar e interpretar as oposições. Os factos que tornam uma sociedade multicultural não são de hoje, persistem e advêm “das guerras como a escravatura, as invasões e as deslocações forçadas de populações obrigavam populações autóctones e adventícias a conviver de forma mais ou menos pacífica” (Lagos *et al*, 2009).

Um processo multicultural é visto e entendido com algo normal num mundo e numa sociedade como a nossa e para isso é necessário criar e articular políticas de forma a estabelecer uma coordenada gestão das diversas culturas que existem, sendo uma emergência social a compreensão dos indivíduos, uns para com os outros, para esbater a criação de estereótipos.

A criação de estereótipos advêm do compartilhamento de diversas culturas e estruturas culturais a coabitarem num mesmo território, dessa situação criam-se situações de conflitos e discriminação, que obrigam muitas vezes ao colapso de uma determinada cultura. Nesse contexto, Pereiro *et al*. (2018) afirmam que “a diversidade é cada vez mais inerente a todas as sociedades devido ao aumento dos contactos interculturais intensificados pela globalização”. Perante este cenário, torna-se emergente que exista uma educação intercultural, onde os diferentes cidadãos têm os mesmos direitos e obrigações na mesma sociedade.

A interculturalidade está assente em modelos multiculturais, uma vez que é um conceito mais recente e é o resultado das lacunas existentes nas teorias em redor do conceito de multiculturalidade. A interculturalidade deverá ser abordada “numa perspetiva mais ampla de construção da sociedade e da igualdade de oportunidades” (Ramos, 2016). Um processo intercultural “não é compatível com culturas fechadas e diferenciadas” (Lages *et al*.,2009) uma vez que existem muitas sociedades onde diversas culturas coabitam num mesmo espaço geográfico sem que haja a alteração nos sistemas. Este conceito, deve ser abordado numa perspetiva de “reconhecimento mútuo de todas as culturas, sem hierarquização” (Marín, 2009).

Para Marín (2009) “assumir a interculturalidade como perspetiva possibilita o reconhecimento e a valorização de outros sistemas culturais”, assim é possível haver uma harmonização da diversidade cultural, onde o respeito, a democracia permitem a convivência entres os diferentes seres humanos. Com a criação de harmonia e respeito

pelos diferentes seres humanos, uma sociedade abre inúmeras possibilidades em diferentes ramos, criando novas metodologias científicas, de investigação e conhecimento. Se conseguirmos estabelecer essas condições é possível haver “a partilha de conhecimentos numa perspectiva de complementaridade (medicina tradicional e medicina oriental)”, (Martín, 2009).

Uma vez que as relações interculturais são criadas através do comércio, da cultura (musical, cinematográfica, literária, entre outras) e de tantas outras formas de transmissão de traços identitários de um povo e de uma nação, cabe às escolas, às universidades e outros locais do saber no geral, assumir um papel importante na formação para esta realidade, uma vez que se criam oportunidades para a criação de debates e análise de múltiplas perspectivas.

A consciencialização da população para a existência de diversas culturas vai promover uma convivência harmoniosa entre as mesmas, minimizando assim o impacto de conflitos culturais, raciais e religiosos. A abertura para esta realidade, passa pelo incremento destes temas no currículo escolar, promovendo nesse mesmo ambiente uma convivência pacífica e de aprendizagem mútua.

3.6 A Aculturação como consequência da Diversidade Cultural

A diversidade cultural é atualmente palco de muitos conflitos, uma vez que cada vez mais se assiste a uma multiplicidade de padrões culturais a coabitarem no mesmo espaço geográfico, onde a demarcação e a procura de uma identidade é descrita como a base para esses acontecimentos. Numa sociedade tão diferente, como a que temos em pleno século XXI, a diversidade cultural exige a médio prazo uma definição de “novos tipos de políticas públicas, reconhecedoras das demandas identitárias e, ao mesmo tempo, requer o fortalecimento da integração social no âmbito territorial interno” (Leister, 2013).

A globalização é um fenómeno bastante interessante e fundamental para a expansão cultural, no entanto o mesmo acarreta consequências bastante negativas para as populações, como a perda da identidade nacional das pessoas, uma vez que alguns padrões culturais não são aceites em determinadas sociedades, criando e evidenciando a existência de minorias. Apesar do fenómeno de globalização apresentar algumas consequências é importante lembrar que trouxe também mudanças bastante positivas,

que contribuíram para a evolução mundial, bem como o encurtar de distâncias. Nesse sentido, há autores que defendem que não se pode perder a identidade nacional, pois no fundo os traços identitários de um indivíduo são uma marca e uma lembrança das suas origens, permanecendo é muitos casos apenas a recordação. Porém, há que ressaltar que a cultura, como já foi referido anteriormente é uma herança, logo é um conceito bastante dinâmico que ocorre desde os primórdios da História, tornando-se legítimo afirmar que houve a apropriação de determinadas culturas em prol de outras. Posto isto, torna-se pertinente falar da mudança, como um aspeto que sempre existiu e como aspeto dinâmico.

Para Rodrigues (2011) “as novas tecnologias, permitiram políticas de maior abertura, criaram um mundo mais interligado do que nunca. Tal implica não só uma maior interdependência nas relações económicas – comércio, investimentos, finanças e organização da produção em escala global – mas também uma interação social e política entre organizações e indivíduos em todo o mundo”. A mudança referida acarreta e desencadeia novos processos de dinamismo cultural, como por exemplo a aculturação.

A aculturação surge neste campo devido à fundição de distintas culturas no mesmo espaço, devido ao constante movimento das populações. Segundo Ramos (2008) a “migração implica a adaptação de um indivíduo a uma cultura, língua, regras culturais e de funcionamento diferentes (...) tendo o imigrante muitas vezes de desenvolver estratégias de adaptação”. O conceito de aculturação não é recente tendo sido identificado pela primeira nos primórdios da história, no entanto só em 1936 é que definido, segundo Ramos (2008) como “um conjunto de transformações culturais resultantes dos contactos contínuos e diretos entre dois ou mais grupos culturais independentes”.

Berry (1989) (citado por Ramos 2008), diz que existem quatro tipos de modalidades de aculturação, que se distinguem umas das outras através da forma como o indivíduo, recém-chegado a uma determinada sociedade, interage com a sociedade dominante. Assim sendo, as quatro modalidades identificadas pelo autor são:

- A Assimilação, que se refere a um processo “unilateral, pelo que os membros de um grupo social, normalmente minoritário, se apropriam dos elementos culturais de um outro grupo, geralmente maioritário”. Nesse sentido, o grupo, acaba por “abdicar” das suas identidades e padrões culturais e absorve padrões dominantes, para se conseguirem integrar na sociedade.

- A Integração, que diz respeito à absorção de alguns dos costumes e identidades culturais da sociedade majoritária, no entanto não abdica dos seus costumes e tradições. Apesar de, inicialmente não haver a perda total dos costumes nativos, o indivíduo a médio prazo, acaba por “adotar os aspetos da cultura majoritária”.
- A Separação ocorre quando o “indivíduo tenta preservar a sua identidade cultural, fechando-se na sua cultura”. Nesta situação, a pessoa não cria nem estabelece ligações e relações com a sociedade onde se está a inserir.
- Por fim, a marginalização, onde a sociedade e o grupo de pessoas nativas, impedem o indivíduo de participar ativamente nas diversas instituições e atividades da sociedade onde se quer inserir.

Segundo Fernandes (2008 página 2), na Geografia “a desterritorialização refere-se não à perda do sentido territorial das sociedades, mas sim, seguindo Rogério Haesbaert (2004), à forma como um grupo ou indivíduo perde poder, controle e acesso ao despectivo território”. Esta perda territorial das sociedades pode acarretar novos desafios, muitos deles relacionados com a segurança e desigualdade, criando assim cenários propícios à violência e às diversas formas de discriminação.

O processo de desterritorialização pode constituir-se também como uma mudança de paradigmas em que há a “privação de território, perda de controlo e domínio das territorialidades pessoais e/ou coletivas, isto é, redução evidente do acesso: aos lugares económicos e simbólicos, aos recursos, à habitação, a outros lugares que constituam eixos estruturantes da identidade e da territorialidade de cada grupo ou indivíduo” (Fernandes, 2008 página 5). Assim, o processo de desterritorialização vai refletir-se e manifestar efeitos diretos no quotidiano das populações.

A expansão cultural além de criar desafios aos migrantes, também cria bastantes oportunidades, uma vez que estes vão possuir uma “maior competência e flexibilidade para expressarem diferentes aptidões em situações e contextos variados”. (Ramos, 2008) No entanto, apesar de este ponto ser bastante vantajoso o migrante como visto anteriormente vai enfrentar vários problemas e barreiras no seu processo adaptativo e de integração na sociedade. Ao longo de todo o processo, o migrante é exposto a perdas, a mudanças, a alterações dos seus padrões culturais.

Pereiro *et al.* (2018) defende que o motor da aculturação é a globalização, citando Bauman (1999) que refere que a “globalização está na boca de todos; a palavra da moda transforma-se rapidamente num fetiche, um conjuro mágico, uma chave com o destino de abrir as portas a todos os mistérios presentes e futuros. Alguns consideram que a “globalização” é indispensável para a felicidade; outros acham que é causa de infelicidade. Todos entendem que é o destino irredutível do mundo, um processo irreversível que afeta da mesma forma e igual medida a totalidade das pessoas”.

A aculturação encontra-se também associada ao termo “difusão espacial e cultural”, caracterizando-se como sendo “um processo pelo qual o empréstimo de alguns elementos da cultura ocorre como resultado de um contacto de qualquer duração entre duas sociedades diferentes” (Burns, 2002). Retomando aos primórdios do conceito, este foi criado por John Wesley Powell em 1980, e era designado como um “mecanismo de mudança que consiste no contacto e no intercâmbio entre duas ou mais culturas” (Pereiro *et al.* 2018).

Para Ferrão (2019 página 67) a “Geografia é particularmente imprescindível num período em que a globalização, nas suas várias dimensões (...) está a estimular novos conflitos de base territorial, entre formações socioespaciais integradas e excluídas, beneficiárias e esquecidas, ganhadoras e perdedoras”. Esta visão na ótica dos geógrafos acaba por criar uma certa ambiguidade na questão da globalização, pois neste caso o autor defende que a mesma provoca conflitos nas sociedades de diferentes ordens e cariz. Além dos conflitos criados, há perda de traços culturais e territoriais, aumentando o clima de instabilidade de coabitação de diferentes culturas num mesmo espaço.

A música pode incentivar a aproximação dos povos, pois acaba por ser uma linguagem universal e apreciada pela esmagadora maioria da população. Guimarães (2007 página 169) afirma e comprova o que foi dito anteriormente, utilizando o rap como exemplo, assim “rap surgiu como uma música dos jovens negros dos bairros periféricos dos Estados Unidos e logo foi apropriado por jovens negros em periferias de todo o mundo”. A autora, defende também que, apesar de haver uma distância entre os lugares a mesma consegue ser sempre suprimida, uma vez que os diferentes espaços se vão influenciar mutuamente.

Por fim, a aculturação é uma perda da identidade e dos traços culturais das distintas sociedades atuais. As sociedades multiculturais e interculturais precisam

urgentemente de “estratégias e políticas que promovam o desenvolvimento humano, a inclusão, a saúde, a igualdade de oportunidades e o pleno acesso à cidadania de todos os grupos, os majoritários e os minoritários” (Ramos, 2008).

Capítulo IV – Proposta de uma Estratégia Didática

4.1 Enquadramento da Diversidade Cultural nas Metas Curriculares do 3º ciclo do Ensino Básico de Geografia (7º, 8º e 9º anos)

4.1.1 A abordagem Legislativa

O aparecimento das Metas Curriculares surgiu após Currículo Nacional do Ensino Básico — Competências Essenciais, divulgado em 2001, o qual entrou em vigor no ano letivo 2001/2002. Este documento, segundo o Ministério da Educação continha diversas lacunas, tornando-o básico e insuficiente naquilo que viria ser o futuro da Educação. Criava também diversas ambiguidades e recomendações pedagógicas, que em termos práticos, surtiram efeitos contrários e nefastos do que seria expectável. Perante tal cenário as metas curriculares adquirem elevada importância naquilo que viria a ser o currículo nacional escolar, que deve “definir os conhecimentos e as capacidades essenciais que todos os alunos devem adquirir e permitir aos professores decidir como ensinar de forma mais eficaz, gerindo o currículo e organizando da melhor forma a sua atividade letiva (...) deverá incidir sobre conteúdos temáticos, destacando o conhecimento essencial e a compreensão da realidade que permita aos alunos tomarem o seu lugar como membros instruídos da sociedade” (Despacho n.º 17169/2011).

Em termos legislativos, as metas curriculares surgem como um meio de “identificar a aprendizagem essencial a realizar pelos alunos em cada disciplina, por ano de escolaridade ou, quando isso se justifique, por ciclo, realçando o que dos programas deve ser objeto primordial de ensino” (Despacho nº15971/2012). Estas são específicas de cada área disciplinar ou disciplina e “traduzem os conhecimentos a adquirir e as capacidades que se querem ver desenvolvidas, respeitando a ordem de progressão da sua aquisição. São um meio privilegiado de apoio à planificação e à organização do ensino, incluindo a produção de materiais didáticos, e constituem -se como referencial para a avaliação interna e externa” (Despacho nº15971/2012).

Assim sendo, a complexidade legislativa da organização das metas criou determinados entraves e questões que se sobrepõem à existência ou não de autonomia, tanto da escola como do docente, pondo em causa a sua experiência e profissionalismo no processo de ensino-aprendizagem (Despacho n.º 5306/2012). Assim sendo, as mesmas terão de incluir os seguintes aspetos, constantes no despacho mencionado anteriormente:

- “Conter padrões de rigor, criando coerência no que é ensinado nas escolas;
- Permita que todos os alunos tenham oportunidade de adquirir um conjunto de conhecimentos e de desenvolver capacidades fundamentais nas disciplinas essenciais;
- Garantir aos professores a liberdade de usar os seus conhecimentos, experiência e profissionalismo para ajudar os alunos a atingirem o seu melhor desempenho”

(Despacho n.º 5306/2012)

Atualmente, as metas curriculares já não se encontram em vigor, no entanto o docente poderá ainda utilizá-las, como um auxílio para planear e planificar alguns dos conteúdos programáticos da disciplina nos diversos níveis de ensino, no caso do 3º ciclo do Ensino Básico (7º, 8º e 9º ano).

4.1.2 A presença da Diversidade Cultural nas Metas Curriculares

Após a abordagem legislativa, no subcapítulo anterior sobre a organização das Metas Curriculares, as mesmas no presente estudo revelam-se essenciais para a orientação do tema, uma vez que em outros documentos em vigor a Diversidade Cultural, não aparece mencionada nem referida de forma clara e explícita. E, apesar de muito se ter falado sobre a importância ou não da utilização das metas curriculares como auxílio nas planificações da disciplina – curto, médio e longo prazo – será sempre pertinente a integração das mesmas nos planos letivos das disciplinas. Assim, as metas curriculares de Geografia, em comparação com outros documentos em vigor, assumem-se como uma planificação da disciplina e da matéria que deverá ser lecionada em contexto nacional, assumindo-se como o “meio necessário para que os alunos desenvolvam as capacidades e adquiram conhecimentos indispensáveis ao prosseguimento dos seus estudos e às necessidades da sociedade atual” (Metas Curriculares – 3º ciclo do Ensino Básico – da Geografia, pág.2).

Neste sentido, a lecionação do tema deverá ter em conta os seguintes aspetos:

“Objetivo: Compreender a importância dos fatores de identidade das populações no mundo contemporâneo:

- **Descritores:**
 1. Discutir os conceitos de identidade territorial, cultura, etnia, língua, religião; técnicas, usos e costumes, aculturação, globalização, **racismo, xenofobia e multiculturalismo**.
 2. Explicar de que forma a língua, a religião, a arte, os costumes, a organização social (...) são fatores de identidade cultural.
 3. Relacionar o respeito dos direitos humanos com a construção de sociedades inclusivas.
 4. Problematizar as consequências da globalização, tanto na unidade cultural como na afirmação da diversidade cultural mundial.
 5. Refletir sobre a importância da construção de comunidades multiculturais inclusivas, mas também culturalmente heterogêneas, em diferentes territórios (país, cidade, escola).”

(Metas Curriculares – 3º ciclo do Ensino Básico – da Geografia, pág.14)

Mediante tais orientações, a estratégia irá decorrer perante a organização constante nas metas, no entanto irei lecionar mais conceitos do que os referidos, que serão pertinentes para o estudo e compreensão da diversidade cultural existente na Terra.

4.2 Enquadramento da Diversidade Cultural nas Aprendizagens Essenciais

4.2.1 A Abordagem Legislativa

As aprendizagens essenciais surgem como “um conjunto comum de conhecimentos a adquirir, identificados como os conteúdos de conhecimento disciplinar estruturado, indispensáveis, articulados conceptualmente, relevantes e significativos, bem como de capacidades e atitudes a desenvolver obrigatoriamente por todos os alunos em cada área disciplinar ou disciplina, tendo, em regra, por referência o ano de escolaridade ou de formação” (Decreto-Lei nº55/2018 de 6 julho). Estas, assumem-se como a ferramenta orientadora dos princípios base constante no Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória, assim sendo, estas visam “garantir que todos os alunos

adquiram os conhecimentos e desenvolvam as capacidades e atitudes que contribuem para alcançar as competências previstas” (Decreto-Lei nº55/2018 de 6 julho).

As mesmas, à semelhança das metas assumem-se como caráter obrigatório na organização do currículo das demais disciplinas, nas diversas modalidades e ofertas formativas e educativas constantes no sistema de ensino português. Para a criação das aprendizagens essenciais, foram definidos inúmeros princípios que de certa forma sustentam a veracidade das mesmas, e que aqui contemplarei pela pertinência ao estudo de caso:

- “Promoção da melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem assente numa abordagem multinível, que se resume ao ajuste das capacidades e das fraquezas demonstradas pelos alunos no acesso ao currículo, podendo ser praticada através de diversos graus de intervenção;
- Garantia de uma escola inclusiva, que promove a igualdade e a não discriminação;
- Reconhecimento dos professores enquanto agentes principais do desenvolvimento do currículo;
- Valorização da gestão e lecionação interdisciplinar e articulada do currículo;
- Conceção de um currículo integrador, que agregue todas as atividades e projetos da escola, assumindo-os como fonte de aprendizagem e de desenvolvimento de competências pelos alunos;
- Valorização das línguas estrangeiras, enquanto veículos de identidade global e multicultural e de facilitação do acesso à informação e à tecnologia;
- Valorização do trabalho colaborativo e interdisciplinar no planeamento, na realização e na avaliação do ensino e das aprendizagens.”

(Decreto-Lei nº55/2018 de 6 julho).

A organização dos diversos documentos das aprendizagens essenciais é transversal às demais disciplinas, no que diz respeito às áreas de competência, uma vez que as mesmas se encontram de acordo com o estipulado no Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória.

4.2.2 A presença (ou ausência) da Diversidade Cultural nas Aprendizagens Essenciais

As Aprendizagens Essenciais, no ensino da Geografia no 8ºano do Ensino básico, encontram-se “organizadas de modo a privilegiar as metodologias de análise espacial, desde as mais simples, como a observação direta e indireta dos elementos da paisagem, às mais complexas, de problematização dos contrastes espaciais num mundo cada vez mais globalizado” (Aprendizagens Essenciais de Geografia 8ºano, do 3ºciclo do Ensino Básico).

O tema da diversidade cultural não se encontra bem evidenciado nas Aprendizagens Essenciais, contendo apenas meras instruções e indicações da existência e importância do mesmo, num estudo aprofundado sobre a organização da população no espaço geográfico. Assim, o mesmo surge com algum destaque numa das três áreas do desenvolvimento de competências que o aluno deverá adquirir sendo elas:

- “Competência: Problematizar e debateras inter-relações entre fenómenos espaços geográficos:
 - Reconhecer **aspetos que conferem singularidade a cada região**, comparando **características culturais**, do povoamento e das atividades económicas.

Aprendizagens Essenciais de Geografia 8ºano, do 3ºciclo do
Ensino Básico)

Apesar da competência que o aluno deverá assumir no decorrer do ano letivo na disciplina, mencionada anteriormente, o tema da diversidade cultural não é totalmente identificável. Surge e sugere apenas, que o aluno reconheça aspetos culturais das regiões, podendo eles ser a língua, a etnia, expressão artística, tradições, entre outros. Na competência seguinte:

- “Competência: Comunicar e participar:
 - **O aluno deverá participar de forma ativa em campanhas de sensibilização** para minimizar os impactes ambientais, socioeconómicos e **culturais da distribuição e evolução da população e do povoamento, a diferentes escalas.**
 - **Explicar a importância do diálogo e da cooperação internacional na preservação da diversidade cultural”**

(Aprendizagens Essenciais de Geografia 8ºano, do 3ºciclo do Ensino Básico)

Se analisar o conjunto de descritores, que segundo as aprendizagens essenciais sugerem que sejam os mais indicados para o sucesso da disciplina, aparecem quase todos identificados, com exceção de um, que na minha opinião deriva constar na lista e ser o principal para o estudo da presente temática, sendo ele:

- “Relacionamento interpessoal:
 - Identificar-se com o seu espaço de pertença, valorizando a diversidade de relações que as diferentes comunidades e culturas estabelecem com os seus territórios, a várias escalas”

(Aprendizagens Essenciais de Geografia 8ºano, do 3ºciclo do Ensino Básico)

Por fim, é possível afirmar com rigor que o tema da Diversidade Cultural está ausente das Aprendizagens Essenciais, apesar de ser meramente enunciado e evidenciado como um apoio e complemento ao estudo das demais temáticas constantes no programa de Geografia para o 8ºano do 3ºciclo do Ensino Básico, não assumindo por si só e de forma errônea, caráter enquanto tema de estudo e reflexão geográfica. Neste sentido, as Aprendizagens Essenciais apresentam-se em discordância com o mundo atual em que vivemos, um mundo cada vez mais global, multicultural e intercultural.

No entanto, outro aspeto que deveria constar nas áreas de competência dos alunos relaciona-se com a organização enquanto grupo ou no pensamento enquanto grupo, uma vez que vivemos em comunidade. O saber trabalhar em grupo uma competência valorizada não só em termos académicos, profissionais, mas também em termos individuais, pois exige treino e prática, pois lidar com pessoas, povos e culturas tão diferentes, nem sempre se revela uma tarefa fácil. Nesse sentido, as próprias Aprendizagens Essenciais, deveriam privilegiar essa componente uma vez que, em quase todas as disciplinas, pelo menos uma vez, os alunos serão colocados a trabalhar e a organizar-se em grupo.

4.3 Reflexão sobre a organização do tema no manual

Antes de mais é importante referir que o manual adotado pela Escola no ano letivo 2019/2020, para as turmas de 8ºano, foi o *Geovisão 8* da Raiz Editoras. O manual foi elaborado pelos seguintes autores: Cacilda Bastos, Carla Santos e Carlos Dias, contando com a consultoria científica do Professor Norberto Santos, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Além do manual, os alunos têm ao seu dispor um caderno de atividades, onde poderão realizar fichas de trabalho, com diferentes níveis de dificuldade e organizadas por temas e também um livro de exercícios – *Atingir Metas* – onde os alunos, à semelhança do anterior poderão aplicar os conhecimentos que foram adquirindo ao longo das aulas. Por fim, o conjunto do professor, dispõem dos materiais mencionados anteriormente e também do livro do professor, onde existem planificações a médio e curto prazo, fichas de trabalho, avaliação com e sem adaptações para alunos com Necessidades Educativas Especiais. Todos os recursos mencionados, encontram-se também disponíveis na plataforma *online* da Escola Virtual (<https://escolavirtual.pt>).

O manual encontra-se dividido em dois domínios, sendo o primeiro a População e Povoamento e o segundo as Atividades Económicas. Este encontra-se estruturado e organizado de acordo com as Metas Curriculares da disciplina de Geografia. Nesse sentido, e uma vez que se encontram também em vigor as Aprendizagens Essenciais para disciplina desde 2018, seria pertinente haver uma atualização da estruturação do manual integrando na íntegra as mesmas e as orientações estipuladas. Ainda no tópico de atualizações, seria pertinente também haver uma atualização das diversas fontes geográficas, focando essencialmente a informação cartográfica e gráfica, uma vez que a mesma se encontra desatualizada e desfasada no tempo. Nesse sentido, a maioria das fontes enunciadas anteriormente dizem respeito ao ano 2012 e 2013, quando não são mais antigas. Este desfasamento do compasso temporal das fontes do manual, quando comparado com o tempo presente, é justificado pela longevidade que o mesmo tem, uma vez que foi feita a primeira edição em 2014.

Em relação ao tema *Diversidade Cultural*, este organiza-se de forma pertinente sobretudo no que diz respeito aos *fatores de identidade cultural*. No entanto, deveria apresentar mais uma vez dados atualizados sobre a temática. Quando no manual se aborda o subtema a da *Globalização e da Multiculturalidade* este encontra-se com algumas carências relativamente à envolvência e magnitude do tema, uma vez que não clarifica o

conceito de multiculturalidade, nem faz distinção do mesmo com a interculturalidade. Além disso, poderia também apresentar algum estudo de caso sobre o tema ou até mesmo direcionar os alunos para algum conteúdo digital, como por exemplo um filme ou mapas interativos, onde demonstram o fenómeno de globalização.

Em relação a conceitos derivados da Diversidade e expansão cultural que o Mundo tem assistido, o manual aborda somente a questão do racismo e da xenofobia, descrevendo o seu significado. Neste sentido, aborda o subtema das *Sociedades Inclusivas*, somente de uma forma sucinta. O manual poderia dar ênfase e fazer uma pequena exploração de alguns artigos da Declaração dos Direitos do Homem e da Declaração sobre a Raça e os Preconceitos Raciais. Dois aspetos positivos a realçar relacionam-se, por um lado, pela forma como eles abordam o conceito de sociedade inclusiva, pois é descrito de uma forma bastante perceptível aos alunos, no entanto poderia haver alguns exemplos de uma sociedade inclusiva. O segundo, remetem os alunos para uma “atividade explora mais”, onde sugerem a visualização de vídeos sobre os direitos humanos, que se encontram disponíveis na plataforma digital da editora.

Por fim, quando aborda o contexto português, considero que o faz de uma forma pertinente, justificando alguns aspetos culturais do nosso país, retomando a época dos Descobrimentos. Nesse sentido e muito bem, o manual baliza esse momento considerando-o umas épocas de maior expansão da cultura portuguesa para o mundo. Apresenta dois exemplos da cultura portuguesa, mais concretamente através de fotografias que enfatizam os nossos traços arquitetónicos. Poderia apresentar também, alguns exemplos de património imaterial, como o Fado, o Cante Alentejano, a Dieta Mediterrânica, entre outros. Nesse sentido, era também pertinente que o manual apresentasse e classificasse os diferentes tipos de património existentes no Mundo. No entanto, é igualmente pertinente afirmar que a expansão da Geografia Cultural em Portugal não se encontra única e exclusivamente relacionada com os temas anteriores, pois atualmente assistimos a uma evolução da mesma nos aspetos teóricos e práticos, colocando os temas abordados e estudados desfasados da realidade atual, uma vez que a evolução e a mudança são conceitos constantes no nosso território.

4.4 A Música como estratégia inerente à prática letiva

A música assume quase que um lugar central nas sociedades, estando presente em todo o lado sob as mais variadas formas e formatos. A música, por si só, e no seu sentido lato é um conjunto de sons, organizados e devidamente estruturados pelo autor que poderá demonstrar as suas intenções e proveniências geográficas, em muitos casos. A música, pode então, definir uma determinada cultura, religião ou etnia. Esta, assume-se como uma ferramenta e resultado, tanto a montante como a jusante, essencial na difusão da cultura dos povos, podendo então ser interpretada como um elo no processo de difusão e expansão cultural.

4.4.1 O Papel da Música no desenvolvimento do Homem

“A música gera emoções e ativa várias estruturas cerebrais, como o sistema límbico, responsável pelas emoções e comportamentos sociais, existindo neste processo a libertação do neurotransmissor dopamina, responsável pela sensação de prazer”
“(Santos & Parra, 2015)”

Neste subcapítulo analisa-se o impacto que a música tem no desenvolvimento do homem, dando ênfase ao desenvolvimento cognitivo do mesmo. O cérebro é um tema fascinante, onde a sua complexidade é analisada sob vários pontos de vista seguindo diversas teorias, mediante as convicções de cada autor. Assim, o cérebro “pode ser definido como um labirinto em forma de noz, mais ou menos do tamanho de duas mãos fechadas colocadas frente a frente, e composto por aproximadamente 12 mil milhões de células” (Ilari, 2003).

O cérebro absorve a informação através dos demais sentidos que o homem tem, assim é possível “considerar que aprendemos 11% através da audição e 83% através da visão, sendo que no decurso de três dias retemos 65% do que vemos e ouvimos, 70% do que ouvimos e logo discutimos e 90% daquilo que dizemos e logo a seguir realizamos” (Muniz, 2012)

Como já é conhecido pela grande maioria da população, o cérebro divide-se em dois hemisférios, o esquerdo e o direito. Ambos os hemisférios parecem ser bastante semelhantes, no entanto cada um assume diferentes funções e particularidades. Na

generalidade da população, o lado direito do cérebro humano, comanda o lado esquerdo e o hemisfério esquerdo, o lado direito. No entanto, a função cerebral não se resume somente a estes dois aspetos, pois cada hemisfério apresenta determinadas funções. Ora vejamos a figura 2:

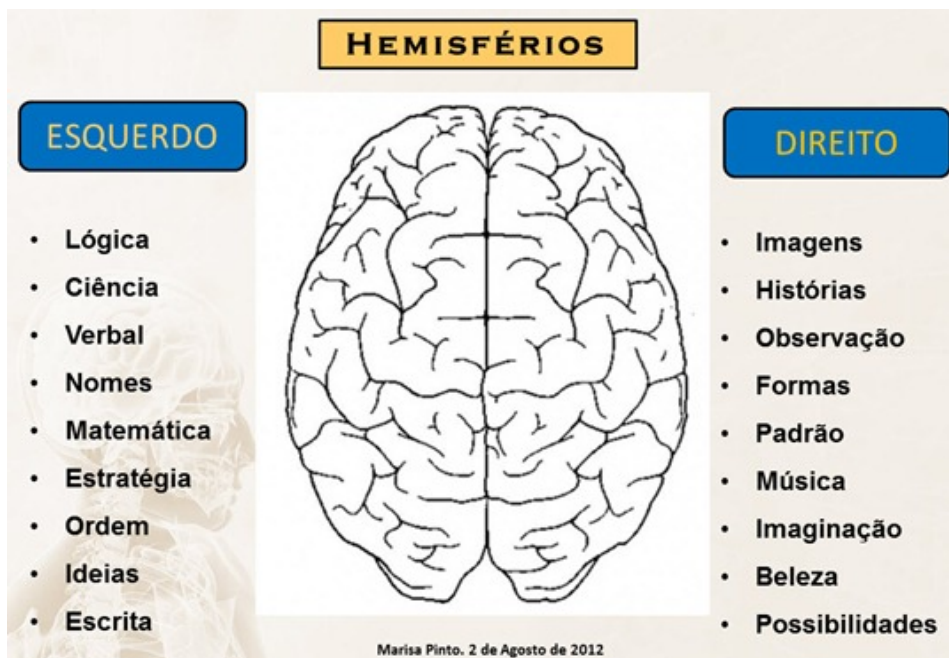


Figura 2: Hemisfério Direito e Hemisfério Esquerdo do Cérebro (fonte: <https://psicologiaparaofuturo.wordpress.com/2012/08/02/o-cerebro-humano-conceitos-basicos/>, 2020.05.21)

Assim, a figura 2 comprova e demonstra que o hemisfério esquerdo do cérebro é essencialmente vocacionado para a lógica, a ciência, matemática entre outros. Em contrapartida, no hemisfério direito funciona essencialmente a intuição, a imaginação, os pensamentos, a música, entre outros. No entanto, Carneiro (2001) defende que a percepção dos sons alusivos linguagem verbal, são retidos pelo hemisfério esquerdo, enquanto no hemisfério direito retém-se a música e os sons emitidos por animais.

Embora os primórdios da investigação da influência da música no desenvolvimento cognitivo esteja associada só ao hemisfério direito, “sabe-se hoje que a aprendizagem musical depende dos dois hemisférios, uma vez que ele é interdependente de outras funções cerebrais, como a memória, a linguagem verbal, a resolução de problemas e a análise, entre outras” (Ilari, 2003). Neste sentido, Ilari (2003) define e explica a importância do conceito de inteligência musical, que pode ser definido pela capacidade que um indivíduo tem de interpretar, pressionar, identificar e classificar os demais sons e melodias existentes.

Seguindo esta linha de raciocínio, Pederiva e Tristão (2006) mencionam que “para Stralio (2001), a inteligência pode ser desenvolvida por meio da audição, já que cada código sonoro representaria um espaço ativado no cérebro, com a finalidade de reter informação”, ou seja, o conhecimento sonoro será mais amplo quando existe a audição de mais sons pelo indivíduo. Assim “quanto mais cedo as crianças entrarem em contacto com a música, maiores serão as chances de eles assimilarem novos códigos sonoros” (Pederiva & Tristão, 2006). Logo, é possível afirmar que o ensino e instrução musical traz benefícios múltiplos e impactos positivos, como a melhoria significativa da concentração, das habilidades nas demais áreas de estudo, como a matemática, a leitura, a lógica, entre outros.

A aprendizagem musical, além dos benefícios mencionados anteriormente, está também associada ao aumento da criatividade e inovação. Além disso, através da música o jovem tem a capacidade de ouvir e refletir, o que contribui de forma direta para a sua transformação, de conhecimento, (...). A música não possui somente um papel na reprodução cultural e afirmação social, mas também é potencial para promover o desenvolvimento individual, a renovação cultural, a evolução social e a mudança.

Para finalizar, é possível afirmar que a introdução da criança na educação musical, e amadurecimento crítico. Posto isto, Swanwick (2003), vem dizer que “a música é uma forma de pensamento constante ao longo do seu caminho escolar, traz benefícios a diferentes níveis e escalas, pois desmitifica conceitos, ideias e ativa o processo de socialização”. Assim, é igualmente notório que a música, quando estudada desde tenra idade, constitui um estímulo de grande importância para o desenvolvimento cognitivo da criança, usando diversas técnicas, como ouvir diferentes tipos de ritmos e melodias, o balanceamento do corpo através do ritmo inerente numa determinada música, os jogos musicais, entre outros. Portanto, a “utilização da música de forma lúdica, além de ser uma fonte de motivação e desenvolvimento cerebral, pode ativar os sistemas de controlo da memória, da linguagem da atenção e do pensamento superior” (Cassarotto, *et al.* 2017).

4.4.2 A música como fator de socialização

Ao longo da História e através das demais investigações que surgem nesse sentido, os investigadores deram conta que desde sempre, a música fez parte de demonstrações

sociais e individuais do Homem. Porém com “o decorrer do tempo e com a modificação do espaço geográfico o homem tornou-se civilizado descobrindo a linguagem e a escrita, mas apesar disso, a música sempre fez parte do seu contexto histórico, na modernidade e na contemporaneidade.” (Moreira *et.al*, 2014). A música vem, igualmente, comprovar e demonstrar a veracidade dos demais factos históricos e nesse sentido, ela surge como um agente fundamental na identificação da cultura dos diversos povos, que existem e foram existindo ao longo da História. Neste sentido, a música foi impulsionadora de diversas manifestações, desde individuais, culturais, revolta, política, entre outras. Assim existem diversas músicas que são consideradas um veículo de promoção de revolta e liberdade, remontando-nos ao século passado, Zeca Afonso, através da interpretação da *Grândola, Vila Morena*, marco inicial da revolução que viria a acontecer, Revolução dos Cravos, em 1974, que tinha como objetivo a queda da ditadura, que vigorava em Portugal, até então.

Carvalho (2011) afirma que “a música é capaz de transcender as emoções, ultrapassar barreiras culturais, sociais e linguísticas. Todavia, a criação, a performance, o significado e até mesmo a definição de música variam de acordo com a cultura e com o contexto social”. Desta forma, Garcia e Correa (s.d) (citando Bréscia,2003) dizem e comprovam que “a música é uma linguagem universal (...). Desde as primeiras civilizações, a música já era usada em rituais como: o nascimento, o casamento, a morte, recuperação de doenças e fertilidade (...)”. Ou seja, a música é intemporal, surgindo também como forma de expressão das diversas culturais e rituais associados.

Por fim, é legítimo afirmar que, a música surge também complemento a artes como, a dança e o teatro, onde o som de fundo, dá ênfase ao que acontece, dando-lhe vida e poder em determinadas circunstâncias. Ou seja, a música é então uma construção social que poderá assumir diversos papéis no seio da sociedade, sendo que a difusão da cultura o mais importante, pois, a mesma encontra-se associada a vários momentos, quer sejam de celebração ou não, a crenças, mas também à identidade dos povos. Assim sendo, a música cria personalidade às demais culturas existentes no mundo, permitindo que o processo de sociabilização e de comunicação seja facilitado, tornando-se então uma linguagem universal.

4.4.3 A música como recurso didático nas diversas áreas do saber

A música pode ser utilizada como um recurso didático nas mais variadas áreas do saber e do processo ensino-aprendizagem. Esta transdisciplinaridade, remonta tempos passados, como na época de Pitágoras, onde o mesmo procurou na música a relação direta existente entre a durabilidade da nota musical, de acordo com o comprimento da corda do instrumento. Assim, ao “utilizar letras de músicas a prática pedagógica possibilita a análise e a reflexão dos conteúdos vistos em sala de aula por meio da dinâmica da nossa sociedade” (Muniz, 2012).

Moreira *et al.* (2014) refere que “em contexto escolar, a música ensina o indivíduo a ouvir e a escutar de maneira ativa e refletida. Não significa que a música se torne o único recurso de ensino, mas pode facilitá-lo, pois o aluno convive com ela desde muito pequeno”. Ou seja, sabemos que atualmente uma das principais críticas que se faz ao ensino se relaciona com o facto de não ser motivador o suficiente para que os alunos gostem e se interessem pela matéria e/ou disciplina, nesse sentido a música surge-nos como um recurso facilmente moldável, uma vez que desde pequenos os alunos são consumidores desta arte. Além disso, o uso da música em sala de aula surge como uma ferramenta motivadora para os alunos e para o desempenho das diversas atividades que realizem.

Posto isto, Neto (2016) (citando Campos,2000) refere que “a música deve fazer parte da formação do homem, não apenas no que se refere ao desenvolvimento emocional, mas também à estruturação e raciocínio logico-matemático. Entre outras áreas, estimula a concentração, a comunicação, a criatividade e favorece o trabalho em grupo”. Neste sentido, a música surge então como uma mais-valia em campo escolar, pois potencializa também a aprendizagem de novas línguas e a integração e socialização dos diversos atores no ambiente escolar, mas também incentiva o trabalhar em equipa/grupo. Portanto, a música é considerada um recurso facilitador no processo ensino aprendizagem e nesse sentido, conciliado com outras fontes de informação, como textos e imagens, constitui-se um ótimo instrumento didático-pedagógico, uma vez que proporciona e auxilia o desenvolvimento cognitivo.

Vários autores defendem que a música é um excelente recurso no processo de assimilação de conteúdos, com a utilização da música o professor tem a capacidade de descomplicar e desconstruir a matéria, tornando-a acessível aos diferentes alunos. Porém, quando um professor utiliza a música como recurso deverá ter em atenção diversos aspetos, como a pertinência da música com o tema, o estilo/género musical escolhido poderá não ser o eleito pelos alunos, o que se pode revelar um constrangimento para a aplicação didática. Além disso a escolha da música é também um fator crucial, pois se for considerada adequada ao tema, poderá surtir efeitos negativos, comprometendo o sucesso da própria aula. Se for convenientemente escolhida, adequada ao tema, ao tipo de alunos e aos gostos dos mesmos, a probabilidade de sucesso da estratégia aumenta significativamente, assim como o conhecimento adquirido pelos alunos.

Por fim, é possível afirmar que o papel da música no processo ensino-aprendizagem é bastante importante, uma vez que possibilita a adaptação a diversos temas e conteúdos de uma “forma lúdica, que permite a fantasia, criatividade, desperta sensações, aumenta a autoestima e facilita o alcance dos objetivos” (Santos e Coelho, s.d).

4.4.4 A música como um instrumento didático em Geografia

“Inserir a música como linguagem nas aulas de Geografia, na construção do conhecimento proporciona aos discentes refletir, questionar e problematizar, contextualizando para com a realidade sobre os conteúdos já trabalhados em sala de aula”

(Farias et. al., 2017)

A Geografia é uma ciência bastante importante no currículo escolar, uma vez que permite formar cidadãos críticos e ativos na sociedade capazes de analisar, problematizar e solucionar problemas do quotidiano e da sociedade. A música, assume um papel fundamental na sociedade, sendo cada vez mais uma linguagem universal, capaz de transpor em frases e palavras conteúdos da sociedade atual. Neste sentido, é fundamental a leitura das letras das músicas, uma vez que poderá possibilitar uma prática pedagógica, com intuito de análise e reflexão do mundo contemporâneo.

Segundo, Farias *et. al* (2017) “o trabalho com a música enriquece a prática do professor e possibilita junto dos alunos estudar, discutir, explorar e criar uma relação entre o ensino e o conteúdo musical”. A música, através das diferentes letras é considerada um instrumento fundamental, favorável à discussão e reflexão de diversos conceitos geográficos. Assim, a música é considerada um produto histórico-geográfico e cultural, onde se podem interpretar e retirar diversos conceitos como paisagem, cidade, urbano e rural, entre outros.

A utilização da música em contexto sala de aula, pode ser diverso. No caso concreto da Geografia, esta pode relacionar-se com o espaço, a paisagem, o território, a cultura dos povos, entre outras. A música, como recurso didático na Geografia, surge com a principal função a de cativar os alunos para a temática abordada, de forma a descortinar do quotidiano, bem como a realidade onde o mesmo se insere. Como produto, a “música é consumida a todo o momento, sendo este o produto cultural mais presente no quotidiano das populações” (Neves, 2016). Neste aspeto, a música assume elevada relevância na temática em estudo, uma vez que a cada música associa-se uma tradição cultural, com história, influência e origem. No entanto, a música não nos remete somente para a cultura de uma população, mas também para aspetos mais físicos como a paisagem, o clima entre outros.

Das várias pesquisas e leituras bibliográficas, a música em contexto ensino-aprendizagem da Geografia surge como um meio, ou seja, uma ferramenta didática cujo intuito principal será conceber aos alunos uma nova ferramenta de estudo da Geografia, enquanto cativa os alunos para a reflexão e discussão dos demais temas. Estudos mais recentes, sobretudo no âmbito da Geografia musical, demonstram que a paisagem possui uma musicalidade característica possuindo assim uma entidade própria. A Geografia da Música, surge então como uma “nova” área do saber Geográfico.

No entanto, a música também deverá ser vista e interpretada como uma ferramenta para estudar as diferentes geografias a diferentes escalas, como o caso das migrações. Nesse aspeto, surge-nos o conceito de Geografia Musical e paisagens sonoras.

A Geografia da Música é uma área relativamente nova, apesar de existir há bastante tempo, onde só os geógrafos com interesses na área cultural, assim como nas manifestações da cultura dos demais povos, a estudam. Nesse sentido, foi com Friedrich Ratzel que surgiu esta nova vertente da Geografia enquanto observava semelhanças entre

os arcos da Melanésia e da África Ocidental (Panitz, 2012). Neto (2018, citando Panitz, 2012) diz que “na França, no início do século XX, a Geografia Musical tentou estabelecer-se como uma disciplina própria”. A Geografia Musical torna-se importante na medida em que desmitifica uma certa cultura por de trás de uma expressão musical. Assim sendo, a introdução de um “certo tipo de chocalho numa banda de Jazz norte-americana, pode dar informações importantes sobre a origem étnica e geográfica do grupo” (Panitz, 2012).

As paisagens são um dos objetos de estudo mais privilegiados pelos geógrafos. A paisagem não se limita somente aos aspetos físicos visíveis, mas sim a todas as interações que a mesma tem com o homem, com a cultura e com a história de um determinado território. A paisagem sonora é variável consoante o espaço geográfico que ocupa, os sons de uma cidade não serão iguais aos de um espaço rural e vice-versa.

A paisagem sonora, vai refletir traços da cultura de uma determinada região, bem como fatores identitários de uma população, refletindo-se em linguagens próprias e manifestando-se sob diferentes formas de arte, como a caso da música. Neste caso, em determinadas comunidades há diferentes estilos musicais que se massificam e se alteram, criando ruturas e descontinuidades com paradoxos pré-concebidos.

Como recurso didático na Geografia a música apresenta enumeras vantagens, sendo a principal a rutura dos velhos paradigmas do ensino, onde aulas expositivas são substituídas por aulas mais dinâmicas, interativas e interessantes, motivando os alunos para aprendizagem de novos conteúdos programáticos e melhorando também a assimilação de novos conteúdos. No caso da Geografia, a música potência também a aprendizagem de diferentes e novos contextos e conceitos geográficos, uma vez que cria uma ligação entre os conceitos teóricos e a existência de um exemplo prático. Velez (2019) diz, então, que “a música é motivadora, predispõe à aprendizagem, é um reportório de educação geográfica, permite construir o conhecimento geográfico, revela novas dimensões da realidade geográfica e transmite uma realidade que transcende factos e números”. A música no contexto pedagógico do ensino da Geografia permite então “o estabelecimento de uma relação empática com os conteúdos desenvolvidos, predispondo os alunos para a aprendizagem” (Vaz, 2019).

Para concluir, Carneiro (s.d) cita Furlanetto (2014) refere que “os geógrafos investigam os sons, os ruídos e a música na sua dimensão espacial há quase um século,

mas apenas no final do século XX é que se percebe o crescimento acadêmico nesta área”. Tendo como base o que foi dito, a Geografia tem vindo a modernizar-se, criando uma maior abertura para temas que até então, eram inerentes a outras áreas do saber. A Geografia Musical ganhou também importância ao estudar os ruídos das diversas paisagens, onde é possível observar comportamentos das populações, bem como fenómenos físicos/naturais existentes.

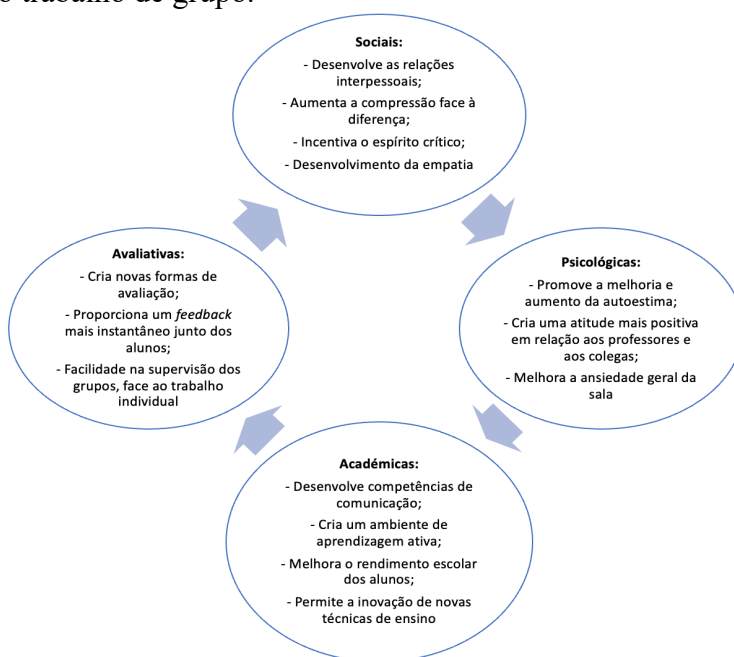
4.5. O Trabalho de Grupo no processo Ensino-Aprendizagem

Desde há muito tempo que se discute a importância do trabalho de grupo na construção do processo ensino-aprendizagem e inúmeras opiniões e pontos de vista existem, sendo que para determinados autores é considerado uma mais-valia, para outros não apresenta grandes vantagens face ao trabalho autónomo. Ambas as formas de trabalhar são essenciais para o crescimento e amadurecimento do aluno, não só por contribuir para aumentar o seu conhecimento, mas também para desenvolver as suas capacidades no trabalho cooperativo, emocional, afetivo e cognitivo. Neste âmbito, o trabalho de grupo e segundo Pereira *et al.* (2015) exige uma reorganização “do processo de ensino-aprendizagem distinta dos modelos pedagógicos tradicionais, dando ênfase à participação ativa do aluno”.

Num trabalho de grupo, primeiramente há sempre a constituição dos grupos, que poderá ser heterogénea ou homogénea. Segundo Pato (2001), num grupo de trabalho homogéneo os alunos apresentam um nível semelhante de aproveitamento académico, capacidades e ritmos de aprendizagem. Já um grupo heterógeno, coloca em evidência as desigualdades entre o nível de aproveitamento, ritmos de aprendizagem e aptidões dos diferentes elementos do grupo de trabalho. Quando há a composição de grupo heterogéneos o trabalho de grupo, segundo para Pereira *et al.* (2015) “proporciona ótimos benefícios para os participantes deste, na medida em que permite que os alunos que não estão tão à vontade se libertem e desinibam, socializando com os restantes elementos.” Nestes momentos, existe uma convergência de diferentes opiniões, onde os alunos conseguem aceitar e entender perspetivas diferentes das suas, dando lugar ao debate e ao poder da argumentação.

Nesta metodologia de ensino, o professor tem também um papel fundamental em todas as fases do processo, desde o momento inicial até ao momento final. O docente assume, ao longo do processo de desenvolvimento do trabalho, diversos papéis que segundo Ribeiro (1990), podem ser definidos como mediador ou moderador, observador e facilitador de todo o processo. Faria (2020 página 40), segundo Bidegáin (1999), refere que o professor no papel de moderador “é aquele que organiza as tarefas que o grupo tem de realizar, elabora os materiais necessários, define os grupos e o tempo de cada tarefa; observador, pois observa o funcionamento dos grupos intervindo de acordo com as dificuldades e potencia a cooperação; facilitador, pois favorece a autonomia dos alunos, sendo os mesmos a tomar decisões e a controlarem as atividades progressivamente”. Assim sendo, é possível concluir que o docente ao longo de todo o processo assume um papel bastante ativo e próximo dos discentes, facilitando o desenvolvimento e o sucesso da tarefa proposta.

Por fim, mas não menos importante, torna-se também relevante fazer-se uma análise sobre as vantagens e desvantagens que o trabalho de grupo oferece, face às práticas pedagógicas mais convencionais. Relativamente às vantagens, este apresenta inúmeras face a outras pedagogias, nomeadamente no que diz respeito às competências, sociais, académicas, psicológicas e avaliativas, como refere Lopes & Silva (2013). O esquema seguinte permite observar e fazer uma análise sintetizada das mais-valias do incremento do trabalho de grupo.



Esquema 3 - Benefícios do trabalho de grupo (Fonte: elaboração própria, com base em Lopes & Silva, 2013)

Relativamente às desvantagens apontadas a este modelo de ensino, relacionam-se essencialmente com a possibilidade de existência de conflitos no seio do grupo de trabalho, relacionados com opiniões divergentes, *timings* diferentes no que respeito ao ritmo de trabalho. Para o docente, a principal desvantagem que funciona ao mesmo tempo como uma barreira, relaciona-se com a motivação e interesse dos alunos pela estratégia apresentada, pois atualmente e dada a especificidade dos alunos é cada vez mais complicado criar estratégias diversificadas.

4.6. Proposta de uma Estratégia Didática

Neste capítulo apresentarei uma proposta de estratégia didática que foi pensada e delineada com base nas características da turma. Na estruturação da mesma foi tido em consideração a especificidade da turma, sobretudo no que diz respeito ao facto da mesma estar integrada no ensino articulado, sendo o principal fator da escolha. Assim, a proposta recai sobre a utilização da música de forma articulada com o tema da Diversidade Cultural, onde a interdisciplinaridade com o ensino da música é fundamental para o desenrolar e o desenvolvimento da estratégia.

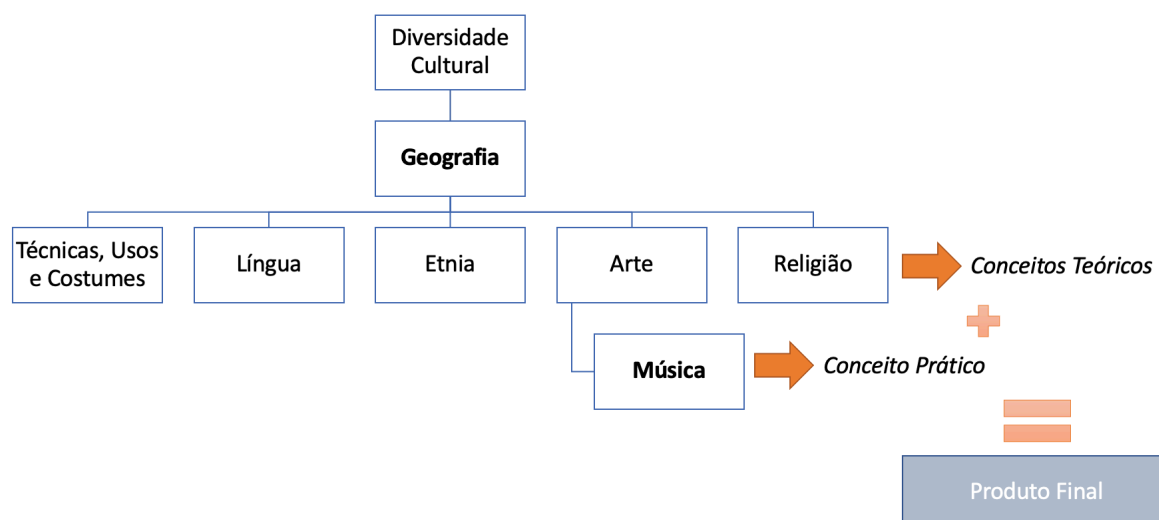
A música é atualmente uma das formas de expansão e de demonstração de cultura das demais comunidades humanas e países, pois transmite história, emoções, contextos geográficos e realidades diferentes das nossas. Assim, a mesma é uma excelente ferramenta no contexto ensino-aprendizagem, como já foi demonstrado e citado anteriormente e, por isso, foi para mim o ponto de partida. Como se trata de uma estratégia interdisciplinar, há vários pontos e questões que devem ser tidos em consideração como: a organização da turma em grupos e pares, o projeto final a ser apresentado e como se irá organizar e apresentar. Estas questões foram a base para a criação da estratégia e, apesar de serem poucas, acarretam um grande esforço e organização para a execução da mesma, apesar de não ter sido implementada.

... O ponto de partida...

O Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória, foi o documento base para a elaboração da estratégia, pois é descrito e implícito que o aluno, futuro cidadão

“reconheça a importância e o desafio oferecidos conjuntamente pelas Artes, pelas Humanidades e pela Ciência e a Tecnologia para a sustentabilidade social, cultural, económica e ambiental de Portugal e do mundo” (*Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória, página 15*), e nesse sentido nada melhor que aliar o conhecimento com a arte musical. Identificada a premissa inicial, o passo seguinte seria delinear a estratégia, de forma coerente e estruturada, e para isso seria necessário intervir junto daqueles que melhor entendem a música e conhecem os alunos nessa competência, os professores de Música.

O ideal de estratégia era, então, aliar o conhecimento da Geografia ao conhecimento da Música, mas como? Foi, então, outra questão imposta no decorrer da estratégia, apesar de ser ainda prematura. De um ponto de vista lógico, a Geografia daria as ferramentas teóricas da diversidade cultural, desde os conceitos fundamentais à realidade das demais populações. Do ponto de vista prático, a Música seria a implementação e interpretação dos conceitos pelos alunos.



Esquema 4: O início da problemática (fonte: elaboração própria, 2021)

Ora bem, o início estava então definido, a Geografia fornecia os aspetos teóricos da Diversidade de Cultural e a Música seria então a implementação mais prática. Para isso, seria então necessário que ambas as áreas do saber se articulassem, trabalhado juntas para assim se conseguir um produto final e a questão que se impunha agora era tão simples como: o que será o produto final? Este produto final teria de se resumir ao trabalho mútuo

das duas áreas, no entanto com uma particularidade, só seria apresentado um único projeto, um único resultado.

... o desenvolvimento...

A conclusão parecia clara, teria de haver apenas um produto final, no entanto na prática não se revelava assim tão fácil, uma vez que teria de haver a constituição de grupos e pares de trabalho. Os grupos de trabalho foram pensados de acordo com as especificidades das disciplinas sobretudo com as da componente musical, uma vez que era nessas que haveria a demonstração prática do projeto. Nesse sentido, a constituição dos mesmos iria ser feita no decorrer das aulas de música.

A pouco e pouco foi emergindo com maior clareza qual o produto final da proposta didática e como seria executado. Assim e mediante a especificidade da turma, pensou-se num espetáculo, onde se aliava não só as valências e os conhecimentos musicais, como também o conhecimento geográfico que os alunos viriam a concretizar. Tudo neste ponto parecia ser claro, no entanto havia ainda uma grande questão por descortinar, afinal como é que o ensino da diversidade cultural e o ensino da música se aliavam? Se à partida a música é um veículo de transmissão de conhecimento, cultura, de evolução e da globalização, a diversidade cultural teria de estar implícita na mesma.

Após a conclusão do que iria ser feito, faltava definir uma data para que houvesse a apresentação do espetáculo. A mesma, teria de ter algum significado, não só no âmbito da Geografia, mas também no âmbito da Música. Inicialmente pensou-se no Dia da Europa (20 de maio) e no Dia da Música (1 de outubro). No entanto, como não são datas próximas eis que surgiu o dia 1 de junho de 2020, Dia da Criança, que no fundo foi encarado como um meio termo entre as duas propostas anteriores.

... a implementação...

Num primeiro momento de implementação da estratégia, recorre-se à organização da turma em grupos de trabalho, com cinco elementos no máximo, sendo que um grupo teria seis elementos. Essa organização, seria feita junto dos professores de música, uma vez que a parte prática do projeto seria a criação de uma harmoniosa banda, onde se

conseguisse integrar todos os instrumentos musicais aprendidos pelos alunos. No entanto, neste momento a Geografia já ditava a sua organização, pois seria um grupo para cada continente, subdividido somente a América do Norte da América do Sul, uma vez que possuem estilos musicais bastante diferentes, como é possível de verificar no quadro seguinte.

Quadro 1 - Exemplo dos grupos de trabalho e das respetivas áreas de estudo

Grupos	Continente
Grupo 1	África
Grupo 2	América do Sul
Grupo 3	América do Norte
Grupo 4	Ásia
Grupo 5	Europa
Grupo 6	Oceânia

Numa primeira fase, a implementação iria ser feita uma apresentação teórica do tema junto dos alunos, bem como a exposição da ideia da aplicação didática, pois os professores envolvidos estariam dispostos a ouvir outras opiniões e sugestões de elaboração do trabalho/projeto. Ainda na primeira etapa, os alunos iriam também fazer uma pesquisa onde iriam reunir diferentes informações sobre o tema, quer seja em termos de disciplina teórica – Geografia – quer em termos das disciplinas práticas – as disciplinas de Música. Além disso, é nesta mesma etapa que se faz a escolha das músicas para posterior apresentação em espetáculo.

Numa fase intermédia, ou seja, a segunda fase, os alunos iriam fazer uma exposição do que tinha pesquisado e aprendido sobre o tema, ao mesmo tempo em que se iniciava a preparação prática do espetáculo final, nomeadamente através do ensaio das músicas para o mesmo. Além do mais, nesta fase os alunos teriam de preparar um pequeno texto introdutório para recitarem antes da apresentação de cada grupo, para assim darem a conhecer ao público o porquê da escolha da música, bem como a partilha do tema da Diversidade Cultural com aqueles que estavam a ouvir.

Na última fase, a apresentação final iria iniciar-se através uma introdução do tema, bem como a justificação para a criação de uma articulação entre as duas disciplinas, como um método de ensino-aprendizagem. Aliado à apresentação individual de cada grupo, como pano de fundo, iriam passar algumas imagens que evidenciassem os traços culturais da região/país escolhido pelos grupos de trabalho, de forma a potencializar o conhecimento sobre a dinâmica cultural existente.

4.7. Resultados

Devido à situação pandémica, referenciada ao longo do presente relatório não foi possível implementar a estratégia desenvolvida, uma vez que foi decretado que a partir do dia 16 de março de 2020 houvesse a suspensão imediata das atividades letivas presenciais, pelo que as mesmas se iriam realizar em regime *online* até ao final do ano letivo.

Apesar de não ter implementado a estratégia apresentada, a mesma revela-se uma prática letiva bastante interessante do ponto de vista pedagógico, uma vez que consegue criar uma articulação curricular entre duas áreas tão distintas, mas ao mesmo tempo tão próximas. Para os alunos, esta estratégia pode ser encarada como uma forma de “escape” ao tradicional modelo ensino, para os professores é considerada como um novo desafio, uma vez que irá completar a aprendizagem mútua de duas áreas do saber.

4.8. Alternativa à proposta inicial em contexto E@D

Como mencionado anteriormente, a proposta didática apresentada não foi implementada, uma vez que o contexto de ensino não era favorável para a concretização da mesma. No entanto, e apesar de não ter sido desenvolvida, o tema da Diversidade Cultural foi igualmente abordado em sala de aula, repartida em três aulas, duas teóricas e uma prática de apresentação de trabalhos e pesquisas dos alunos.

Numa introdução ao tema e como já era hábito em todas as aulas síncronas, foi colocado na plataforma *Moodle* o guião de apoio à lição. Nesse dia, iniciei a aula, com a apresentação de um mapa interativo onde era possível ouvir todas as línguas do mundo,

com a pronúncia e sotaque de cada idioma (<https://localingual.com/?ISO=PT>), figura 3. Ainda no decorrer da análise do mapa, foram apresentadas também as motivações da pessoa que o criou, pois segundo fontes bibliográficas, o criador do mapa era um viajante que percorria Europa e como a língua difere de país para país, o mesmo começou a ter alguma dificuldade em comunicar com a população nativa. Nesse sentido, surgiu a ideia de criar esta plataforma, para que quem a viesse utilizar, conseguisse aprender o sotaque da região, bem com algumas expressões características. Além disso, foi referido em aula que as plataformas semelhantes à apresentada poderão contribuir para a preservação de determinadas línguas que possam estar em extinção e nesse sentido as tecnologias são consideradas um veículo relevante para a preservação e conservação da História de um determinado território.

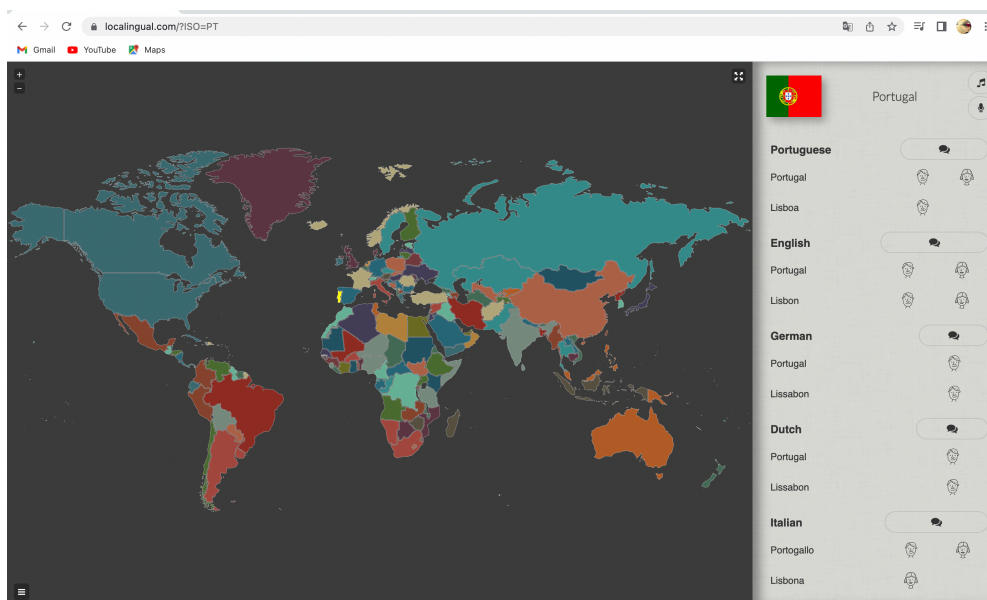


Figura 2 - Plataforma Localingual (disponível em: <https://localingual.com/?ISO=PT>)

Em seguida, projetei a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, onde destaquei o primeiro artigo que diz o seguinte:

*“A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade manifesta-se na originalidade e na pluralidade das identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a **diversidade cultural** é tão necessária para o género humano como a diversidade biológica o é para a natureza. Neste sentido, constitui o*

património comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras”.

Além de ter apresentado o documento, de forma simplificada destaquei, no guião da aula, o mesmo artigo, para assim conseguir introduzir as categorias do património e destacar, através de um conjunto de imagens as classificações de Património da Humanidade que a UNESCO tinha feito em Portugal. Nessa mesma aula, ainda foram abordados os fatores de identidade cultural através da apresentação de um esquema.

O trabalho autónomo dessa aula, envolvia a criação de uma pequena apresentação de músicas ou expressões artísticas (dança, teatro, pintura, entre outros) que representassem um fator de identidade de um país à escolha. Na aula seguinte, os alunos iriam fazer essa pequena exposição à turma. Esta estratégia surtiu um efeito bastante positivo, uma vez que num universo de vinte e seis alunos, somente sete é que não apresentaram nem demonstraram interesse na atividade. A elaboração da apresentação e do trabalho, não apresentou grandes linhas orientadoras, pois o objetivo era que os alunos tivessem liberdade de escolherem o molde e o tipo de trabalho que queriam mostrar. Nesse sentido, houve então uma grande diferença entre os trabalhos apresentados, houve quem optasse por fazer uma apresentação em PowerPoint com alguns traços culturais do país escolhido, houve quem apresentasse bandas e mostrasse algumas músicas, artistas plásticos, pintores e bailarinos, onde apresentam a sua bibliografia e algumas das suas obras mais famosas, houve quem passasse vídeos também, partituras musicais, entre outros. Em termos pedagógicos, foi uma prática pedagógica muito interessante, pois o aluno tinha autonomia para escolher o que queria fazer, salvaguardando sempre as linhas orientadoras e conteúdos programáticos. Em seguida, são apresentados alguns dos trabalhos realizados pelos alunos da turma 8ºX.

Trabalho 1: O Fado

Escola de Música do Colégio São Teotónio



FADO

PATRIMÓNIO DA HUMANIDADE

Nome:

Ano/turma: 8º

O fado é um estilo musical português. Geralmente é cantado por uma só pessoa (fadista) acompanhado por uma guitarra clássica (nos meios fadistas denominada viola) e uma guitarra portuguesa. O fado foi elevado à categoria de Património Cultural e Imaterial da Humanidade pela UNESCO[1] numa declaração aprovada no VI Comité Intergovernamental desta organização internacional, realizado em Bali, na Indonésia, entre 22 e 29 de Novembro de 2011.



A ORIGEM

A palavra fado vem do latim *fatum*, ou seja, "destino", é a mesma palavra que deu origem às palavras fada, fadario, e "correr o fado".

Uma explicação popular para a origem do fado de Lisboa remete para os cânticos dos mouros, no entanto, tal explicação não está inteiramente comprovada. Apesar de não existirem registros do fado até ao início do século XIX, era conhecido no Algarve, último reduto dos árabes em Portugal em 1249, e na Andaluzia onde os árabes permaneceram até aos finais do século XV.

Uma outra origem é do escandinavo "fata", que significa vestir, compor, que teria dado origem, segundo outra teoria, no francês antigo ao termo "fatiste" que significa poeta. "Assim podemos ver que o fado é uma degeneração da xácara, que pelas transformações sociais, veio a substituir a canção de gesta da Idade Média".[5]

Numa outra teoria, também não completamente provada, a origem do fado parece despontar da imensa popularidade nos séculos XVIII e XIX da Modinha, e da sua síntese popular com outros géneros afins, como o Lundu que por sua vez tem origem em danças angolanas com o Kaduke de Mbaka, posteriormente uma das mais populares danças praticadas em Luanda com o nome de masemba.[6][7] No essencial, a origem do fado é ainda desconhecida, mas certo é, que surge no rico caldo de culturas presentes em Lisboa, sendo por isso uma canção urbana.



O FADO DE LISBOA



▪ A origem histórica do fado é incerta. Não é uma importação. É o resultado de uma fusão histórica e cultural que ocorreu em Lisboa.[11] Surge na segunda metade do século XIX, embalado nas correntes do romantismo: melopeia exprimindo a tristeza de um povo, a sua amargura pelas dificuldades que vive, mas capaz de induzir esperança. Contaminando mais tarde os salões da aristocracia, tornar-se-ia rapidamente expressão musical tipicamente portuguesa.

▪ O musicólogo Rui Vieira Nery, considera que a história do fado tem início bem longe de Lisboa mas o investigador Paulo Caldeira afirma que o fado começou por ser cantado nas chamadas "Casas de Fado" , como Alfama, Castelo, Mouraria, Bairro Alto, Madragoa. As suas origens boémias e ordinárias provêm das tabernas e bordéis, dos ambientes de orgia e violência dos bairros mais pobres da capital. Tornava por isso o fado condenável aos olhos da Igreja, que desde cedo tentou impedir a sua evolução. As tabernas, primordialmente, eram palco de encontros de fidalgos, artistas, trabalhadores das hortas, populares e estrangeiros, que se reuniam em noites de fado vadio, ou seja, o fado não profissional



O FADO DE COIMBRA



▪ Muito ligado às tradições académicas da respectiva Universidade, o Fado de Coimbra tem as suas origens trovadoresca nos estudantes de todo o país que levavam as suas guitarras para Coimbra e, como ainda hoje se assiste, é exclusivamente cantado por homens e tanto os cantores como os músicos usam o traje académico: calças e batina pretas, cobertas por capa de fazenda de lã igualmente preta. Canta-se à noite, quase às escuras, em praças ou ruas da cidade. O local mais típico é na praça junto ao Mosteiro da Sé Velha. Também é tradicional organizar serenatas, em que se canta junto à janela da casa da dama que se pretende conquistar.

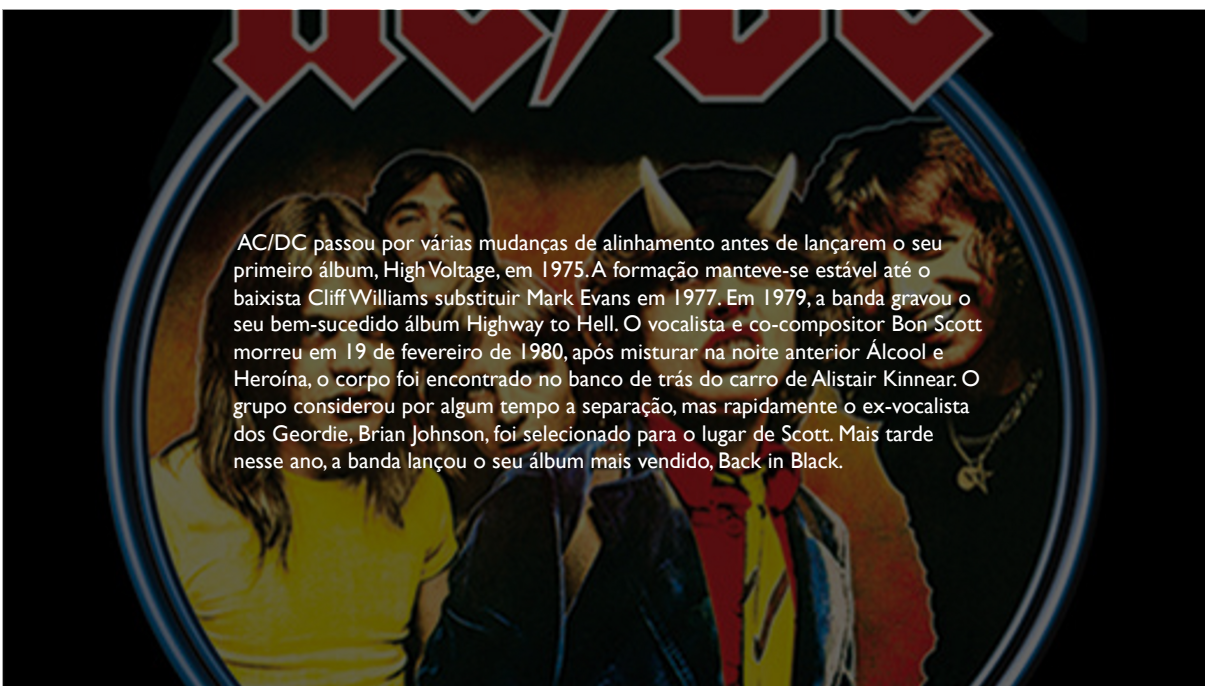
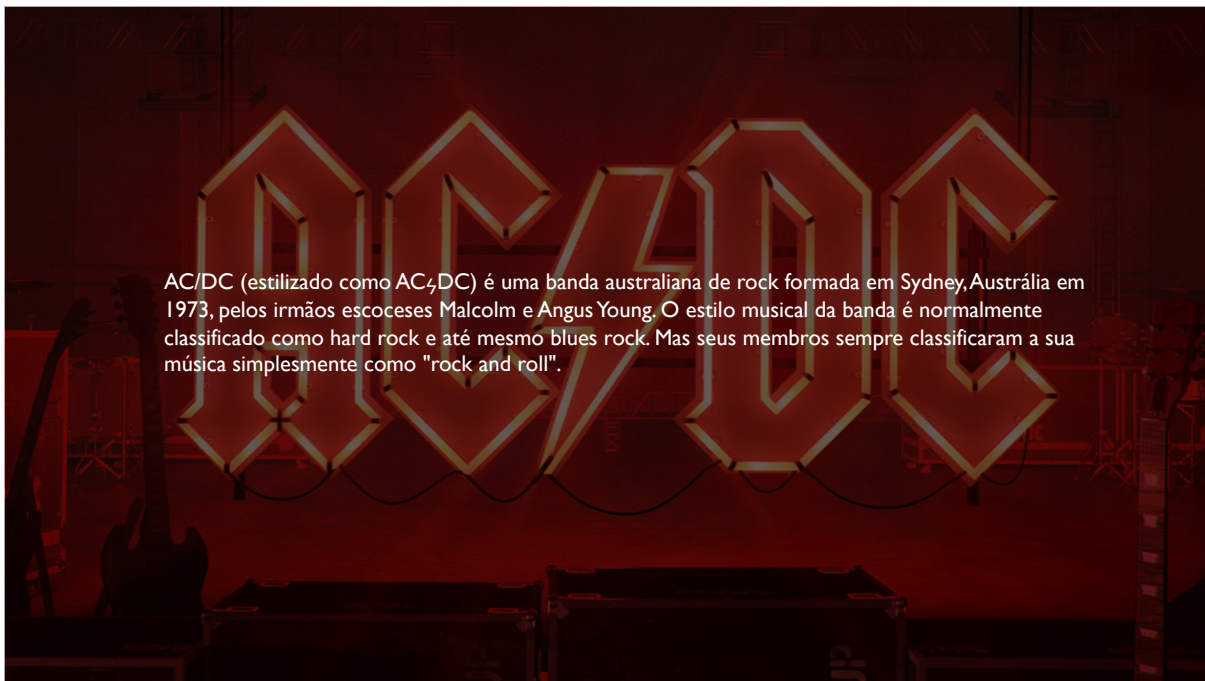
▪ O Fado de Coimbra é acompanhado igualmente por uma guitarra de Coimbra e uma guitarra clássica (também aqui chamada "viola"). No entanto, a afinação e a sonoridade da guitarra portuguesa são, em Coimbra, diferentes das do fado de Lisboa na medida em que as cordas são afinadas um tom abaixo, e a técnica de execução é diferente por forma a projetar o som do instrumento nos espaços exteriores, que são o palco privilegiado desta canção. Também a guitarra clássica se deve afinar um tom abaixo. Esta afinação pretende transmitir à música uma sonoridade mais soturna, relativamente ao Fado de Lisboa.

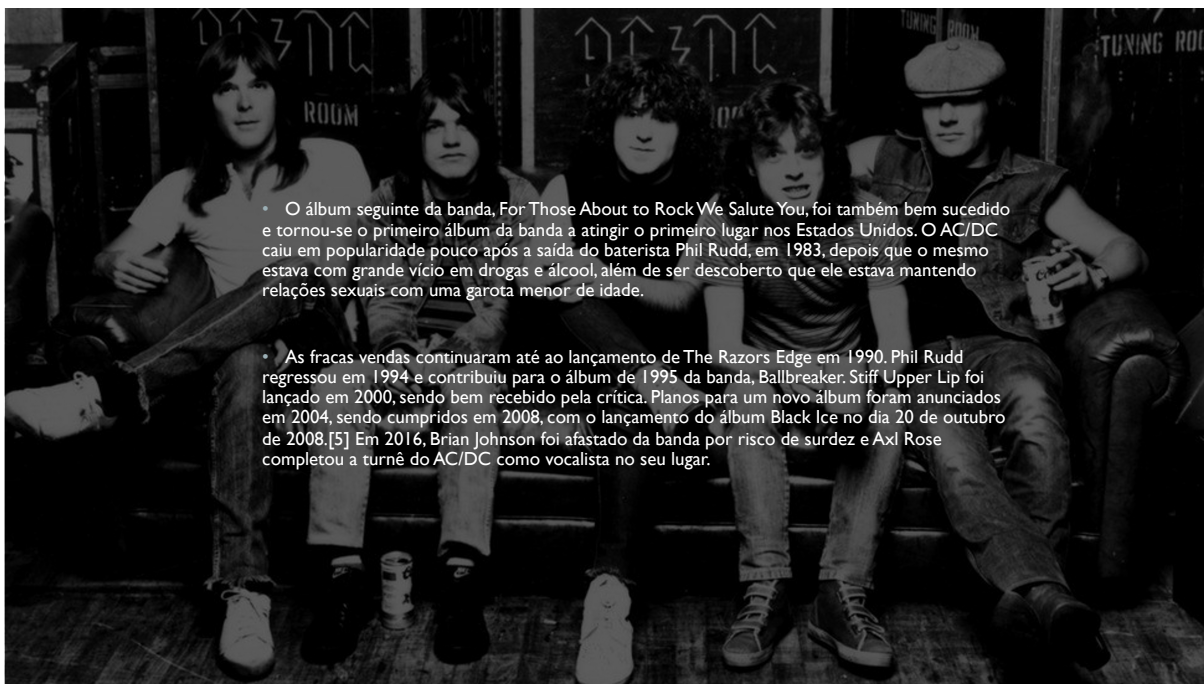
▪ Temas mais glosados: os amores estudantes, o amor pela cidade, e outros temas relacionados com a condição humana. Dos cantores ditos "clássicos", destaques para Augusto Hilário, António Menano, Edmundo Bettencourt.



Trabalho 2: Banda AC/DC







Trabalho 3: Flamenco



Flamenco

Trabalho realizado por:

Disciplina de Geografia

Colégio de São Teotónio



O flamenco é a música, o canto e a dança cujas origens remontam às culturas cigana e mourisca, com influência árabe e judaica. A cultura do flamenco é associada principalmente à região da Andaluzia, na Espanha, assim como a Múrcia e Estremadura, e tornou-se um dos símbolos da cultura espanhola. Em 16 de novembro de 2010, o flamenco foi declarado património cultural imaterial da humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura



Originalmente, o flamenco consistia apenas de canto (cante) sem acompanhamento. Depois, começou a ser acompanhado por violão ou guitarra (toque), palmas, sapateado e dança (baile). O toque e o baile podem também aparecer sem o cante, embora o canto permaneça no coração da tradição do flamenco. Mais recentemente, outros instrumentos como o cajón (ou adufe, em português: uma caixa de madeira usada como percussão) e as castanholas foram também introduzidos assim como vários outros instrumentos como o violino, o celo e flauta; o que veio a engrandecer as nuances musicais além da tradicional guitarra.



O flamenco é atualmente dividido em três categorias:

- ❖ Flamenco Jondo: é a forma mais tradicional do flamenco e que significa profundo, denso ou pesado. Está relacionado aos primeiros cantes e que perduram em sua maioria até os dias de hoje.
- ❖ Flamenco Chico: são todas as formas de espírito festeiro com as bulerías, rumbas, tangos e alegrás e que não possui a mesma profundidade que no "jondo".
- ❖ Flamenco Intermedio: são todas as formas que se encontram entre as duas categorias acima.





Na última aula sobre o tema da diversidade cultural, foi abordado o tema da globalização e da multiculturalidade, bem como alguns problemas que advêm dessa mesma globalização, como a xenofobia, o racismo e o preconceito. Aliado a estes conceitos e numa tentativa de minimizar a expressão dos mesmos, abordou-se o tema das sociedades inclusivas, recorrendo à apresentação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, bem como da Declaração Universal sobre as Raças e os Preconceitos Raciais, através da transcrição dos dois primeiros artigos de ambas as declarações. Por fim, recorri a um exemplo prático do nosso país onde era abordada, através da análise de duas notícias o tema dos refugiados. No guião prático da aula, foram colocadas algumas páginas *online* para os alunos explorarem e consultarem mais informações sobre o tema, como é possível verificar em seguida.

NOTA: Em primeiro lugar, devem marcar presença no tópico da aula e só depois aceder ao *Teams*, para a reunião

As tarefas pedidas – destacadas a **negrito (1, 2 ...)** – devem de ser colocadas na plataforma.

SUMÁRIO:

APRESENTAÇÃO DA TAREFA 2 DA AULA ANTERIOR.

A GLOBALIZAÇÃO E MULTICULTURALIDADE.

A CONSTRUÇÃO DE SOCIEDADES INCLUSIVAS.

“Não vivemos num mundo homogêneo nem igualitário. Vivemos num mundo onde há diferentes culturas a conviver em simultâneo num mesmo espaço e, nem todas têm o mesmo reconhecimento e poder” (SILVA, 2010)

Páginas a consultar: 95 e 96 do manual

GLOBALIZAÇÃO E MULTICULTURALIDADE

A **globalização** –conjunto de transformações políticas, económicas, sociais e culturais que têm ocorrido nas últimas décadas e que se refletem nas sociedades contemporâneas – tem vindo a intensificar-se sobretudo a partir do final do século XX, com o **desenvolvimento dos transportes e das tecnologias de informação e comunicação**. Com a crescente mobilidade de bens, pessoas e informação, toda a cultura dos povos fica sujeita a constantes alterações e transformações, assistindo-se a alguma preocupação no que se refere à perda de identidades culturais provocadas pelo fenómeno de **aculturação**.

1. Anota no teu caderno diário, o conceito de **globalização e aculturação**.

A **diversidade cultural** e o fenómeno de **globalização**, podem estar também associados a um enriquecimento mútuo, mas também pode provocar sentimentos de **intolerância, discriminação, preconceito, xenofobia, racismo** que podem levar à exclusão social de pessoas ou grupos diferentes. Nesse sentido a globalização apresenta algumas **vantagens, desvantagens e consequências**, como poderás ver no teu manual (esquema 1, página 95 do manual).

2. Com auxílio do esquema 1, da página 95, identifica na tua cidade algumas **vantagens, desvantagens e consequências da globalização**.

Ao falarmos em globalização, surge também o conceito de **multiculturalidade e interculturalidade**.

Apesar de, parecerem conceitos semelhantes **não o são** e cada um deles apresenta algumas particularidades e diferenças, tornando-os conceitos independentes. Nesse sentido, entende-se como **multiculturalismo** quando existe a coabitação no mesmo espaço de diferentes culturas, no entanto não se misturam entre si. Em contrapartida, a **interculturalidade**, à semelhança do anterior, diz que a população de diferentes culturas vive no mesmo espaço e território, mas convivem e vivem todos juntos, não existindo uma separação nítida das diferentes culturas.

A CONSTRUÇÃO DE SOCIEDADES INCLUSIVAS

O que é uma sociedade inclusiva?

Aquela que garante e aceita a participação igualitária de todos os indivíduos numa sociedade, independentemente da sua classe social, da sua condição física, do seu nível de educação, do género, da etnia, entre outros aspetos.

O respeito, a aceitação pela riqueza e pela diversidade cultural, juntamente com a proteção e preservação dos Direitos Humanos, são valores e atitudes que devem ser sempre consideradas a nível político, religioso, legal e moral. No sentido de estabelecer e proteger a igualdade entre todos os seres humanos, independentemente das suas origens, características ou ocupações, foram criadas a Declaração Universal dos Direitos do Homem e a Declaração sobre a Raça e os Preconceitos Raciais.

Artigo 1º:

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade. (Declaração Universal dos Direitos do Homem)

Podem consultar os restantes artigos em: <https://dre.pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>

Artigo 1º:

1. Todos os seres humanos pertencem à mesma espécie e descendem de uma origem comum. Nascem iguais em dignidade e em direitos e todos fazem parte integrante da Humanidade.

2. Todos os indivíduos e grupos têm o direito de ser diferentes, de se considerarem diferentes e de serem vistos como tal. Contudo, a diversidade de estilos de vida e o direito de ser diferente não podem, em quaisquer circunstâncias, servir de pretexto para o preconceito racial; não podem justificar, de direito ou de facto, qualquer prática discriminatória, nem servir de fundamento à política do *apartheid*, a qual constitui uma forma extrema de racismo. (Declaração sobre a Raça e os Preconceitos Raciais.)

Podem consultar os restantes artigos em:

<http://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/decl-racapreconceitosraciais.pdf>

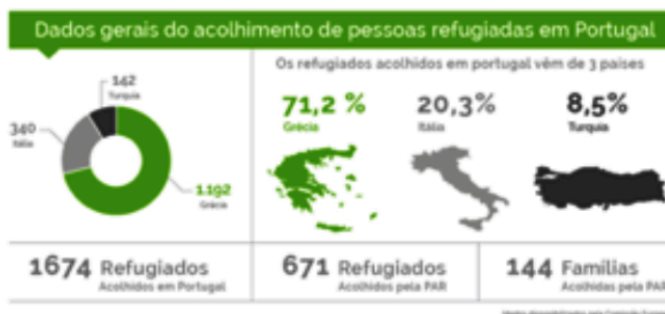


Assim, num mundo tão globalizado como o atual, é necessário reconhecer e respeitar as diferenças próprias de cada indivíduo, que implica o respeito pelo outro, pelos seus valores, pelas suas crenças, ... de modo a ser possível viver em sociedades inclusivas (sociedade para todos, independentemente de sexo, idade, religião, origem étnica, raça, orientação sexual ou deficiência).

Em Portugal, com o exemplo dos refugiados:

“Desde o final de 2015 até fevereiro de 2018, Portugal recebeu 1674 refugiados: 1.192 pessoas da Grécia e 340 de Itália e acolheu 142 refugiados ao abrigo do Programa de Reinstalação da Turquia (Plataforma de Apoio aos Refugiados,

<https://www.refugiados.pt/refugiadosemportugal/>”



“Primeiras 25 das 500 crianças da Grécia chegam a Portugal em junho

A resposta consiste num acolhimento temporário, entre três a seis meses, acautelando todo o apoio e intervenção inicial que estas crianças possam necessitar e depois um encaminhamento para uma resposta mais adequada aos seus perfis, às suas expectativas e na verdade também à idade que tenham”, disse a ministra de Estado e da Presidência”

(Jornal de Notícias, 13 de maio 2020, podes consultar a notícia na íntegra em:

<https://www.jn.pt/nacional/primeiras-25-das-500-criancas-da-grecia-chegam-a-portugal-em-junho-12190275.html>)

Sites a consultar sobre o tema dos refugiados:

<http://cpr.pt> – Conselho Português para os Refugiados;

<https://unric.org/pt/refugiados/> - pequeno texto sobre os Refugiados

<https://www.acnur.org/portugues/> - Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

Capítulo V – O Ensino a Distância - o conhecimento empírico de quem conviveu com essa realidade

O Ensino a Distância foi uma realidade adotada por todas as escolas do país aquando do avanço da doença Covid-19. Para muitos não é um tipo de ensino recente, para outros foi, e com ele novos desafios foram impostos aos professores, aos alunos, às escolas, às famílias e à sociedade em geral. Nesse sentido, o Ministério da Educação veio criar um Roteiro dos 8 Princípios Orientadores para a Implementação do Ensino a Distância (E@D) nas Escolas, sendo que o objetivo principal “é garantir que todas as crianças e todos os alunos continuam a aprender no presente contexto [de pandemia]”.

Num ensino a distância criado e estipulado em pouco mais de quinze dias, o principal vetor seria: criar materiais diversificados onde o trabalho autónomo do aluno seria o mais valorizado, existindo então a promoção ativa do papel do aluno pela procura e exploração de novas aprendizagens. De certa forma, a criação de um papel mais ativo do aluno, sempre esteve enfatizada no Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória, no entanto só agora terá sido colocada em prática, uma vez que os alunos receberam somente orientações breves, claras e contextualizadas da matéria que seria abordada na presente aula e/ou semana.

Aos professores, coube o papel fundamental de reorganizar e reestruturar todo um período que havia sido pensando e delineado no início do ano letivo. A adaptação da matéria, ao novo modelo de ensino/aprendizagem não se revelou uma tarefa simples e fácil, pois coube ao professor o duro papel de motivar os alunos para o novo 3.º período do ano letivo.

5.1. Contextualização do Ensino a Distância (E@D)

Numa era tão globalizada e de encurtamento de distâncias, o ensino a distância pode constituir-se como uma nova ferramenta no processo ensino-aprendizagem, uma vez que tem como base as tecnologias de informação e comunicação, aspeto aliciante numa sociedade tão moderna quanto a atual. Os primórdios do ensino a distância remontam, segundo Damiano (2011), o final do século XVIII e o início do século XIX, “aquando da

criação do primeiro curso por correspondência, por Isaac Pitman”. No entanto, só após o aparecimento da Internet “ é que este tipo de ensino se propaga e se desenvolve mais, graças a toda a tecnologia e meios que apareceram, através dos quais se pôde, e continua a poder, aplicar, adaptar, e usar para o Ensino à Distância”.

Rurato *et al.* (2004 citando Preti, 1996) refere que “o ensino a distância deve ser compreendido como uma forma de ser fazer educação, de se democratizar o conhecimento, ou seja, o conhecimento deve estar disponível para quem se dispuser a conhecê-lo, independentemente do lugar, do tempo e das rígidas estruturas formais de ensino”. Esta modalidade de ensino veio romper com o velho paradigma da presença obrigatória em aula, chegando a mais população, por ser um ensino mais flexível, onde o aluno gere o seu tempo, potencializando o trabalho autónomo. Uma das principais oportunidades referidas, por diversos autores, nesta modalidade de ensino relaciona-se com a facilidade de acesso a um número mais generalizado da população, que por razões de ordem económico-financeira, geográfica, pessoal, entre outras, não teriam a possibilidade de acesso ao ensino.

A internet, como veículo de expansão e requisito, quase que obrigatório para atualidade está acessível a uma grande maioria da população facilitando esta forma de ensino. O uso generalizado destas ferramentas, consegue alterar o paradigma da educação, criando novas potencialidades e possibilidades de aprendizagem, uma vez que consegue ter uma diversidade de informação, promovendo a criatividade e o espírito crítico dos nossos alunos. No entanto e apesar de ser um ensino mais autónomo, o papel do professor é fundamental uma vez que organiza e planifica todas as atividades inerentes à aprendizagem. Assim para Rurato *et al* (2004), a “educação à distância é a aprendizagem planeada que normalmente ocorre num lugar diferente em relação ao professor, e como consequência, requer a utilização de técnicas especiais de planeamento, bem como métodos específicos”.

Para finalizar, o papel do professor é igualmente fundamental neste método de ensino, uma vez que apesar do distanciamento físico o mesmo, colabora ativamente no processo de aprendizagem do aluno, pois neste método de ensino é necessário a existência de momentos assíncronos, onde os alunos trabalham e estudam autonomamente. Além disso, é nos momentos síncronos que o professor, em tempo real, acompanha os alunos no desenvolvimento das diversas temáticas.

5.2. O Ensino a Distância (E@D) na Escola

Para concretizar esta nova modalidade de ensino, a escola recorreu à plataforma *Teams* para a realização das aulas síncronas e ao *moodle* da escola para os momentos assíncronos. Todo o calendário de aulas síncronas ocorria de acordo com o horário de funcionamento das aulas presenciais, não existindo qualquer adaptação nem alteração ao mesmo. Nesse sentido, a disciplina de Geografia dispunha de dois blocos de 50 minutos por semana, sendo que em ambos eram realizadas aulas síncronas, no entanto com ligeiras diferenças face ao ensino presencial. As aulas eram divididas primeiramente em dois momentos, um primeiro momento em chamada e em tempo real, com uma duração aproximada de 25 minutos e o segundo momento com duração aproximada de 15 minutos para os alunos realizarem trabalho autónomo. No decorrer da aula síncrona existiam também três momentos diferentes:

- No primeiro momento havia o esclarecimento de dúvidas dos conteúdos lecionados na aula anterior, bem como a correção da tarefa autónoma;
- O segundo momento era gravado e nele os alunos não poderiam fazer qualquer intervenção, sendo uma aula expositiva e onde eram abordados e expostos os novos conteúdos;
- Por fim, no terceiro momento eram apresentadas as tarefas que os alunos deveriam realizar de forma autónoma, possibilitando a assimilação dos conteúdos programáticos abordados. Estas eram realizadas de forma assíncrona e os alunos deveriam entregá-las semanalmente na plataforma *moodle*, disponibilizada pela escola, para posterior avaliação.

Todas as aulas em contexto E@D foram asseguradas por nós, professoras estagiárias, sempre supervisionadas pela professora cooperante. Enquanto estagiárias tivemos a oportunidade de organizar as aulas síncronas e os momentos assíncronos onde planeávamos exercícios, tarefas e atividades.

Relativamente ao acesso às aulas pelos alunos, esse revelou-se bastante facilitado uma vez que todos dispunham de computador, havendo uma adesão de 100% dos alunos, perante este novo modelo de ensino, tanto para as aulas síncronas como para as aulas assíncronas. Nos momentos assíncronos, os alunos poderiam colocar questões e dúvidas através da plataforma *moodle* ou através do email institucional, tanto à professora cooperante como às professoras estagiárias. Nos momentos assíncronos, como referido,

os alunos tinham sempre tarefas para executar, as quais deveriam ser entregues na plataforma da escola, com o prazo máximo de uma semana após a atribuição das mesmas. Relativamente aos momentos assíncronos, os alunos revelaram alguma falta de participação e cumprimento de tarefas, sendo que houve 12% dos alunos ao longo 3º período nunca entregaram tarefas e quando confrontados e questionados com essa situação, respondiam que o iriam fazer. Somente 9% dos alunos da turma X é que entregaram na íntegra todas as tarefas propostas. Os restantes entregaram parcialmente as tarefas propostas.

Por fim, os alunos durante o Ensino a Distância revelaram algumas dificuldades na aprendizagem dos novos conteúdos e de organização do estudo, pois muitos deles apresentaram queixas em relação à quantidade exagerada de tarefas que outras disciplinas pediam semanalmente. Nesse sentido, enquanto núcleo de estágio, eu juntamente com a colega e a professora cooperante, tivemos sempre a preocupação de não atribuímos muitas tarefas semanalmente, restringindo-se somente a uma por cada aula, perfazendo um total de duas tarefas por semana. No entanto, não só os alunos sentiram dificuldades.

Para os professores foi também desafiador e repleto de aprendizagens constantes, uma vez que implicou a reorganização de todo um período letivo e a rutura de velhos paradigmas previamente estipulados para o ano letivo. Enquanto professora, também senti alguma dificuldade na adaptação a este novo modelo, sobretudo numa fase inicial, devido à utilização das plataformas mencionadas anteriormente, com as quais não estava familiarizada. Além disso, outro aspeto que dificultou no início, foi o facto de os alunos serem obrigados a estarem com as câmaras desligadas, uma vez que a escola assim o tinha decidido em Conselho Pedagógico. No entanto, com o decorrer do tempo e com o aumento da experiência, tudo se tornou mais simples e claro, tanto para nós, professores, quanto para os alunos e as inadaptações mencionadas, passaram a ser encaradas como algo normal.

Capítulo VI – Considerações Finais

A conclusão deste relatório resulta num terminar de uma etapa, onde oficialmente deixo de ser aluna, para passar a ser professora. Não foi um ano fácil nem normal, pois a realidade que se impôs, obrigou a que houvesse uma adaptação da sociedade em geral, onde a liberdade que todos querem e anseiam, ficou colocada em causa, onde os hábitos que eram comuns e normais, foram novamente repensados, onde a ida à escola que era um dado adquirido e certo para os nossos alunos, passou a delinear-se com algo incerto e diferente. No fundo, foi um ano de aprendizagens, tanto para os professores quanto para os alunos.

O tema e a dinâmica científica aqui apresentada e exposta é bastante atual e familiar nos dias de hoje à população em geral, sendo uma consequência, do fenómeno da globalização. O fenómeno da globalização e da diversidade cultural sempre existiram ao longo da História da Humanidade, pois o Homem ao longo dos séculos foi-se movimentando em busca de melhores condições de vida. Atualmente, assistimos sim a um encurtar das distâncias e uma aproximação do tempo, é o mundo que existe e temos e onde vivemos em pleno século XXI. Muito se fala, muito se escreve, muitas opiniões surgem e conflitos também, no entanto, cabe-nos a nós professores descortinar o tema e fazer a diferença, porque no fundo, a diferença também é necessária, pois sempre foi assim que o mundo “girou”.

A diversidade cultural é um tema da Geografia, mas como vimos é transversal, podendo aplicar-se às demais áreas do saber. Estar restrito ao currículo e a uma forma tradicional de ensinar, pode não ser algo positivo para os nossos alunos, que estão cada vez mais inundados com informações dispares vindas de todos os lados e de todas as direções. Cabe ao professor esta abordagem “fora da caixa”, cabe ao professor o papel de orientar e de ensinar, cabe a uma sociedade o respeito pelas culturas e pela diversidade cultural. Infelizmente e dada a situação do país aquando do estágio não foi possível reproduzir a estratégia didática tal como foi concebida, pois seria uma mais-valia para o entendimento e compreensão do tema de uma outra maneira e perspetiva. A música foi a temática de união, mas qualquer área do saber consegue criar esse elo, através da criação de temas transversais às diferentes disciplinas. Assim, a articulação das diversas áreas do saber torna-se uma situação urgente e emergente, criando e expandindo tanto os conhecimentos como os horizontes dos nossos alunos.

A profissão de professor é muito mais que ensinar, é escutar, entender e apoiar, é estar presente de corpo e alma numa profissão tão nobre e importante como esta. Se um professor é importante, então o de Geografia é mais, pois consegue dentro de uma sala explorar um mundo tão vasto e grande como o nosso, consegue mostrar as diferenças e as semelhanças, consegue também entender e explicar as questões de uma criança, como fez o pequeno príncipezinho.

“O que é um geógrafo? – perguntou o príncipezinho.

É um especialista que sabe onde se encontram os mares, os rios, as cidades, as montanhas, os desertos” (excerto do livro O Príncipezinho)

Por fim, termino esta etapa com grande satisfação e com a certeza de que se é para ser professora é para o ser de corpo e alma, se é para ensinar, é para o fazer da melhor forma que sei e que conseguirei. Se será esta a profissão até ao fim dos meus dias, não sei, mas enquanto mantiver o gosto e brilho pelo ensino, certamente o irei fazer e no dia em que por algum motivo achar que não quero mais, irei retirar-me e embarcar numa nova aventura.

BIBLIOGRAFIA/FONTES CONSULTADAS

ALCOFORADO, Luís; FERNANDEES, João Luís; GAMA, Rui; BARROS, Cristina; FRIAS, Mafalda; CORDEIRO, António (2018) – *A multiculturalidade na Europa: tendências, reflexões e desafios, a propósito da população escolar de um município da área metropolitana de Lisboa* – Debater a Terra (disponível em <http://www.europe-direct-aveiro.aeva.eu/debatereuropa/>, consultado a 2020.01.25)

ALMEIDA, Maria Geralda (2003) – *Em busca do poético do sertão*, ALMEIDA, M. G. de; RATTS, A. (Orgs.). *Geografia: leituras culturais*. Goiânia: Editora Alternativa, 2003.

Aprendizagens Essenciais de Geografia 8ºano, do 3ºciclo do Ensino Básico, Ministério da Educação e da Ciência, 2018

BURNS, Meter (2002) – *Turismo e antropologia: uma introdução*, São Paulo

CARREIRA, T. (2008) – *Educativo – Novos desafios – Sociologia da Escola*. Lisboa: Editorial Minerva

CARVALHO, Sílvia (2011) – *Terapia da Música e do Som, em Crianças com Necessidades Educativas Especiais* – Tese de II Ciclo em Ciências da Educação - Educação Especial, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa Centro Regional de Braga. (disponível em https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/8836/1/Terapia%20da%20M%C3%BAasic%20e%20do%20Som%20-%20S%C3%ADlvia%20Cardoso%20Carvalho.pdf?fbclid=IwAR1W_-FeDRD9wfHkLNggq48P4UCseslZaVHJQSDJXopB0fORNzJrvC2bSxk, consultada em 05.05.2020)

CASAROTTO, Franciele; VARGAS; Liane; MELLO-CARPES; PÂMELA (2017) – *Música e seus efeitos sobre o cérebro: uma abordagem da neurociência junto a escolas* – Revista Elo – Diálogo em Expansão vol.06, nº2, outubro de 2017 (Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/320861421_Musica_e_seus_efeitos_sobre_o_cerebro_uma_abordagem_da_neurociencia_junto_a_escolares?fbclid=IwAR22jklawtBYto21iwHWO9wMZwaOY72JUC3uymsscaLMjtYOHo-4N1roo_4, consultado a 03.04.2020)

COELHO, Teixeira (1997) – *Dicionário Crítico da Política Cultural* (disponível em https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Coelho-Dicionario_critico_de_politica_cultural.pdf, consultado a 2022.05.10)

CORREIA, Sara (2016) – *A Diversidade Cultural como uma vantagem para a organização*, Tese de mestrado em Sociologia das Organizações e do Trabalho, apresentada ao Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa

Despacho n.º 17169/2011 do Ministério da Educação, publicado no Diário da República, 2.ª série – N.º 245 – 23 de dezembro de 2011 (disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Legislacao/despacho_17169_2011.pdf, consultado a 2020.01.15)

Despacho n.º 15971/2012 do Ministério da Educação, publicado no Diário da República 2ª série – N.º 155 – 10 de agosto de 2012 (disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Legislacao/despacho_15971_2012.pdf, consultado a 2020.01.15)

Despacho n.º 5306/2012 do Ministério da Educação, publicado no Diário da República 2ª série – N.º 77 – 18 de abril de 2012 (disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Legislacao/despacho_5306_2012.pdf, consultado a 2020.01.15)

Decreto-lei n.º 55/2018 de 6 julho, publicado no Diário da República, 1.ª série — N.º 129 — 6 de julho de 2018 (disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/AFC/dl_55_2018_afc.pdf, consultado a 2020.01.15)

FARIA, SARA (2020) – *Abordagem pedagógica do tema das alterações climáticas: uma proposta de aplicação no âmbito da gestão dos recursos hídricos* – Relatório de Estágio no âmbito do Mestrado em Ensino de Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e Secundária, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

FARIAS, Henrique; CANÊJO, Valdemira; SANTOS, Francisco (2017) – *Caminhos da Música nas Aulas de Geografia* – XVIII Encontro Nacional de Prática de Ensino da Geografia, 10 a 14 de setembro, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil

FERRÃO, João (2019) – *Para uma Geografia com todos os lugares. Reflexão a partir do caso europeu* (disponível em https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/39708/1/ICS_JFerrao_Para_Uma.pdf, consultado a 2022.09.20)

FERNANDES, João Luís (2008) – *A desterritorialização como um fator de insegurança e crise no mundo contemporâneo*, (disponível em <https://eg.uc.pt/bitstream/10316/13829/1/A%20desterritorializa%C3%A7%C3%A3o%20como%20factor%20de%20inseguran%C3%A7a.pdf>, consultado a 2022.09.20)

GARCIA, Natália; CORREA, Suelen (sem data) – *A Música como Ferramenta na Aprendizagem da Criança* - 16º Congresso Nacional de Iniciação Científica, Faculdade de Auriflamma, Brasil (disponível em: <http://conic-semesp.org.br/anais/files/2016/trabalho-1000022407.pdf?fbclid=IwAR1HZIpR93vHcURmR7fkUv5jQG9boJmhD6ysvzhzWyF038Xd2FeKVlKjTUQo>, consultado em 05.05.2020)

GUMARÃES, Maria Eduarda (2007) – *A Globalização e as Novas Identidades: O exemplo do Rap* (disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/525/477>, consultado a 2022.09.20)

ILARI, Beatriz (2003) – *A música e o cérebro: algumas implicações do neurodesenvolvimento para a educação musical* – Revista Abem, nº9, Porto Alegre

LAGES, Mário; MATOS, Artur (2009) – *Da multiculturalidade à interculturalidade*, (disponível em <https://doi.org/10.34632/povosecultur.2009.8668> consultado a 2022.05.03)

LEISTER, Margareth (2013) – *A aculturação e a identidade cultural: uma revisão do Direito Internacional dos Direitos Humanos*, (disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5490722>, consultado a 2022.05.01)

LOPES, José, SILVA, Helena (2013). – *A Aprendizagem Cooperativa na sala de aula: Um guia prático para o professor*. Lisboa: Lidel.

MARÍN, José (2009) – *Interculturalidade e descolonização do saber: relações entre o saber local e saber universal, no contexto da globalização* (disponível em https://www.researchgate.net/publication/277745166_Interculturalidade_e_descolonizacao_do_saber_relacoes_entre_saber_local_e_saber_universal_no_contexto_da_globalizacao, consultado a 2022.05.10)

Metas Curriculares – 3º ciclo do Ensino Básico – da Geografia, Ministério da Educação e da Ciência, 2014

NETO, Cátia (2018) – *A Música e a Geografia: uma aprendizagem em comum* – Relatório de Estágio no âmbito do Mestrado em Ensino de Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e Secundária, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

PATO, Maria Helena (2001) – *O trabalho de grupo no Ensino Básico – Guia prático para professores* – Lisboa, 3ª Edição, Texto Editora

PAPADEMETRIOU, Demetrios (2006) – *A Europa e os Seus Imigrantes no Século XXI*. Lisboa: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento. (<https://www.yumpu.com/pt/document/read/4882621/a-europa-e-os-seus-imigrantes-no-seculo-xxi-fundacao-luso>, acedido a 2022.03.22)

PANITZ, Lucas (2012) – *Por uma Geografia da Música: um panorama mundial e vinte anos de pesquisas no Brasil* – Para onde?! Vol.6, nº2, Porto Alegre, Brasil (disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/paraonde/article/view/36474/23889%3E.%20Acesso%20em:%202013/08/2019?fbclid=IwAR1JO05sZjI02eTUkTBJY5GGZYDJQEeNGUgGfjM-BmP3uNYSatTQaoVsXmc>, consultado a 15.05.2020)

PEDERIVA, Patrícia; TRISTÃO, Rosana (2006) – *Música e Cognição* – Ciências e Cognição, vol.9, Brasília (disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v09/m346117.pdf>, consultado a 2020.01.25)

PEREIRO, Xerardo; FERNANDES, Filipa (2018) – *Antropologia e turismo: teorias, métodos e praxis* (disponível em: <https://www.pasosonline.org/Publicados/pasosoedita/PSEedita20.pdf>, consultado a 2022.05.09)

Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória, Ministério da Educação e da Ciência, 2017 (disponível em: https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf, consultado a 2021.08.20)

PINTO, Ana Luísa (2014) – *Identidades culturais em reconfiguração: o caso de estudo dos imigrantes romenos em Coimbra*, Dissertação de Mestrado em Sociologia, apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

Portaria n.º 223-A/2018 de 3 de agosto, publicada no Diário da República n.º 149/2018, 1º Suplemento, Série I de 2018-08-03 (disponível em <https://dre.pt/application/conteudo/115886163>, consultado a 2020.01.20)

RAMOS, Natália (2008) – *Saúde, Migração e Interculturalidade, perspectivas teóricas e práticas* (disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/6831/1/Sa%C3%BAde%20Migra%C3%A7%C3%A3o%20e%20Interculturalidade%20%283%29.pdf>, consultado a 2022.05.02)

RAMOS, Natália (2016) – *Educar para interculturalidade e cidadania: princípios e desafios*, Imprensa da Universidade de Coimbra

RIBEIRO, António (1990) – *Desenvolvimento Curricular* – Lisboa, Texto Editora

RURATO, Paulo, GOUVEIA, Luís (2004) – *Contribuição para o conceito de Ensino a Distância: vantagens e desvantagens da sua prática*, Revista da Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Fernando Pessoa, Universidade Fernando Pessoa, Porto

SACRISTÁN, Gimeno (2003) – *Educar e conviver com a cultura Global* – Porto Edições ASA

SALGUEIRO, T. B. (2001) – *Paisagem e Geografia*. Revista Finisterra, Lisboa, v. 36, n. 72, p. 37-53, 2001

SANTOS, Carina; COELHO, Maria (sem data) – *Música: Instrumento para o processo ensino-aprendizagem - Formação de Professores: contextos, sentidos e práticas*, VI Seminário sobre a Profissionalização Docente (SIPD/CATEDRA UNESCO), Brasil (disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24675_13222.pdf, consultado a 05.05.2020)

SANTOS, Laízi; PARRA, Cláudia (2015) – *Música e Neurociências Inter-relação entre a música, emoção, cognição e aprendizagem* – Portal dos Psicólogos (disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0853.pdf>, consultado a 2020.01.20)

SILVA, Florbela (2010) – *Multiculturalismo, Socialização e Integração. Os desafios e contributos do Ensino/Aprendizagem de uma língua não materna* – Dissertação de Mestrado em Ciências da Informação e da Educação e da Formação, apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve

SOUSA, Vítor (2021) – *Identidade Cultural. As identidades Culturais num Mundo Globalizado. A Lusofonia enquanto possibilidade Intercultural* (disponível em <https://ebooks.uminho.pt/index.php/uminho/catalog/view/48/93/1018-1> consultado a 2022.05.10)

UNESCO (2002) – *Declaração Universal para a Diversidade Cultural* (disponível em <https://www.oas.org/dil/port/2001%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20Universal%20obre%20a%20Diversidade%20Cultural%20da%20UNESCO.pdf> consultado a 2022.05.10)

UNESCO (2003) – *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial* (disponível em <https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf> consultado a 2022.05.11);

UNESCO (2005) – *Convenção sobre a proteção e promoção da Diversidade de Expressões Culturais* (disponível em <http://www.iber museos.org/wp-content/uploads/2020/05/convencao-sobre-a-diversidade-das-expressoes-culturais-unesco-2005.pdf>, consultado a 2022.05.09)

VAZ, Ana Maria; REIS, Maria José; NUNES, Adélia, VELEZ, Fátima (2019) – *A música como recurso no processo de ensino aprendizagem em Geografia – Aplicação ao tema Mobilidade Populacional* (disponível em https://www.researchgate.net/publication/336553610_A_musica_como_recurso_no_processo_de_ensino_aprendizagem_em_Geografia_aplicacao_a_tematica_mobilidade_da_populacao, consultado a 2022.05.15)

VELEZ, Fátima (2012) – *Imigração e desenvolvimento em regiões de baixas densidades. Territórios de fronteira no Alentejo (Portugal) e na Extremadura (Espanha)*, Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

VIEIRA, Filipe; ALVES, Flamarion; CORRÊA, Jhonatan; COSTA, Tamyris (2021) – *A História da Geografia Cultural e o Conceito de Paisagem*, (disponível em https://www.researchgate.net/publication/354735307_A_historia_da_geografia_cultural_e_o_conceito_de_paisagem_The_history_of_cultural_geography_and_the_concept_of_landscape consultado a 2022.09.16)

ANEXOS

ANEXO 1 – Exemplo de uma Planificação a Curto-Prazo 1

ANEXO 2 – Exemplo de uma Planificação a Curto-Prazo 2

ANEXO 3 – Apresentação da aula da planificação 1

ANEXO 4 – Apresentação da aula da planificação 2

ANEXO 5 – Questão-aula


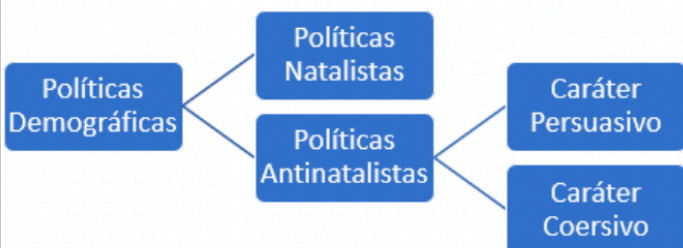
ANEXO 6 – Ficha de Avaliação 1

ANEXO 7 – Ficha de Avaliação 2

ANEXO 8 – Documento de apoio às aulas Síncronas 1

ANEXO 9 – Documento de apoio às aulas síncronas 2


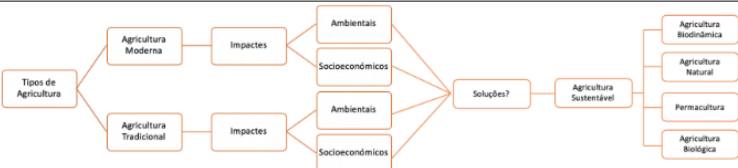
ANEXO 1 – Exemplo de uma Planificação a Curto-Prazo 1

Colégio de São Teotónio Escola de Música		
Disciplina: Geografia 	Ano/Turma: 8º Data: 24 de janeiro de 2020	Ano Letivo: 2019/2020
	Planificação a Curto Prazo Duração: 50 minutos	
Professora Estagiária: Ângela Dias		
Domínio	<ul style="list-style-type: none"> • População e Povoamento 	
Subdomínio	<ul style="list-style-type: none"> • A Evolução da População 	
Descritor	<ul style="list-style-type: none"> • 6. Compreender a implementação de políticas demográficas tendo em consideração a realidade demográfica de um país 	
Objetivos Gerais	<ul style="list-style-type: none"> • 1. Distinguir políticas antinatalistas de políticas natalistas, enumerando medidas que promovam o aumento e a diminuição da natalidade. • 2. Referir exemplos de países onde são implementadas políticas natalistas e políticas antinatalistas. • 3. Discutir as políticas demográficas implementadas e a implementar em Portugal em função da sua realidade demográfica. 	
Nas aprendizagens Essenciais	Conhecimentos, Capacidades e Atitudes: <ul style="list-style-type: none"> • Comparar o comportamento de diferentes indicadores demográficos, no tempo e no espaço, enunciando fatores que explicam os comportamentos observados. Ações Estratégica de Ensino Orientadas para o Perfil do Aluno: <ul style="list-style-type: none"> • Representar gráfica, cartográfica e estatisticamente a informação geográfica, proveniente de trabalho de campo (observação direta) e de diferentes fontes documentais (observação indireta) e sua mobilização na elaboração de respostas para os problemas estudados; • Analisar factos, teorias, situações, identificando os seus elementos ou dados; 	
Sumário	Correção do Trabalho de casa. As políticas natalistas e as políticas antinatalistas – realização de uma atividade de enriquecimento/consolidação.	
Esquema Conceptual	 <pre> graph LR A[Políticas Demográficas] --> B[Políticas Natalistas] A --> C[Políticas Antinatalistas] C --> D[Caráter Persuasivo] C --> E[Caráter Coersivo] </pre>	

Conceitos	<ul style="list-style-type: none"> • Políticas Demográficas; Políticas Natalistas; Políticas Antinatalistas; Políticas Antinatalistas de Caráter Persuasivo e Políticas Antinatalistas de Caráter Coercivo. 		
Questão-chave	<ul style="list-style-type: none"> • Que tipo de Política Portugal deveria de adotar para alterar o atual cenário demográfico? 		
Estratégias de ensino e/ou aprendizagem	<p style="text-align: center;">Estratégias de Ensino utilizadas</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aula expositiva e dialogada; • Realização de uma atividade de consolidação da matéria <p style="text-align: center;">Estratégia da Aula</p> <p style="text-align: center;"><i>I parte da aula</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Elaboração do sumário e consequente verificação das presenças dos alunos. 2. Correção do trabalho de casa da aula anterior (página 28 do manual); 3. Consolidação/ revisão da aula anterior <p style="text-align: center;"><i>II parte da aula</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Introdução do tema em estudo, seguindo o seguinte raciocínio: <ol style="list-style-type: none"> a. Clarificação e exposição do conceito de <i>políticas demográficas</i>: <i>Consiste no conjunto de medidas governamentais que visam estabelecer o equilíbrio, entre as necessidades de uma população e os recursos económicos existentes.</i> b. Apresentar as duas vertentes de políticas demográficas: <p><i>Políticas Natalistas: conjunto de medidas tomadas pelos governos de países desenvolvidos, que têm como objetivo aumentar a taxa de natalidade, diminuir o envelhecimento e assim, aumentarem o crescimento natural. →Aplicadas em países desenvolvidos</i></p> <p><i>Políticas Antinatalistas: conjunto de medidas tomadas pelos governos de países em desenvolvidos, que têm como objetivo diminuir e controlar a taxa de natalidade, bem como o elevado crescimento natural da população.</i></p> <p>As políticas antinatalistas assumem dois tipos de caráter: <i>Caráter persuasivo, surge quando os casais, são incentivados pelo governo a terem menos filhos. (ex: China)</i></p> <p><i>Em contrapartida, as medidas de Caráter Coercivo limitam ou proibem os nascimentos. (Ex: Índia)</i></p> <p style="text-align: center;"><i>II parte da aula</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Realização da atividade (recurso didático) sobre o tema em análise. Passos da mesma: <ol style="list-style-type: none"> a. Criação de dois cartazes – um para as políticas natalistas outro para as antinatalistas b. Distribuição de uma frase ou imagem por cada aluno com medidas das diferentes políticas (antes da aula começar) c. Individualmente, cada aluno colará em cada cartolina a frase a que corresponde cada política. 2. Ao mesmo tempo que os alunos colocam a frase na cartolina, os mesmos irão completar uma tabela com as diferentes medidas para cada política, como se segue no seguinte exemplo: (irei exemplificar primeiro de como fazer). Além do mencionado, irei também fazer comparação com a informação do manual. <table border="1" style="width: 100%; margin-top: 10px;"> <tr> <td style="width: 50%; text-align: center;">Políticas Natalistas</td> <td style="width: 50%; text-align: center;">Políticas Antinatalistas</td> </tr> </table>	Políticas Natalistas	Políticas Antinatalistas
Políticas Natalistas	Políticas Antinatalistas		

	Países Desenvolvidos -> Incentivar e aumentar a Natalidade	Países em Desenvolvimento -> “travar” a natalidade
	Horários de Trabalho Flexíveis	Penalizações económicas e fiscais para quem infringir as regras de controlo de natalidade
	Benefícios fiscais e financeiros às famílias	Valorização da mulher na sociedade
	Facilidade no acesso ao crédito à habitação	Eliminação das regalias sociais
	Aumento do abono de família	Distribuição gratuita de métodos contraceptivos
	Melhoria no sistema de proteção social	Benefícios aos casais que aceitem a esterilização
	Alargamento das licenças de parentalidade	
	Acesso gratuito aos cuidados de saúde materno-infantis	
	3. Visualização de uma reportagem sobre uma iniciativa de aumento da natalidade na Dinamarca.	
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Computador; • Projetor multimédia; • Colunas; • Apresentação em PowerPoint; • Cartolina; • Patatix. 	
Estratégias de Remediação e/ou enriquecimento	<ul style="list-style-type: none"> • Como trabalho de casa, os alunos irão responder às questões 4 e 5 da ficha distribuída na aula de sexta-feira, dia 17 de janeiro de 2019. 	
Bibliografia	<ul style="list-style-type: none"> • Bandeira, Mário (coord.) <i>et.al – Dinâmicas demográficas e Envelhecimento da População Portuguesa (1950-2011): evolução e perspetivas</i> – Fundação Francisco Manuel dos Santos, Lisboa, 2014 • Rosa, Maria João – <i>O envelhecimento da Sociedade Portuguesa</i> – Fundação Francisco Manuel dos Santos, Lisboa, 2012 • Cordeiro, A. M. Rochette; Alcoforado, Luís; Ferreira, A. Gomes (Coords.) <i>et al. – Dinâmicas Demográficas, Educação e Desenvolvimento Sustentado na região centro (Portugal) – Territórios, Comunidades Educadoras e Desenvolvimento Sustentável</i>, Coimbra, 2014 	

ANEXO 2 – Apresentação da aula da planificação 2

Colégio de São Teotónio Escola de Música		
Disciplina: Geografia 	Ano/Turma: 8º Data: 24 de junho de 2020	Ano Letivo: 2019/2020
	Planificação a Curto Prazo Duração: 50 minutos	
Professora Estagiária: Ângela Dias		
Domínio	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades Económicas 	
Subdomínio	<ul style="list-style-type: none"> • A Agricultura 	
Descritor	<ul style="list-style-type: none"> • 6. Compreender a existência de formas de produção agrícola sustentáveis 	
Objetivos Gerais	<ul style="list-style-type: none"> • 1. Caracterizar a agricultura biológica, identificando vantagens e desvantagens da sua utilização • 2. Identificar outras formas de produção agrícola ambientalmente sustentáveis (biodinâmica, permacultura, natural...) 	
Nas aprendizagens Essenciais	<p>Conhecimentos, Capacidades e Atitudes:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Localizar e compreender os lugares e as regiões; • Caracterizar os principais processos de produção e equacionar a sustentabilidade (extração mineira, agricultura, pecuária, silvicultura, pescam, indústria, comércio, serviços e turismo). • Comunicar e participar: • Representar o levantamento funcional das atividades económicas da comunidade local, utilizando diferentes técnicas de expressão gráfica e cartográfica; • Apresentar exemplos para uma distribuição mais equitativa entre o consumo e a produção, a diferentes escalas. <p>Ações Estratégica de Ensino Orientadas para o Perfil do Aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Propor abordagens diferentes, se possível inovadoras, para uma situação-problema; • Analisar textos ou suportes gráficos e cartográficos com diferentes perspetivas de um mesmo problema, concebendo e sustentando um ponto de vista próprio; • Criar soluções estéticas, criativas e pessoais para representar factos e fenómenos geográficos. 	
Sumário	A agricultura sustentável.	
Esquema Conceptual		
Conceitos	<ul style="list-style-type: none"> • Agricultura Sustentável, Produtos Transgénicos, Agricultura Natural, Agricultura Biológica, Permacultura, Agricultura Biodinâmica, Compostagem, Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável 	

<p>Questão-chave</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Será a agricultura sustentável uma forma de reduzir os impactos da atividade agrícola no planeta Terra?
<p>Estratégias de ensino e/ou aprendizagem</p>	<p style="text-align: center;">Estratégias de Ensino utilizadas</p> <p>a) Aula expositiva; b) Visualização de um vídeo sobre a agricultura biológica;</p> <p style="text-align: center;">Estratégia da Aula</p> <p style="text-align: center;"><i>I parte da aula</i></p> <p>c) Explicitação do sumário; d) Consolidação/ revisão da aula anterior.</p> <p style="text-align: center;"><i>II parte da aula</i></p> <p>e) Introdução do tema em estudo através da análise da notícia: <i>Agricultura Biológica e sustentabilidade</i> (disponível em: Comunidade cultura e Arte, 11 de junho 2020 (podes consultar o artigo na íntegra em: https://www.comunidadeculturaearte.com/agricultura-biologica-e-sustentabilidade/) Onde destaquei os seguintes aspetos:</p> <p style="padding-left: 40px;">“...produção biológica... únicos químicos que utilizamos são os extraídos da natureza e que ela nos dá, não utilizamos químicos sintéticos...utilizamos também flores que combatem pragas... A produção biológica é mais lenta e produz em menos quantidade”</p> <p>f) Exposição do conceito de <i>Agricultura Sustentável</i>, bem como dos conceitos relacionados com a mesma, sendo eles:</p> <p>g) Produtos biológicos, Não aos produtos transgénicos e OGM – organismos geneticamente modificados, Biodiversidade, Compostagem, Agricultura Biológica, Respeito Animal, Preservação, Desenvolvimento sustentável; Permacultura, Regime extensivo, Fertilizantes Naturais.</p> <p>h) Clarificação do conceito de <i>Agricultura Sustentável- Poderá ser definida como um modo de produção que não utiliza químicos (fertilizantes, adubos, pesticidas, entre outros), sendo um sistema que procura fornecer aos consumidores produtos frescos, de qualidade e autênticos, respeitando os ciclos de vida da Natureza;</i></p> <p>i) Apresentação teórica dos diferentes tipos de agricultura sustentável:</p> <p style="padding-left: 40px;">Agricultura Biodinâmica: apesar de menos comum no nosso país é também sustentável produzindo alimentos frescos, de qualidade e saborosos. Esta baseia-se no alinhamento dos astros, principalmente o sol e a lua, recorre a compostos biológicos e diferentes tipos de plantas, para auxiliar o processo de cultivo e fertilizar os solos de forma natural.</p> <p style="padding-left: 40px;">Agricultura Natural: procura estabelecer uma harmonia entre o ser humano, a natureza, a saúde, a espiritualidade e a alimentação. Assim, esta recorre a compostos naturais,</p>

bem como microrganismos vivos para recuperação dos solos.

Permacultura: é um sistema agrícola ecologicamente sustentável e estável, necessitando de pouca intervenção humana. É igualmente uma agricultura natural de carácter permanente, que utiliza técnicas tradicionais conciliadas com a inovação científica e tecnológica, aproveitando os diversos recursos de forma racional e sustentável para o ambiente.

Agricultura Biológica: surgiu como um movimento contrário à agricultura produtivista, sendo a mais praticada dos diferentes tipos de agricultura sustentável. Assim, esta poderá ser definida como um modo de produção que não utiliza produtos e fertilizantes químicos, sendo um sistema que procura fornecer aos consumidores produtos frescos, de qualidade e autênticos, respeitando os ciclos de vida da Natureza.

- j) Visualização de um pequeno vídeo sobre a Agricultura Biológica (FONTE: Youtube, 2020, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y6MIZ-zkGOU>)
- k) Apresentação das vantagens e desvantagens da agricultura biológica, bem como do logotipo de certificação de agricultura biológica da União Europeia.

Vantagens	Desvantagens
<ul style="list-style-type: none"> l) Proteção do ambiente e dos recursos existentes; m) Promoção e criação de mais empregos; n) Produção de alimentos mais saudáveis e saborosos; o) Redução da perda de biodiversidade. 	<ul style="list-style-type: none"> p) Por não conterem produtos químicos os produtos apresentam uma menor durabilidade; q) Baixa produtividade e rendimento agrícola; r) A aparência dos produtos é inferior aos produtos convencionais (calibre, formato, brilho...); s) Custos mais elevados para os consumidores; t) Está dependente das condições climáticas;


III parte da aula

- a) Análise de gráficos e mapa, sobre:
 - Evolução do número de hectares de Agricultura biológica em Portugal (FONTE: Direção Geral da Agricultura, 2020)
 - Número de produtores de Agricultura Biológica em Portugal (FONTE: Direção Geral da Agricultura, 2020)
 - Área de cultivo biológico em % da superfície total (FONTE: Pordata, 2020)

	<ul style="list-style-type: none"> • Evolução da Agricultura Biológica em hectares por continente (2007-2015), (FONTE: Organic.world.net, 2020) • Distribuição da Agricultura Biológica no Mundo (FONTE: GPS, 2020) <p>b) Apresentação de algumas imagens sobre a minha prática de agricultura biológica.</p>
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Computador; • Plataforma <i>E-learning</i>; • Plataforma <i>Microsoft Teams</i>; • Plataforma <i>YouTube</i>.
Estratégias de Remediação e/ou enriquecimento	<ul style="list-style-type: none"> • Como trabalho de casa, os alunos irão realizar duas tarefas: <ol style="list-style-type: none"> 1. Procura exemplos de produtos biológicos produzidos em Portugal, identificando a região de produção. 2. Na tarefa 2, da aula anterior, foi pedido que te colocasses no lugar de um agricultor e que respondesses às alíneas propostas. Agora, completa tua resposta adicionando as informações seguintes: <ul style="list-style-type: none"> ○ Seguirias uma agricultura sustentável, se sim qual, se não e porquê? ○ Que desvantagens irias ter para implementar esta modalidade agrícola? ○ O que te motiva a praticar uma agricultura mais sustentável
Bibliografia	<ul style="list-style-type: none"> • Associação Portuguesa de Agricultura Biológica consultado a 2020.06.22, (https://agrobio.pt/agricultura-biologica/o-que-e/) • Associação Portuguesa de Agricultura Biodinâmica, consultado a 2020.06.02(http://www.biodinamicaportugal.com/?page_id=342) • Associação Nacional de Conservação da Natureza, consultado a 2020.06.23 (https://www.quercus.pt/certificacao-e-rotulagem) • Permaculte, principais, consultado a 2020.06.23. (https://permacultureprinciples.com/pt/)

ANEXO 3 – Apresentação da aula da planificação 1

Colégio São Teotónio



POLÍTICAS DEMOGRÁFICAS

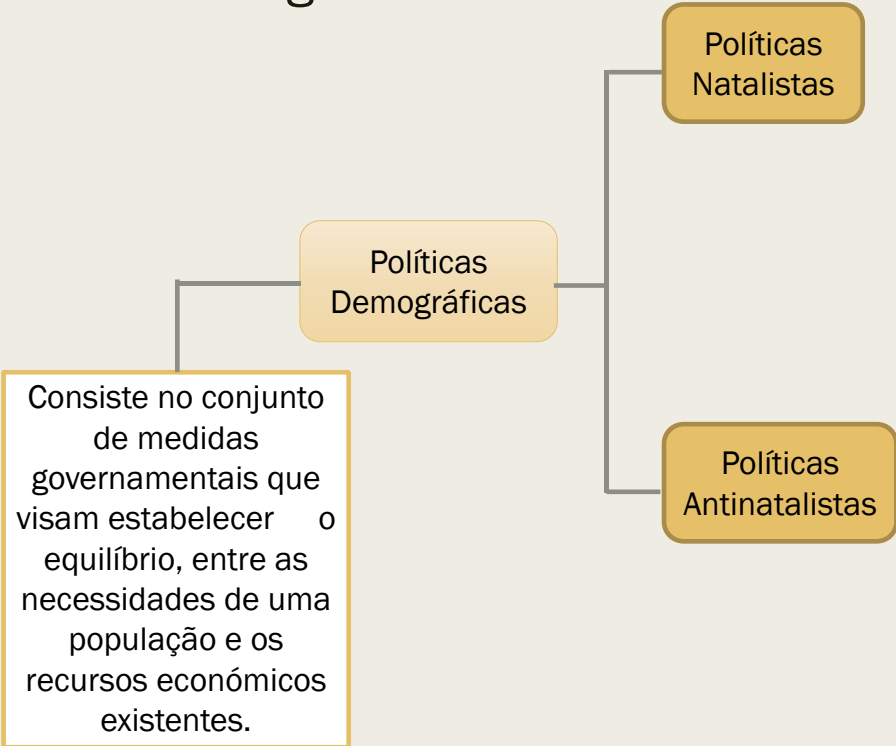
Políticas Natalistas vs. Políticas Antinatalistas

8.º

Ano letivo: 2019/2020

Professora Estagiária: Ângela Dias

Políticas Demográficas



```
graph LR; A[Políticas Demográficas] --- B[Políticas Natalistas]; A --- C[Políticas Antinatalistas];
```

Consiste no conjunto de medidas governamentais que visam estabelecer o equilíbrio, entre as necessidades de uma população e os recursos económicos existentes.

Políticas Natalistas

- Adotadas geralmente por Países Desenvolvidos;
- Visam contrariar o envelhecimento da população;
 - E incentivam a natalidade.



Assim sendo, as **políticas natalistas** são um conjunto de medidas tomadas pelos governos de países desenvolvidos, que têm como objetivo aumentar a taxa de natalidade, diminuir o envelhecimento e assim, aumentarem o crescimento natural.

Políticas Antinatalistas

- Adotadas por países em desenvolvimento;
- Visam diminuir a elevada taxa de natalidade;
- Podem assumir-se como:
 - Caráter Persuasivo
 - Caráter Coercivo



Assim sendo, as **políticas antinatalistas** são um conjunto de medidas tomadas pelos governos de países em desenvolvimento, que têm como objetivo diminuir e controlar a taxa de natalidade, bem como o elevado crescimento natural da população.

O **Caráter Persuasivo**, surge quando os casais, são incentivados pelo governo a terem menos filhos.

Em contrapartida, as medidas de **Caráter Coercivo** limitam ou proíbem os nascimentos.

Atividade...



1, Portugal



2, Portugal, Espinho



4, Portugal, Faro

Expresso

D S

PSD quer creches gratuitas e 10 mil euros para todas as crianças até aos 18 anos. Medidas podem custar 500 milhões

5, Portugal

A Austrália é um dos países que mais incentivam a reprodução. O governo oferece uma série de subsídios a famílias com filhos biológicos ou adotados. Há apoio para crianças que estudam, uma remuneração para as crianças à nascença e até subsídios para os pais que deixem o trabalho para cuidar das crianças. O número de nascimentos ao longo da última década aumentou 14%.

7, Austrália



6, Portugal



Conjunto de medidas tomadas pelos governos que têm por objetivo aumentar a natalidade

Benefícios fiscais e financeiros às famílias com um ou dois filhos

Flexibilidade dos horários de trabalho

Maior facilidade no acesso ao crédito à habitação para famílias mais numerosas

Aumento do abono de família em função do número de filhos

Desenvolvimento do sistema de proteção social

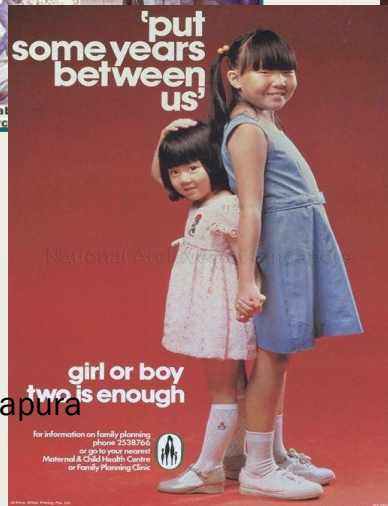
Alargamento do período de licença de maternidade e paternidade

Acesso gratuito aos cuidados de saúde durante a gravidez e nos primeiros anos de vida da criança





4, Quênia



5, Singapura

Tradução: coloque alguns anos entre nós meninas ou menino, dois é o suficiente

Incentivo ao planeamento familiar



Achta, de 19 anos participa na campanha de distribuição gratuita de métodos contraceptivos

6, Moçambique



7 -Índia

Conjunto de medidas tomadas pelos governos que têm por objetivo controlar a elevada natalidade.

Esterilização forçada do homem realizada sem o seu conhecimento.

Penalizações económicas e fiscais para quem infringir as regras impostas pelos governos no controlo da natalidade.

Promoção da formação e da valorização da mulher na sociedade

Eliminação das regalias sociais.

Distribuição gratuita de métodos contraceptivos.

Benefícios aos casais que aceitem a esterilização

Fontes das Imagens

Políticas Natalistas:

Imagem 1: https://expresso.pt/blogues/bloguet_lifestyle/Avidadesaltosaltos/2019-07-26-O-incentivo-de-Santana-para-aumentar-a-natalidade-Mais-sexo-menos-impostos

Imagem 2: https://novamente_geografando.blogs.sapo.pt/exercicios-sobre-politicas-demograficas-253317

Imagem 3: <https://portal.cm-espinho.pt/pt/viver/municipes/intervencao-social/cheque-bebe/>

Imagem 4: https://issuu.com/ruipiressantos/docs/_88_li_15_nov_2018_baixa_3_

Imagem 5: <https://expresso.pt/politica/2018-06-04-PSD-quer-creches-gratuitas-e-10-mil-euros-para-todas-as-criancas-ate-aos-18-anos.-Medidas-podem-custar-500-milhoes-1>

Imagem 6: <https://acervo.publico.pt/sociedade/noticia/por-que-e-que-o-pais-da-ecole-maternelle-e-tao-confortavel-para-se-ter-filhos-1699999>

Imagem 7: Manual Areal – “GeoSítios”

Políticas Antinatalistas:

Imagem 1: <https://www.doccity.com/pt/planejamento-familiar-10/4796835/>

Imagem 2: <https://slideplayer.com.br/slide/5659429/>

Imagem 3: <https://slideplayer.com.br/slide/5659429/>

Imagem 4: <https://slideplayer.com.br/slide/5659429/>

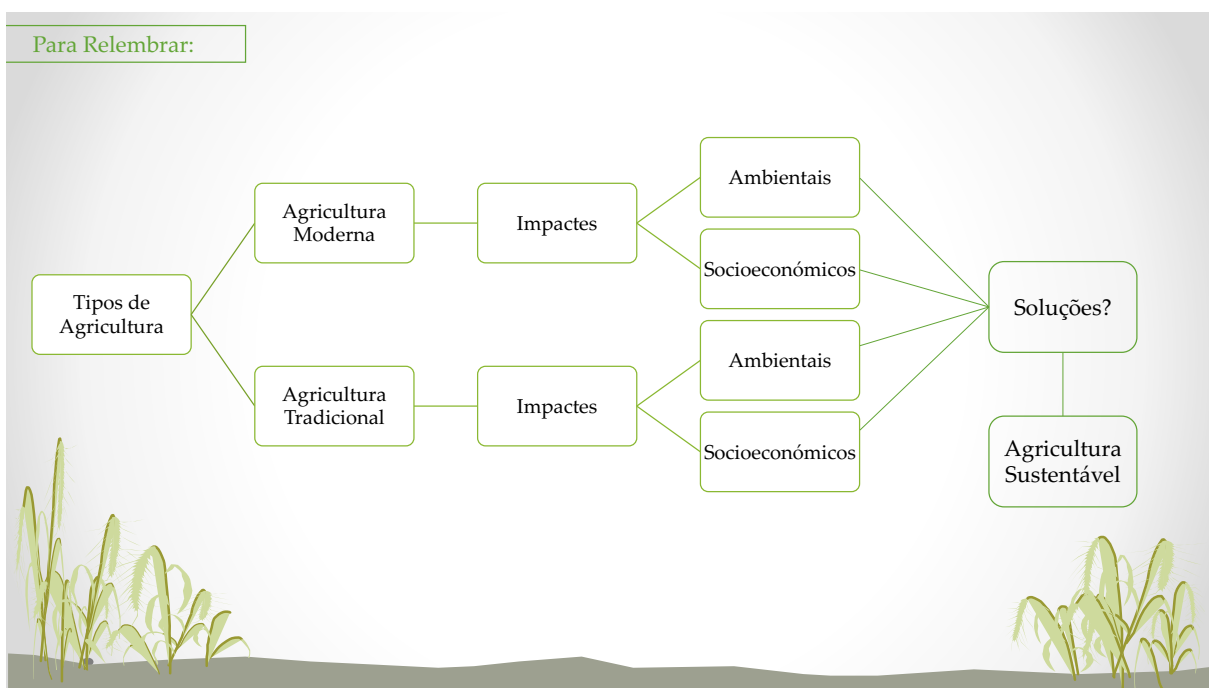
Imagem 5: <https://www.nas.gov.sg/archivesonline/posters/record-details/318f7ca1-115c-11e3-83d5-0050568939ad>

Imagem 6: <https://news.un.org/pt/story/2019/11/1695871>

Imagem 7: <https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/o-drama-da-esterilizacao-forcada-na-india-em-imagens=f801633>

Políticas Natalistas	Políticas Antinatalistas
Países Desenvolvidos -> Incentivar e aumentar a Natalidade	Países em Desenvolvimento -> “travar” a natalidade
Horários de Trabalho Flexíveis	Penalizações económicas e fiscais para quem infringir as regras de controlo de natalidade
Benefícios fiscais e financeiros às famílias	Incentivo da valorização da mulher na sociedade
Facilidade no acesso ao crédito à habitação	Eliminação das regalias sociais
Aumento do abono de família	Distribuição gratuita de métodos contraceptivos
Melhoria no sistema de proteção social	Benefícios aos casais que aceitem a esterilização
Alargamento das licenças de parentalidade	Divulgação do planeamento familiar
Acesso gratuito aos cuidados de saúde materno-infantis	

ANEXO 4 – Apresentação da aula da planificação 2

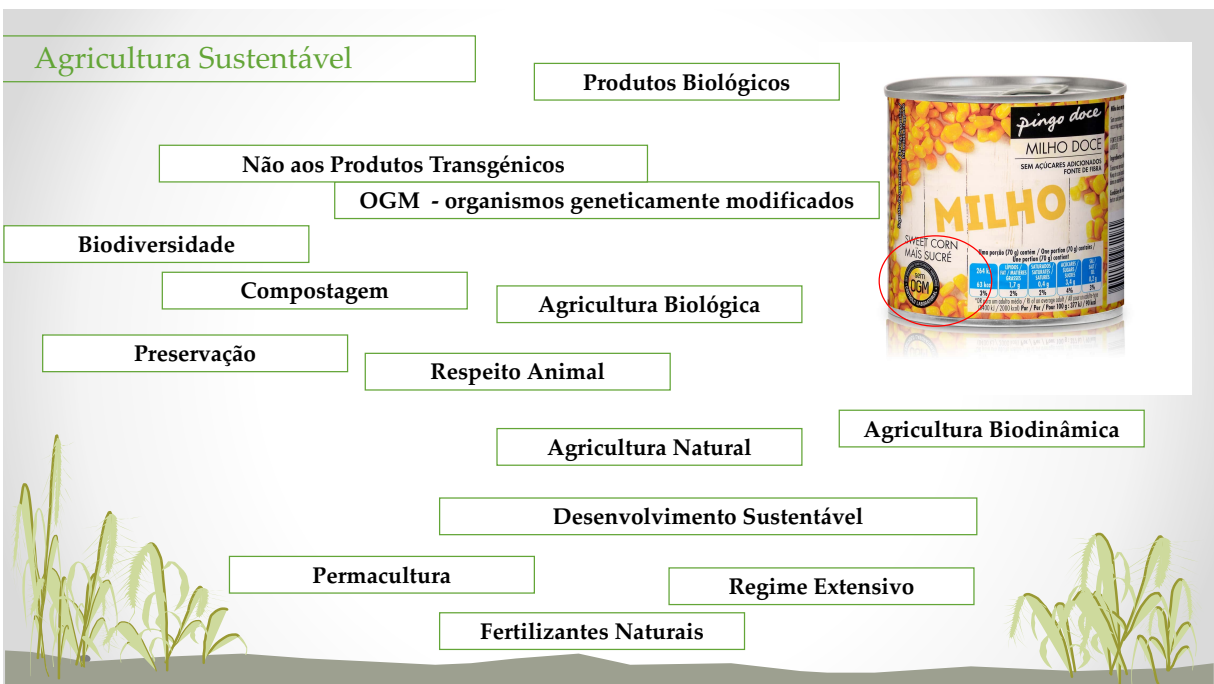
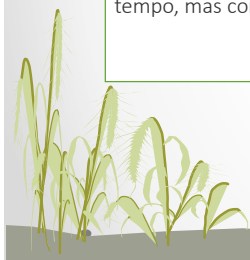


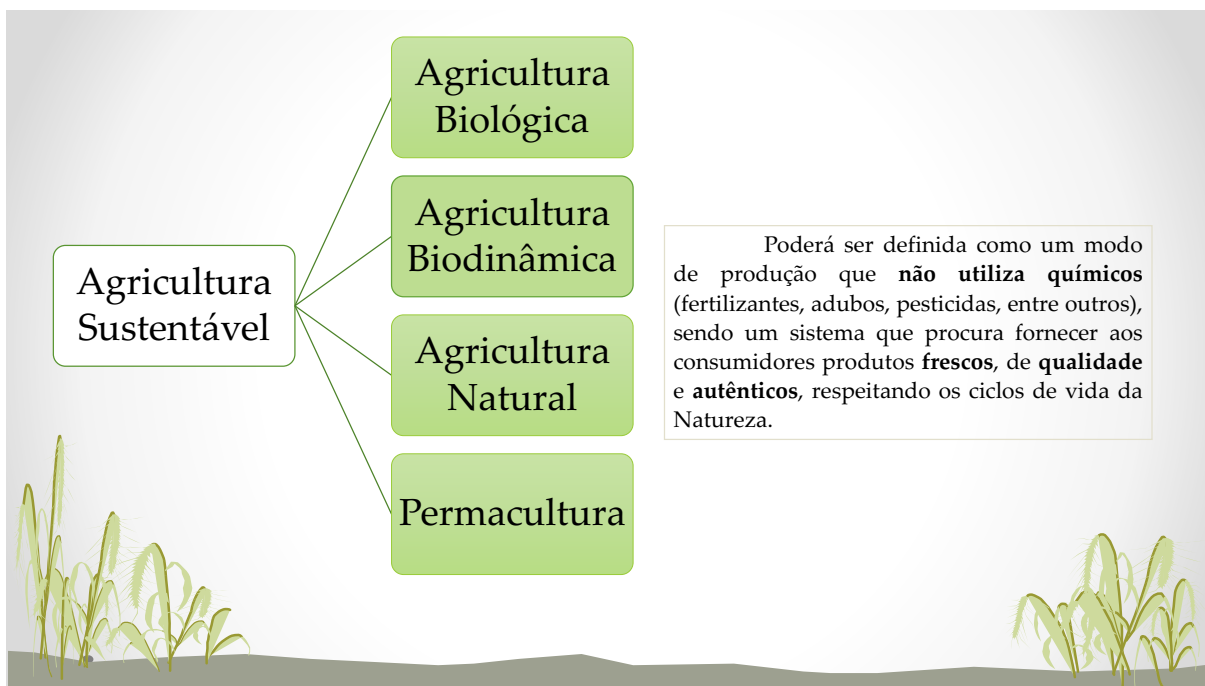
Foi Notícia:

"Agricultura biológica e sustentabilidade

Mas o que é afinal uma **produção biológica** e o que a distingue da agricultura mais **convencional** ou até **intensiva**? "Nós **respeitamos o que a natureza nos dá**, os **únicos químicos que utilizamos são os extraídos da natureza** e que ela nos dá, **não utilizamos químicos sintéticos**. Isso garante uma **alimentação mais saudável e natural**. Utilizamos também **flores que combatem pragas de forma natural sem necessidade de utilizar herbicidas**. Há sempre alternativas, é só respeitar a natureza. Não temos de tirar nada do que está na terra, ela consegue gerir-se a ela própria se utilizarmos as suas respostas para ajudar a manter a nossa produção. (...) A **produção biológica é mais lenta** e produz em **menos quantidade**, mas António Fiúza não vê isso como um problema, se o que está em causa é ter **uma alimentação mais saudável** e que nos dê mais qualidade de vida. "Se posso ter um **produto mais natural**, que não faça tão mal à saúde, prefiro esperar por ele mais tempo, mas comer melhor e saudável"

Fonte: Comunidade cultura e Arte, 11 de junho 2020





Agricultura Biodinâmica

- Baseia-se no sol e na lua e em toda a envolvência astrológica;
- Sistema de policultura;
- Interação entre todos os elementos ambientais e agrícolas;
- Utiliza adubos e fertilizantes naturais, obtidos através do processo de compostagem.

<https://www.youtube.com/watch?v=OUfgOyBnOL4> – Explica a agricultura biodinâmica

Agricultura Natural



- Cria uma harmonia entre o ser humano, a natureza, a saúde e a espiritualidade;
- Evita o consumo de recursos não renováveis;
- Produção de alimentos de uma forma mais natural, rejeitando todo e qualquer produto químico



Permacultura

Éticas da Permacultura

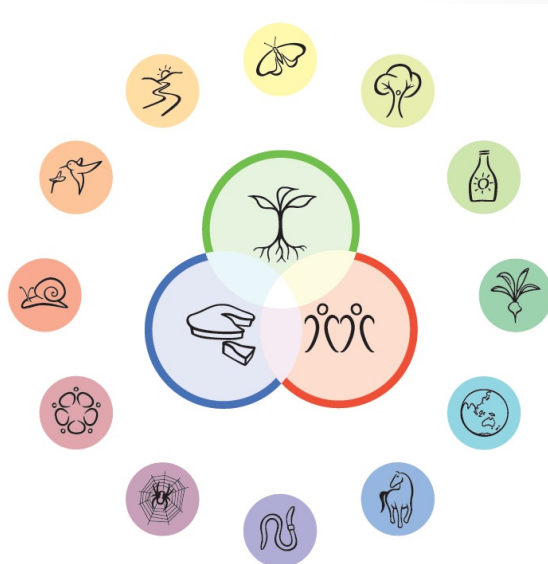
-  Cuidar da Terra
-  Cuidar das pessoas
-  Partilha Justa

Princípios de Design

-  Observe e interaja
-  Capture e armazene energia
-  Obtenha rendimento
-  Pratique a auto-regulação e aceite feedback
-  Use e valore os serviços e recursos renováveis
-  Não produza desperdícios
-  Design partindo do padrão para chegar aos detalhes
-  Integar ao invés de segregar
-  Use soluções pequenas e locais
-  Use e valore a diversidade
-  Use os bens e valore os elementos energéticos
-  Use criativamente e responda às mudanças

 permacultureprinciples.com

 SOCIEDADE BRASILEIRA DE PERMACULTURA
www.brasiliapermacultura.org.br



Agricultura Biológica



Princípios:

- 1º princípio: Fornecer ao consumidor produtos frescos, naturais e de qualidade;
- 2º princípio: Respeita a natureza e toda a biodiversidade existente;
- 3º princípio: Não utiliza produtos de origem química;
- 4º princípio: Respeito animal, garantindo-lhe uma boa qualidade de vida.

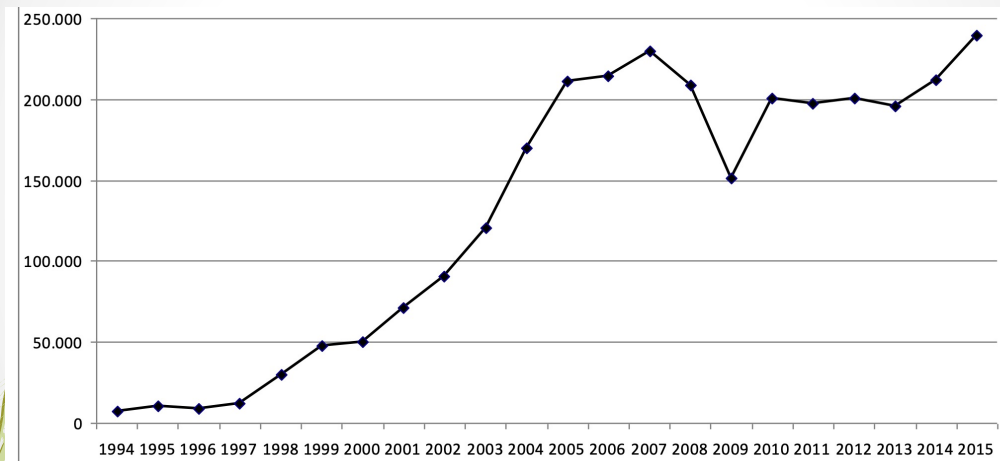
Logotipo da União Europeia para identificar os produtos de agricultura biológica.

<https://www.youtube.com/watch?v=y6MIZ-zkGOU> - Agricultura Biológica

Vantagens	Desvantagens
<ul style="list-style-type: none">• Proteção do ambiente e dos recursos existentes;• Promoção e criação de mais empregos;• Produção de alimentos mais saudáveis e saborosos;• Redução da perda de biodiversidade.	<ul style="list-style-type: none">• Por não conterem produtos químicos os produtos apresentam uma menor durabilidade;• Baixa produtividade e rendimento agrícola;• A aparência dos produtos é inferior aos produtos convencionais (calibre, formato, brilho...);• Custos mais elevados para o consumidores;• Está dependente das condições climáticas;

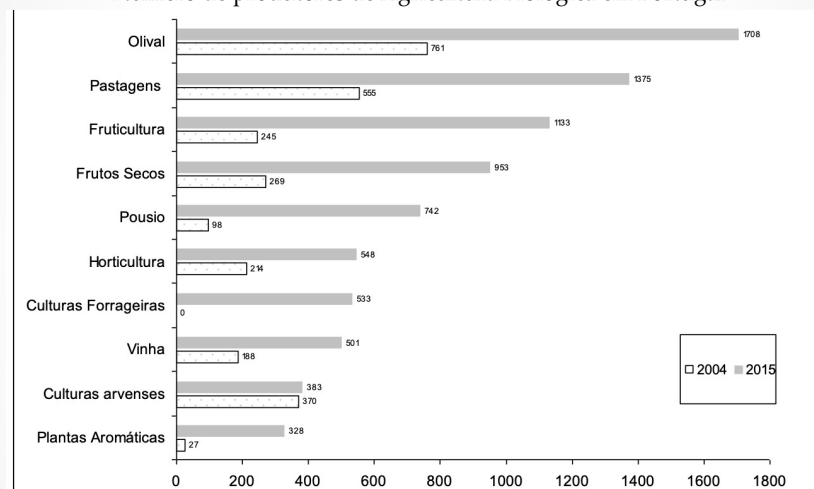
Agricultura Sustentável em Números

Evolução do número de hectares de Agricultura biológica em Portugal

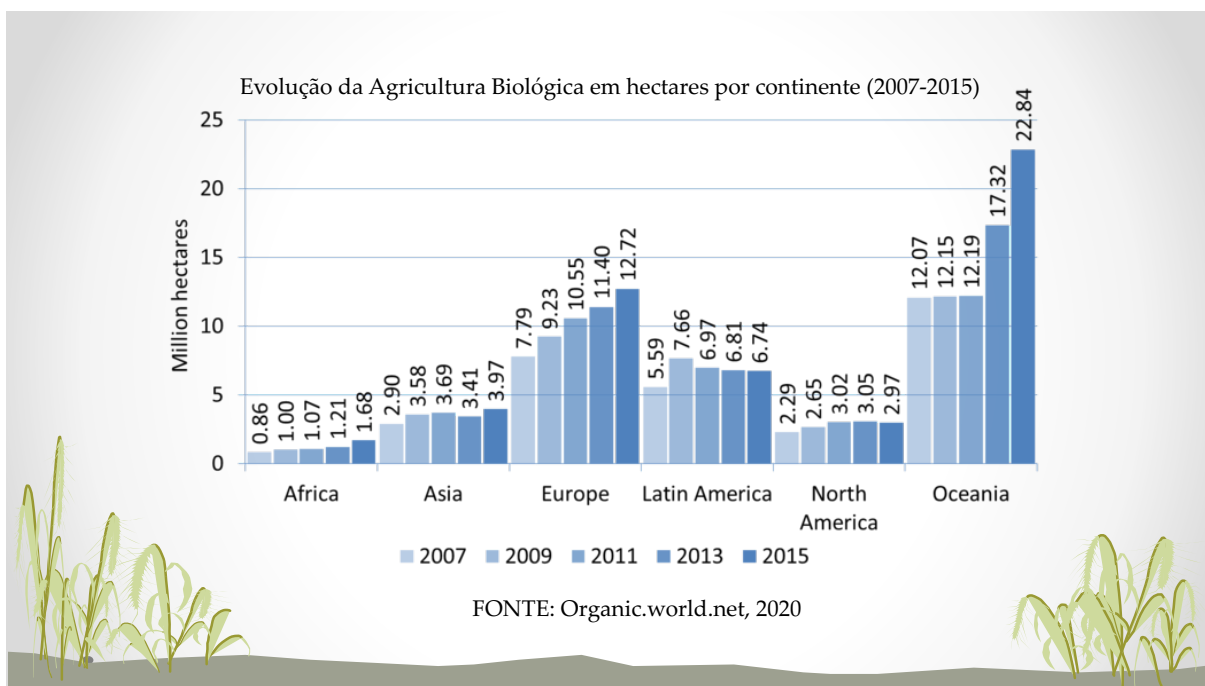
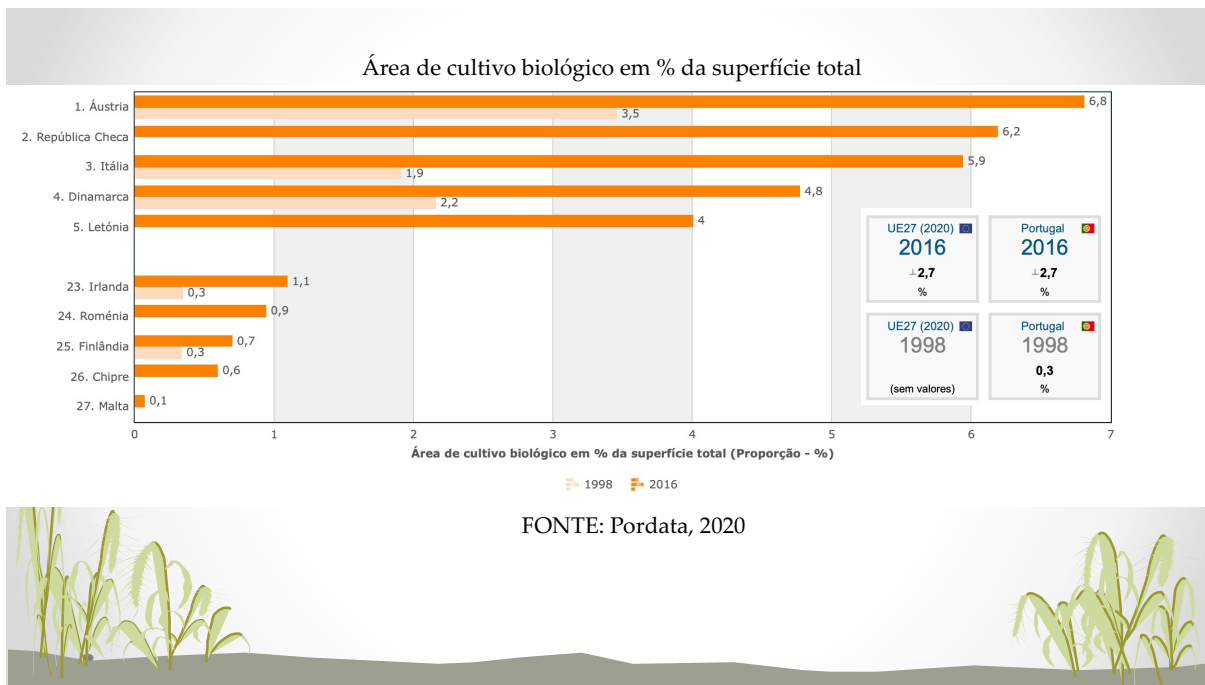


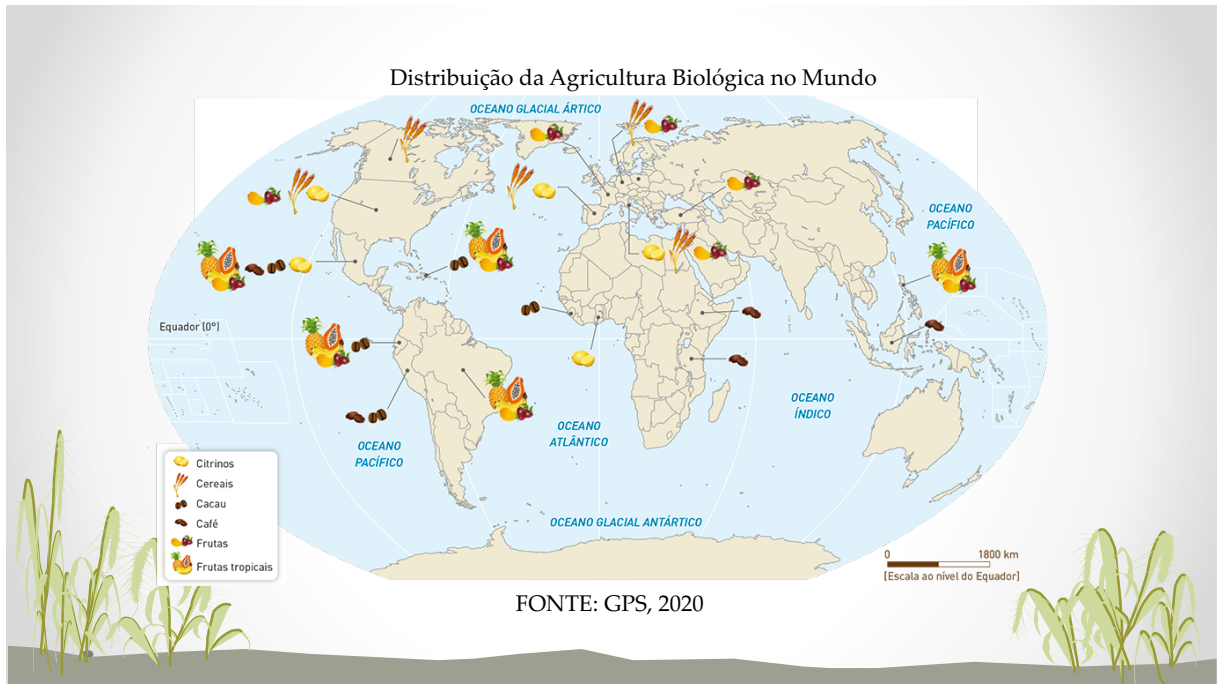
FONTE: Direção Geral da Agricultura, 2020

Número de produtores de Agricultura Biológica em Portugal



FONTE: Direção Geral da Agricultura, 2020







ANEXO 5 – Questão-aula

Colégio de São Teotónio – Escola de Música



Questão-Aula

Nome: _____ Nº: _____

Data: 31/01/2020 Ano/Turma: ____ Observações: _____

Professora e Professora Estagiária: _____

Versão A

1. Atendendo à tabela seguinte, calcule:

Ano/Grupo Etário	0-14	15-64	65 ou mais
2000	1.685.079	6.939.317	1.665.504
2019	1.415.732	6.639.342	2.228.750

Figura 1: População por grupo etário em Portugal (Fonte: Pordata, 2020)

1.1. O índice de Dependência de Jovens, para o ano **2019**

1.2. O índice de Dependência de Idosos, para o ano **2019**

1.3. O índice de Envelhecimento, para o ano **2019**

2. Analise a pirâmide etária seguinte:

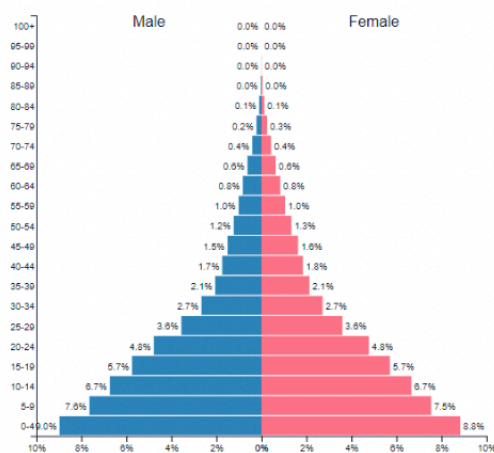


Figura 2: Pirâmide Etária do país x (Fonte: Population Pyramids, 2020)

2.1. Identifique o tipo, as características e o grupo de países a que pertence.

ANEXO 4 – Ficha de Avaliação 1



TESTE DE GEOGRAFIA 8º ANO /

novembro.2019

duração: 50 minutos

- Na tua folha de respostas, indica a versão do teste.
- Nas questões que envolvem seleção escreve de forma clara a tua opção. Nas questões que envolvem aplicação de fórmulas e cálculos, apresenta o problema de forma completa.

V1

1. Lê o texto I, retirado do site do Instituto Nacional de Estatística.

TEXTO I • *O XVI Recenseamento da População e o VI Recenseamento da Habitação - Censos - terão lugar em 2021. Ao longo de mais de 150 anos os Censos têm colocado à disposição da sociedade o maior retrato estatístico de Portugal. Os organismos públicos, as entidades privadas e os cidadãos em geral, reconhecem a utilidade da informação censitária [...]. A preparação dos Censos 2021 está em curso. Contamos consigo!*

CENSOS 2021

1. Diz o que entendes por recenseamento.
2. Explica por que razão os recenseamentos são, atualmente, fundamentais para o planeamento e para o ordenamento do território.

3. Observa o Quadro I, referente a alguns dados demográficos de dois países.

Seleciona a alínea que completa de forma correta cada uma das seguintes afirmações.

QUADRO I

País	População Total	Nascimentos	Óbitos	Imigrantes	Emigrantes
Alemanha	88 800 000	876 980	899 800	238 850	15 312
Nigéria	48 502 000	1 785 920	644 059	8 640	563 430

- 3.1. O valor do crescimento natural da Alemanha foi de...
 (A) - 0,25%. (B) - 22 820 habitantes. (C) 22 820 habitantes. (D) 0,25%.
- 3.2. O valor do saldo migratório da Nigéria foi de...
 (A) - 554 790 habitantes. (B) 554 790 habitantes.
 (C) 1 141 861 habitantes. (D) -1 141 861 habitantes
- 3.3. A análise do quadro permite concluir que a população da Nigéria aumentou no ano em análise. Esta afirmação é...
 (A) falsa, uma vez que o número de emigrantes foi muito superior ao número de imigrantes.
 (B) verdadeira, pois o valor do crescimento efetivo é positivo.
 (C) falsa, visto que o valor do crescimento natural é negativo.
 (D) verdadeira, pois o valor do crescimento natural é positivo.
- 3.4. Calcula a taxa de natalidade da Nigéria no ano em análise.
- 3.5. Calcula o crescimento natural da Alemanha no ano em análise.
- 3.6. Calcula o saldo migratório da Alemanha.
- 3.7. Calcula o crescimento real da Alemanha.

4. Observa os valores dos quadros II e III.

4.1. Analisa o número médio de filhos que cada mulher tem, em média, em Portugal (quadro II). Compara os dados de 1960 com os de 2018.

QUADRO II

Nº de filhos/mulher em idade fértil (Portugal)	
2018	1,41 Indivíduos
1960	3,20 Indivíduos

QUADRO III

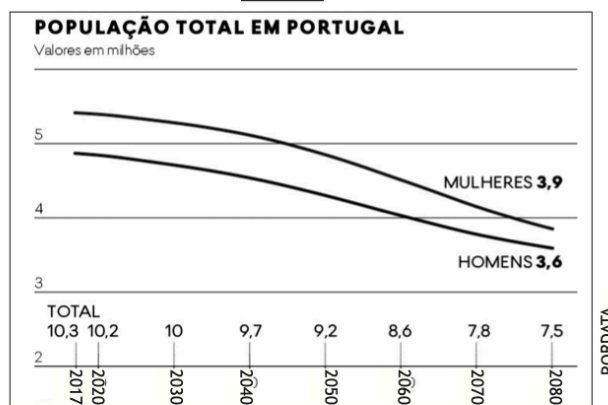
Idade média da mãe ao nascimento do 1º filho (Portugal)	
2018	32,1 Anos (Idade)
1990	27,1 Anos (Idade)

4.2. Procura dar uma explicação para as diferenças encontradas.

4.3. Estabelece uma relação entre o quadro II e o quadro III, de modo a retirares uma conclusão sobre a dimensão média da família em Portugal.

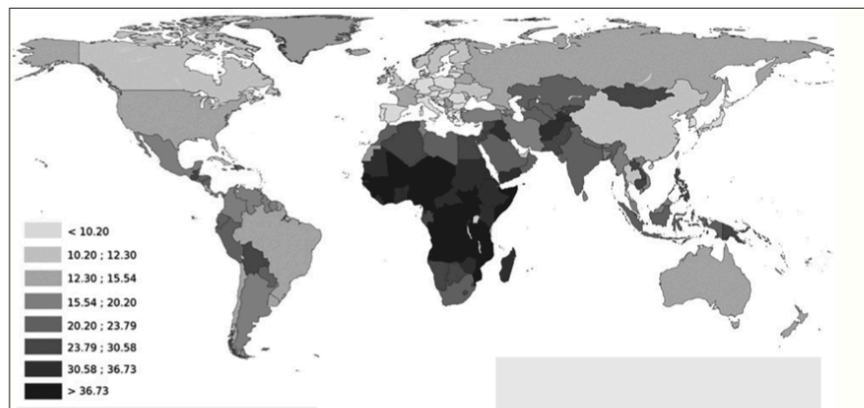
5. Observa a figura 1 com um gráfico sobre a evolução prevista da população em Portugal. Descreve essa evolução.

FIGURA 1



6. Observa o mapa da figura 2, que representa a distribuição mundial da taxa de natalidade.

FIGURA 2 – TAXA DE NATALIDADE NO MUNDO, EM 2016



6.1. Define taxa de natalidade.

6.2. Com base nos dados da figura 2, indica o valor aproximado da taxa de natalidade da França e da Itália.

6.3. Indica o nome de dois países africanos com taxas de natalidade superiores a 36,73‰.

ANEXO 5 – Ficha de Avaliação 2



TESTE DE GEOGRAFIA 8º ANO

fevereiro.2020

V1 duração: 50 minutos

- Na tua folha de respostas, indica a versão do teste.
- Nas questões que envolvem seleção escreve de forma clara a tua opção. Nas questões que envolvem aplicação de fórmulas e cálculos, apresenta o problema de forma completa.

1. Observa o quadro I. Indica a alínea que completa de forma correta cada uma das seguintes afirmações.

QUADRO I

Países	Taxa de Natalidade(‰)	Taxa de Mortalidade (‰)	Esperança média de vida (anos)	Taxa de fecundidade (‰)
Reino Unido	13	9	81	1,8
Portugal	9	10	81	1,3
São Tomé e Príncipe	37	8	66	4,5
Austrália	14	7	82	1,8
Angola	44	12	61	5,7

- 1.1. Em termos demográficos os países desenvolvidos caracterizam-se por...
- (A) apresentar elevadas taxas brutas de natalidade e de mortalidade infantil e uma esperança de vida à nascença reduzida.
 (B) reduzidas taxas brutas de natalidade e de mortalidade infantil e uma elevada esperança de vida à nascença.
 (C) todos os indicadores demográficos apresentam valores elevados.
 (D) nos países de expressão portuguesa presentes no quadro I, está assegurada a renovação de gerações.
- 1.2. Tendo por base os dados do quadro I, a esperança de vida à nascença é mais elevada...
- (A) nos países do continente africano. (B) nos países europeus.
 (C) nos países mais desenvolvidos. (D) nos países em desenvolvimento.
- 1.3. Analisando a taxa de fecundidade apresentada no quadro I, verifica-se que...
- (A) em três países a renovação de gerações está assegurada.
 (B) nos países europeus haverá uma elevada taxa de renovação de gerações.
 (C) só os países africanos apresentam os valores que garantem a taxa de substituição da população.
 (D) em cinco países o valor está abaixo da média que garante a renovação de gerações.
- 1.4. O índice sintético de fecundidade é o número...
- (A) total de nascimentos ocorridos por cada mil habitantes.
 (B) médio de filhos por cada mil habitantes.
 (C) de filhos por mulher necessários para que se verifique a renovação das gerações.
 (D) médio de filhos por mulher em idade fértil (15-49 anos).
- 1.5. A diminuição do índice sintético de fecundidade tem como consequência...
- (A) o rejuvenescimento da população. (B) a diminuição da esperança média de vida.
 (C) o envelhecimento da população. (D) o aumento da natalidade.
- 1.6. A esperança média de vida é...
- (A) a idade que as pessoas atingem.
 (B) o número de anos que um indivíduo, ao nascer, tem probabilidade de vir a viver.
 (C) o número de anos que um indivíduo vive após os 65 anos de idade.
 (D) a idade que, em média, uma dada população espera ainda viver.

2. O mapa da figura 1 representa a distribuição da taxa de mortalidade infantil no mundo, em 2018. Indica a alínea que completa de forma correta cada uma das seguintes afirmações.

FIGURA 1 – TAXA DE MORTALIDADE INFANTIL NO MUNDO, 2018



2.1. A análise do mapa da figura 1 permite concluir que...

- (A) a distribuição da taxa de mortalidade infantil não apresenta contrastes a nível mundial.
- (B) há desigualdades na distribuição das taxas de mortalidade infantil, tendo os países desenvolvidos valores superiores aos dos países em desenvolvimento.
- (C) há contrastes na distribuição das taxas de mortalidade infantil, tendo os países em desenvolvimento valores superiores aos dos países desenvolvidos.
- (D) os valores mais elevados das taxas de mortalidade infantil registam-se nos países da Ásia e da América do Sul.

2.2. Os valores das taxas de mortalidade infantil da generalidade dos países do continente europeu devem-se, entre outras razões,...

- (A) à boa assistência médica materno-infantil e à alimentação equilibrada da mãe e do recém-nascido.
- (B) à maior participação da mulher no mercado de trabalho e ao adiamento do casamento.
- (C) às más condições sanitárias e aos baixos cuidados médicos.
- (D) ao elevado número de partos assistidos por profissionais de saúde e à maior participação da mulher no mercado de trabalho.

2.3. Angola é um dos países do mundo com uma taxa de mortalidade infantil superior a 80‰, o que significa que, nesse país...

- (A) morrem mais de 80 crianças antes de fazerem um ano por cada mil habitantes.
- (B) o número de óbitos em crianças com menos de um ano é superior a 80 por cada mil óbitos totais.
- (C) morrem mais de 80 crianças com idade até 5 anos por cada mil nados-vivos.
- (D) morrem mais de 80 crianças antes de fazerem um ano por cada mil nados-vivos.

2.4. Em Portugal, a taxa de mortalidade infantil desceu de 6,4‰ (em 1997) para 2,7‰ (em 2019). Aponta duas causas para a evolução positiva deste indicador.

2.5. Na generalidade dos países menos desenvolvidos, a taxa de mortalidade infantil ainda apresenta valores bastante elevados. Com base no mapa, indica o nome de três países com uma taxa de mortalidade infantil superior a 39‰.

3. Observa as figuras 2 e 3, referentes às pirâmides etárias do continente africano e da Europa Ocidental, em 2019.

FIGURA 2
PIRÂMIDE ETÁRIA DA ÁFRICA, 2019

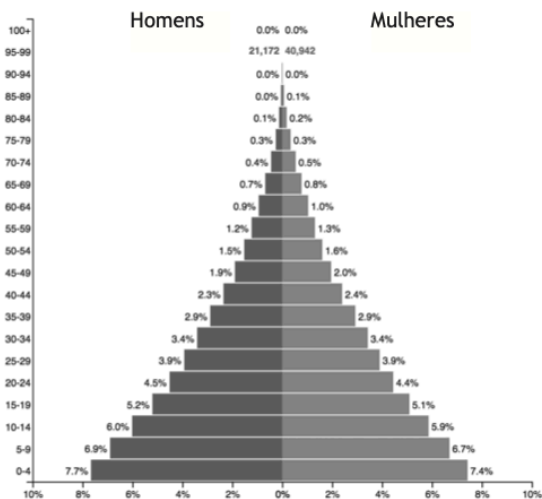
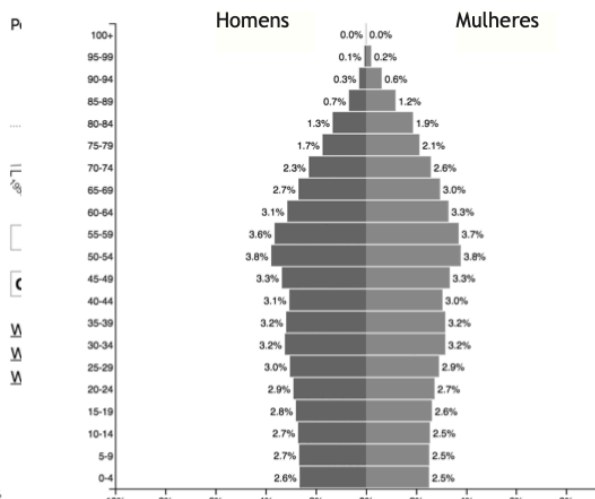


FIGURA 3
PIRÂMIDE ETÁRIA DA EUROPA OCIDENTAL, 2019



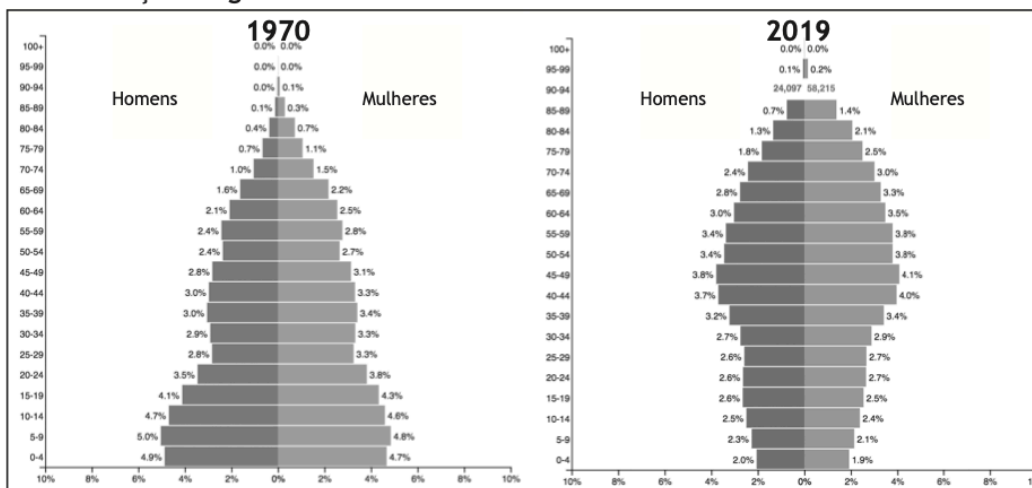
3.1. Classifica como verdadeira (V) ou falsa (F) cada uma das seguintes afirmações.

- Uma pirâmide etária representa a população por classes etárias e por grupos etários e por sexo.
- As classes etárias dividem a população em jovens, adultos e idosos.
- A pirâmide da África apresenta uma base larga, reveladora de uma população muito jovem.
- Nos países da Europa Ocidental o índice sintético de fecundidade é superior a 2,1.
- Na pirâmide africana o índice de envelhecimento é elevado.
- A Europa Ocidental necessita de um rejuvenescimento populacional para fazer face ao elevado índice de envelhecimento.
- A base larga e o topo também alargado são características de países como por exemplo a França.
- Uma classe oca numa pirâmide, representa a diminuição de população num grupo etário devido, por exemplo, a fluxos migratórios.

3.2. Corrige as afirmações falsas.

4. Observa a figura 4 com as pirâmides etárias de Portugal, em 1970 e em 2019. Compara-as quanto à forma e alterações registadas entre as datas consideradas

FIGURA 4
PIRÂMIDES
ETÁRIAS
PORTUGAL



ANEXO 6 – Documento de apoio às aulas síncronas 1

NOTA: Em primeiro lugar, devem marcar presença no tópico da aula e só depois aceder ao *Teams*, para a reunião.

As tarefas pedidas – destacadas a **negrito** (1, 2 ...) – devem de ser colocadas na plataforma.

SUMÁRIO:

A AGRICULTURA SUSTENTÁVEL

Páginas a consultar: 127 e 128 do manual

Podes consultar também o PowerPoint da aula em:

“Agricultura biológica e sustentabilidade

Mas o que é afinal uma **produção biológica** e o que a distingue da agricultura mais convencional ou até intensiva? “Nós respeitamos o que a natureza nos dá, os **únicos químicos que utilizamos são os extraídos da natureza e que ela nos dá, não utilizamos químicos sintéticos**. Isso garante uma alimentação mais saudável e natural. Utilizamos também **flores que combatem pragas** de forma natural sem necessidade de utilizar herbicidas. Há sempre alternativas, é só respeitar a natureza. Não temos de tirar nada do que está na terra, ela consegue gerir-se a ela própria se utilizarmos as suas respostas para ajudar a manter a nossa produção. (...) A **produção biológica é mais lenta** e produz em **menos quantidade**, mas António Fiúza não vê isso como um problema, se o que está em causa é ter uma alimentação mais saudável e que nos dê mais qualidade de vida. “Se posso ter um produto mais natural, que não faça tão mal à saúde, prefiro esperar por ele mais tempo, mas comer melhor e saudável”

Fonte: Comunidade cultura e Arte, 11 de junho 2020 (podes consultar o artigo na íntegra em: <https://www.comunidadeculturaearte.com/agricultura-biologica-e-sustentabilidade/>)

A **agricultura sustentável** veio de certa forma atenuar os impactes causados pela agricultura mais convencional, preservando a biodiversidade e reduzindo a poluição dos solos e dos recursos hídricos. Nesse sentido, podemos distinguir os seguintes tipos de agricultura ambientalmente sustentáveis:

- **Agricultura biológica;**
- **Agricultura natural;**
- **Permacultura;**
- **Agricultura Biodinâmica.**

A **agricultura biológica**, surgiu como um movimento contrário à agricultura produtivista, sendo a mais praticada dos diferentes tipos de agricultura sustentável. Assim, esta poderá ser definida como um modo de produção que não utiliza produtos e fertilizantes químicos, sendo um sistema que procura fornecer aos consumidores produtos frescos, de qualidade e autênticos, respeitando os ciclos de vida da Natureza.

Vantagens	Desvantagens
<ul style="list-style-type: none"> • Proteção do ambiente e dos recursos existentes; • Promoção e criação de mais empregos; 	<ul style="list-style-type: none"> • Por não conterem produtos químicos os produtos apresentam uma menor durabilidade;

<ul style="list-style-type: none">• Está dependente das condições climáticas;• Produção de alimentos mais saudáveis e saborosos;• Redução da perda de biodiversidade.	<ul style="list-style-type: none">• Baixa produtividade e rendimento agrícola;• A aparência dos produtos é inferior aos produtos convencionais (calibre, formato, brilho...)• Custos bastante elevados para o consumidor.
---	---

1. Procura exemplos de produtos biológicos produzidos em Portugal, identificando a região de produção.
2. Na tarefa 2, da aula anterior, foi pedido que te colocasses no lugar de um agricultor e que respondesses às alíneas propostas. Agora, completa tua resposta adicionando as informações seguintes:
 - a. Seguirias uma agricultura sustentável, se sim qual, se não e porquê?
 - b. Que desvantagens irias ter para implementar esta modalidade agrícola?
 - c. O que te motiva a praticar uma agricultura mais sustentável

Para aprofundar:

<https://agrobio.pt/agricultura-biologica/o-que-e/> - Associação Portuguesa de Agricultura Biológica

http://www.biodinamicaportugal.com/?page_id=342 – Associação Portuguesa de Agricultura Biodinâmica

<https://www.youtube.com/watch?v=DAG36Bdmfn4> – vídeo sobre a Permacultura, Bioesfera

<https://www.youtube.com/watch?v=OUfgQyBnOL4> – vídeo sobre Agricultura Biodinâmica

<https://www.youtube.com/watch?v=y6MIZ-zkGOU> – vídeo sobre a Agricultura Biológica

Conceitos a reter: Agricultura Sustentável, Agricultura Biológica, Agricultura Biodinâmica, Agricultura Natural, Permacultura, Biodiversidade, Produtos transgénicos e compostagem.

ANEXO 7 – Documento de apoio às aulas síncronas 2



8º
Aula nº8 – 24 abril de 2020



NOTA: Em primeiro lugar, devem marcar presença no tópico da aula e só depois aceder ao *Teams*, para a reunião.

Para consolidar a matéria do tema anterior – Mobilidade da população – acede ao seguinte link (https://kahoot.it/challenge/07704692?challenge-id=1f7f20fb-cb73-4b25-b778-935957d010b0_1587485445818) na plataforma *kahoot* e introduz o PIN (07704692) e responde às questões que são colocadas. Têm até sábado, dia 25 de abril às 10.00h para resolverem a atividade. Boa sorte!

Sumário: Introdução ao tema 4: “Cidades, principais áreas de fixação humana”.
A origem e classificação das cidades.

Páginas do manual a consultar para a aula: 72, 73 e 83.

Quando estudamos as cidades, existem dois conceitos/grupos que é necessário ter em mente, o **espaço urbano** e o **espaço rural**.

No mundo existem várias cidades que pelas suas características assumem uma importância acrescida, podendo ser consideradas grandes centros políticos, grandes centros económicos e de grande concentração populacional. Entre as características mencionadas anteriormente destacam-se as seguintes cidades: Paris, com 2.148.271 habitantes (2019), Bruxelas, por ser considerado o grande centro político da União Europeia; Tóquio, centro de inovação e tecnologia; Nova Delí, 28 milhões de habitantes (2018); Xangai, como um importante núcleo financeiro e demográfico – 24,2 milhões de habitantes (2019), entre outras.

- 1) **Observa o gráfico da figura 4 da página 73, sobre o ritmo de crescimento da população urbana em países com diferentes níveis de desenvolvimento. Descreve a evolução apresentada.**

- 2) **Regista no teu caderno o conceito e a fórmula de taxa de urbanização.**

Para praticar: Calcula a Taxa de Urbanização para as seguintes cidades e elabora um breve comentário sobre os resultados obtidos.

França – População total: 65.129.728 hab. População Urbana: 52.585.742 hab.

Portugal – População total: 10.226.187 hab. População Urbana: 6.722.695 hab.

Índia – População total: 1.366.417.084 hab. População Urbana: 471.140.841 hab.

(Fonte: Ined.fr 2019)

- 3) Na página 72 do manual, podes estudar **os critérios de classificação das cidades**. Estes não são iguais para todos os países, mas apresentam características semelhantes. Dos critérios utilizados, destacam-se: o Demográfico, o Funcional e o Político ou Jurídico-administrativo. **Regista o conteúdo de cada critério.**

- 4) **Critérios de Classificação das Cidades em Portugal** (página 83 – manual)

Em Portugal, para uma vila ser elevada à categoria de cidade terá de obedecer aos critérios enunciados anteriormente. Assim, para Portugal, a Lei 11/82 de 2 de junho, conjuga os três critérios anteriores e diz o seguinte:

Um aglomerado populacional contínuo recebe o estatuto de cidade se:

- Possuir um número igual ou superior a 8.000 eleitores;
- Possuir, pelo menos, metade de um conjunto de equipamentos coletivos enumerados no 1º parágrafo da página 83, do manual.
- Ou ver reconhecida a sua importância por razões de natureza histórica, cultural e arquitetónica.

Antes, o estatuto de cidade era atribuído pelo reconhecimento dos serviços prestados à coroa ou ao país (ex: Ponta Delgada, elevada a cidade em 1546 pelo serviço prestado no apoio às armadas na Índia).

Também Pinhel, uma cidade do distrito da Guarda, não cumpre atualmente o número de habitantes e eleitores contemplado na lei. No entanto, não perde o estatuto de cidade, atribuído em 1770, pelo rei D. José I, devido ao papel que desempenhou na defesa das fronteiras do país.

5) Para consolidar este tópico, realiza as tarefas 1.1 e 1.2 da página 72.

Conceitos importantes a reter: Cidade, População Urbana, Processo de urbanização e Taxa de Urbanização